

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

**Fronteiras entre ciência e religião:  
darwinismo e catolicismo no Brasil dos  
séculos XIX e XX**

**Brunah Schall**

Belo Horizonte

2014

**Brunah Schall**

**Fronteiras entre ciência e religião:  
darwinismo e catolicismo no Brasil dos  
séculos XIX e XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

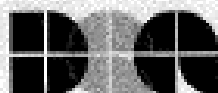
Linha de pesquisa: Teoria Social e Cultura

Orientador: Prof. Renan Springer de Freitas

301 Schall, Brunah  
S298f Fronteiras entre ciência e religião [manuscrito] :  
2014 darwinismo e catolicismo no Brasil dos séculos XIX e XX /  
Brunah Schall. - 2014.  
110 f. : il.  
Orientador: Renan Springer de Freitas.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sociologia – Teses. 2. Seleção natural - Teses. 3. Catolicismo – Teses. 4. Religião e ciência - Teses. 5. Divulgação científica - Teses. I. Freitas, Renan Springer de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



Departamento de Sociologia  
e Antropologia - UFMG

**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE**

**BRUNAH SCHALL E PINTO**

Aos 27 (Vinte e sete) dias do mês de fevereiro de 2014 (dois mil e quatorze) reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado, intitulada "*Fronteiras entre ciência e religião: darwinismo e catolicismo no Brasil dos séculos XIX e XX*". A banca foi composta pelos professores doutores **Renan Springer de Freitas** (Orientador) - SOA-UFMG, **Yuriy Castelfranchi** (SOA-UFMG); e **Bernardo Jefferson de Oliveira** (FAE-UFMG). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação

Aprovação com recomendações ( )

Reprovação ( )

da dissertação.

Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2014.

**Banca Examinadora:**

  
Prof. Dr. Renan Springer de Freitas

  
Prof. Dr. Yuriy Castelfranchi

  
Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira

## Agradecimentos

Foram muitos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para que esta dissertação fosse concluída, e apresento a todos a minha enorme gratidão. Agradeço a Renan Springer de Freitas, por demonstrar interesse e acreditar na proposta deste trabalho, além da excelente orientação, a qual impediu que eu me perdesse entre os vários assuntos que atraíam a minha curiosidade, mas fugiam do objetivo da pesquisa. A Yuriy Castelfranchi pelas aulas em 2011 na disciplina “Ciência e Sociedade: uma introdução aos Science and Technology Studies”, que despertaram meu interesse pela sociologia e minha vontade de fazer um mestrado nessa área, e por contribuir para que esse interesse perdurasse durante todo o curso, nas aulas da disciplina “Teoria Sociológica I”, em conversas, conselhos e dicas de leitura, e nos encontros do Grupo de Pesquisa em Inovação, Cidadania e Tecnociência (InCite). A Bernardo Jefferson de Oliveira, por conversas e encontros de formação inspiradores no museu Espaço do Conhecimento UFMG, dicas de leitura e de filmes. Agradeço a ambos por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa e pelas sugestões que procurei seguir. Às professoras do programa de pós-graduação em Sociologia, Cristina Maria de Castro e Corinne Rodrigues, das quais tive o prazer de ser aluna, e ao professor Cláudio Santiago, pelos conselhos e aprendizado durante a monitoria na disciplina “Abordagens Temáticas em Sociologia”, bem como pela oportunidade de participação em uma de suas pesquisas no Centro de Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais (CPEQS). A Adlane Vilas-Boas pelo carinho e amizade e por ter me iniciado na área da divulgação científica no trabalho na rádio UFMG Educativa, que me levou a buscar a pós graduação em humanas. A Magali Romero Sá por me enviar fotos da revista *A Ordem* e por se encontrar comigo no Rio de Janeiro para conversar sobre a pesquisa.

Sou extremamente grata a Débora d’Ávila Reis pela oportunidade de trabalhar no museu Espaço do Conhecimento UFMG, onde pude aprender muito observando sua maneira de pensar e seu entusiasmo pela ciência, a qual conjuga com uma profunda sensibilidade para questões humanas e a preocupação com problemas sociais. Sua proposta de desenvolvimento de um teatro sobre Charles Darwin possibilitou que eu entrasse em contato com literaturas que desconhecia e que contribuíram de maneira

significativa para esse trabalho. Além disso, agradeço pela sua amizade, conselhos e compreensão em momentos de estresse, em relação ao trabalho e ao mestrado, e nas aventuras vividas durante a viagem para o congresso na Polônia. Agradeço as colegas do setor educativo do museu, Juliana Prochnow e Rúbia Fernanda Pinto, que mais do que colegas, foram amigas e exemplos de profissionais, com quem aprendi muito e continuo aprendendo, e cuja cooperação foi fundamental para que esse trabalho pudesse ser concluído. A Verona Segantini, do setor de expografia do museu, pela oportunidade de trabalho em conjunto, e Marina Assis Fonseca, por deixar de herança o projeto de acessibilidade, no qual tenho tido muita satisfação em trabalhar. Sou grata a toda a equipe de mediadores do museu, formada por estudantes de graduação da UFMG de diversos cursos, com os quais aprendi sobre os mais variados assuntos e sobre as diferentes formas de considerar um mesmo tema. Agradeço em especial a Ronny Stevens, Simon de Oliveira, Julia Lazzarini e Marcelo Dias pela contribuição na elaboração de intervenções teatrais no museu. Ao Marcelo agradeço também pela ajuda durante o tempo em que compartilhou comigo o cargo de assessor educacional. Aos estagiários, Ana Cláudia Rufino, Amanda Macedônio, Rogério Lucas e Raísa Rodarte pela enorme ajuda no trabalho do museu. Enfim, agradeço a todos que fazem parte do museu e que possibilitaram a incrível experiência de trabalhar nesse ambiente.

Agradeço imensamente aos meus pais, Virgínia e Roberto, que são as pessoas mais importantes da minha vida, e sem o apoio dos quais não teria finalizado o curso de graduação e o mestrado. Ao meu irmão Daniel, aos meus primos-irmãos, tios e avós pelo carinho e compreensão quanto a minha ausência em alguns momentos para escrever a dissertação. Aos meus queridos amigos de sempre, Ana Carolina Andrade, Ana Luiza Ferreira, Carolina Neves, Luma Schall, Marcos Caldas, Paula Valle e Yvonne Mól, por estarem comigo em todos os momentos mais importantes e nos insignificantes também, que pela sua companhia se tornaram inesquecíveis. Às minhas amigas cinéfilas, Nara Padua Moraes e Maria Isabel Martins, pelas maratonas de filmes e séries e por ouvirem meus desabafos todos os dias. Às amigas de “bar e boi”, Barbara Muniz e Mariana Santos, às amigas do “crazypuff” e aos amigos do curso de Biologia e da BioJr, especialmente Karina Schultz, cuja companhia me faz tanta

falta. A Suzane Simões de Sá, Silvio Soares Ribeiro Junior e aos demais amigos do intercâmbio, pelos inesquecíveis seis meses em Leeds e pela amizade que mantemos forte até hoje, mesmo à distância. Aos amigos da Sociologia, principalmente a dupla Leandro e Leonardo e a Cláudia, Luciana, Natália, Fabíola, Flávia, Bruno, André, Luana, Valéria, Luis, Glauber e Vitor, por todos os encontros na sala de estudos e no CPEQS, os intervalos para o café, a viagem para Mariana, os vários encontros em bares, cinemas, churrascos e festas, e por lerem ou me ouvirem falar sobre o trabalho e me ajudarem com sugestões.

Por fim, agradeço a CAPES pela bolsa concedida e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela valiosa oportunidade de formação científica.

## Resumo

Desde a publicação de *A Origem das Espécies*, em 1859, até os dias atuais as ideias de Darwin sobre a evolução das espécies despertaram ao redor do mundo diversas reações de cientistas e religiosos. A discussão sobre a pertinência da ideia da evolução conduziu a um debate sobre as fronteiras entre ciência e religião, o qual foi o foco deste trabalho. O Brasil fez parte desse debate, não de maneira a contribuir com argumentos originais significativos, mas incorporando ideias de intelectuais estrangeiros, as quais foram levadas à imprensa de circulação popular. A partir da pesquisa em periódicos encontrados no portal da Hemeroteca Digital Brasileira e no acervo digital do jornal *O Globo* foi possível identificar os principais personagens e contextos envolvidos no debate e as questões recorrentes que levaram ao descarte ou a integração do pensamento darwiniano pelo pensamento católico. Perpassam por essas questões as maneiras como cientistas e religiosos disputam a autoridade sobre o conhecimento e seu ensino e como esses definem as fronteiras entre seus domínios em busca de garantir um poder de influência social. Entretanto, as opiniões dos dois lados muitas vezes se cruzam, e as fronteiras que os separam se modificam de acordo com o contexto. Além disso, mesmo ao se posicionarem como opostos ao darwinismo, católicos mantiveram uma visão favorável à ciência como um todo. Assim, propõe-se que o darwinismo não foi necessariamente um tópico de conflito entre cientistas e religiosos, mas sim entre os que consideravam ideias evolutivas compatíveis com a religião e aqueles que as percebiam como opostos excludentes.

**Palavras-chave:** darwinismo, catolicismo, fronteiras entre ciência e religião, teoria da evolução, evolucionismo, origem das espécies, divulgação científica, reação católica brasileira.



## Abstract

Since the publication of *The Origin of Species*, in 1859, until nowadays Darwin's ideas about the evolution of species arose many reactions of scientists and religious people around the world. The discussion about the relevance of the idea of evolution led to a debate about the frontiers between science and religion, which were the focus of this work. Brazil took part in this debate, not by introducing original and significant arguments, but by incorporating ideas from foreign intellectuals, which were broadcasted in the popular press. In the research of periodicals found in the portal of Hemeroteca Digital Brasileira and in the digital collection of the journal *O Globo* it was possible to identify the main characters and contexts involved in the debate, and the most frequent questions that led to the discharge or the integration of the darwinian thought by the catholic thought. Through this questions pervade the ways by which scientists and religious people dispute the authority over knowledge and teaching, and how they define the frontiers between their domains with the purpose of ensuring a power of social influence. However, the opinions of both sides were often mixed, and the frontiers that separated them were modified according to the context. Besides, even when catholics were opposed to darwinism, they kept a favorable vision about science as a whole. In this way, it is proposed that darwinism was not necessarily a topic of a conflict between scientists and religious people, but among those who considered that evolutionary ideas were compatible with religion and those who perceived them as exclusive opposites.

**Key-words:** darwinism, catholicism, frontiers between science and religion, theory of evolution, evolutionism, origin of species, science communication, brazilian catholic reaction.

# Sumário

## Introdução 9

### Parte I – Genealogias 16

1.1 A divulgação do “caldeirão conhecido como darwinismo” 16

1.2 Curiosos da natureza, Agassiz e o Imperador 19

1.3 “O primeiro propagador da sciencia dos macacos entre nós” 22

1.4 “Em que irá dar tudo isso, Deos nosso?” 28

1.5 “Vou esbodegar com os taes Darwin, Höckel *et caterva...*” 32

1.6 Criatura de Deus ou larva aperfeiçoada? 36

1.7 O evolucionismo do barbeiro 39

1.8 Sem medo de Darwin 42

### Parte II – Analogias 46

2.1 Fato ou Hipótese? A questão do método 46

2.2 Origem da vida ou Origem das espécies? A questão do materialismo 56

2.3 Adão ou Macaco? A questão da origem do homem 67

2.4 Individualismo ou Solidariedade? A questão da luta pela sobrevivência 75

2.5 Permanência ou Transformação? A questão do progresso 82

2.6 Intervenções ou Leis? A questão da forma de governo divino 89

### Considerações finais 99

### Referências 103

## Introdução

Quando as opiniões analisadas neste livro a respeito da *Origem das Espécies*, opiniões que o Sr. Wallace afirmou também no jornal da Sociedade Lineana, ou então idéias semelhantes a essas, forem admitidas consensualmente, podemos até prever a importante revolução que isso ocasionará na História Natural.<sup>1</sup>

Charles Darwin tinha razão ao fazer a previsão acima no último capítulo de seu livro *A Origem das Espécies*, cuja primeira edição foi publicada em 1859. Suas ideias causaram uma revolução<sup>2</sup> conceitual na História Natural e outras áreas da ciência, além de repercussões culturais e sociais. Antes de Darwin outros já haviam proposto que as espécies evoluíam, e juntamente com ele o naturalista Alfred Russel Wallace propôs o mecanismo de seleção natural. Porém, nenhum naturalista foi capaz de expor suas opiniões de maneira tão madura e convincente como Darwin. Segundo Leakey (1982, p.9) “A primeira edição de *A Origem das Espécies* esgotou-se no primeiro dia de publicação, 24 de novembro de 1859”, e o livro continua sendo publicado e já foi traduzido para trinta línguas. A revolução provocada pela teoria da evolução, no entanto, não foi a mesma em todo o mundo devido às especificidades de cada contexto, sendo impossível formular uma única narrativa sobre a disseminação do darwinismo (HJERMITSLEV, 211, p. 280). David Hull (1984) chega a afirmar que “nenhuma correlação parece existir entre a recepção da teoria de Darwin ao redor do

---

<sup>1</sup> Retirado de uma tradução brasileira de *A origem das espécies*: DARWIN, C. 2005. **A Origem das Espécies**. Tradução John Green. São Paulo: Editora Martin Claret, p. 567.

<sup>2</sup> Bowler (2003) argumenta que não houve revolução darwiniana no sentido de revolução científica como definida por Kuhn, apesar do próprio citar o episódio como exemplo. Kuhn se baseia na destruição de uma visão teleológica da natureza realizada por Darwin, porém Bowler afirma que isso não representa uma mudança de paradigma, mas um processo gradual que continua em andamento, pois apenas recentemente um conceito crucial, como do de seleção natural, passou a ser acolhido sem maiores discordâncias. Para o autor a revolução aconteceu, na verdade, em uma série de estágios bem definidos, espalhados durante um século ou mais, dentre os quais um dos mais importantes foi a conversão da comunidade científica ao evolucionismo feita por Darwin. Entretanto, defende que outros estágios tiveram o mesmo nível de influência, como a revolução Mendeliana. Para mais detalhes consultar BOWLER, 2003, p. 24.

mundo e as características gerais dessas sociedades; pelo menos nenhuma já foi demonstrada”<sup>3</sup> (tradução nossa). Entretanto, existem algumas tentativas de estabelecer padrões e comparações entre a recepção em diferentes regiões. Thomas F. Glick procura fazer algumas generalizações sobre a recepção científica do darwinismo ao redor do mundo no artigo *The Comparative Reception of Darwinism: A Brief History* (2010). Glick compara a recepção do darwinismo em países da América Latina e da Europa Oriental e afirma que um ponto em comum entre esses foi a centralidade do pensamento darwiniano na conceituação da identidade nacional. O medo da degeneração devido à miscigenação étnica era tema de discussão em diversos países dessas regiões, incluindo o Brasil. Antes do artigo mencionado, Glick editou o livro *The Comparative Reception of Darwinism* (primeira edição de 1974). No entanto, apesar do título, apenas os três últimos capítulos desse livro de 505 páginas parecem realmente fazer uma comparação, sendo o restante dos capítulos dedicados ao estudo da recepção em países específicos ou no mundo islâmico. As comparações ajudam a estabelecer relações interessantes entre os contextos e a maneira que o pensamento darwiniano é recebido e disseminado. Como o próprio Darwin comenta em carta ao seu editor John Murray, notando as diferentes respostas ao seu trabalho na França e na Alemanha: “É curioso como a nacionalidade influencia a opinião”<sup>4</sup> (tradução nossa).

No caso da recepção brasileira às ideias de Darwin, Glick afirma no livro *A Recepção do Darwinismo no Brasil* (2003), que “a recepção de Darwin no Brasil pareceu menos problemática do que na maioria dos outros países católicos” (GLICK, 2003, p. 23). Aponta três razões para isso: o imperador Dom Pedro II não era de todo contrário a Darwin; a elite católica viu no darwinismo uma oportunidade de legitimar a supremacia branca; e no controle das principais instituições científicas (museus e faculdades) estavam simpatizantes do darwinismo. O imperador D. Pedro II foi

---

<sup>3</sup> “On a larger scale, no correlation seems to exist between the reception of Darwin’s theory around the world and the larger characteristics of these societies; at least none has been demonstrated”. (HULL, 1984, p. 923).

<sup>4</sup> “It is curious how nationality influences opinion”. (DARWIN, C. In: DARWIN, F., 1887, p. 118.)

chamado por Joaquim Nabuco de “católico limitado”, pois “conciliar o deísmo de fonte católica e as ideias evolucionistas, da ciência de seu tempo, eis a sua estranha síntese.” (VILLAÇA, 1975, p. 55). Da mesma forma, Ladislau Netto e João Batista de Lacerda, cientistas diretores do Museu Nacional (o primeiro entre 1875-1893 e o segundo entre 1895-1915), combinavam a ideia de Deus com a de seleção natural, e defendiam um darwinismo que na verdade priorizava mecanismos lamarckistas de evolução (VERGARA, 2009, p. 388). Esse tipo de conciliação entre ciência e religião parece ser o que leva Glick a afirmar que a recepção no Brasil foi menos problemática do que em outros países católicos. Ele baseia a sua comparação principalmente na Espanha, país no qual houve uma polarização extrema entre religião, política e darwinismo: “não existia – levando-se em consideração quase a totalidade – nenhum darwinista que fosse religioso e nenhum político conservador que fosse darwinista, sendo que a única exceção significativa era de um grupo de clérigos católicos progressistas.” (GLICK, 2003, p. 23).

Entretanto, a ausência de uma polarização entre religiosos e darwinistas não necessariamente significa a ausência de conflito. De acordo com Brooke (2003, p. 203), na recepção do darwinismo na Inglaterra é um erro assumir que toda a comunidade científica estava unida a favor de Darwin ou que todos os teólogos cristãos se alinharam contra ele. Havia conflito, mas não simplesmente entre teístas que rejeitavam a teoria darwinista e ateístas que a favoreciam. O embate acontecia, sobretudo, entre aqueles que acreditavam que o Cristianismo e darwinismo eram compatíveis e os que defendiam que não, havendo cientistas e religiosos de ambos os lados. O quadro da recepção da teoria da evolução é muito mais complexo e interessante do que uma simples dicotomia entre ciência e religião, pois as ideias de Darwin despertaram um número grande de interpretações, que foram usadas para defender pontos de vista diametralmente opostos. Como afirma Hull (1988, p. 388), o darwinismo foi visto ao mesmo tempo como “materialismo luxuriante, um ataque ateísta à fé cristã, positivismo inalterado, um golpe mortal na teleologia”, como “especulação irresponsável, um ultraje contra a ciência positivista, um renascimento da teleologia, prova da mão beneficente de Deus, e uma conspiração cristã para subverter a fé mulçumana”, e ainda “uma arma intelectual contra aristocracias

entrincheiradas, justificação para as políticas econômicas do laissez-faire, uma desculpa dos poderosos para subjugar os fracos, e a base para a teoria econômica Marxista.” (tradução nossa)<sup>5</sup>.

Mesmo dentro do contexto de cada país há uma diversidade muito grande de reações e interpretações da teoria de Darwin. De acordo com o grupo que é estudado (naturalistas, cientistas sociais, filósofos, políticos, jornalistas, religiosos, sociedade em geral) ou com o objeto de estudo (publicações e conferências científicas ou religiosas, sermões, jornais de grande circulação, etc.) pode-se chegar a diferentes conclusões sobre o impacto do darwinismo. Por exemplo, o debate entre Thomas Henry Huxley e o bispo de Oxford Samuel Wilberforce em 1860 é considerado um episódio relevante na história da recepção do darwinismo na Inglaterra do século XIX<sup>6</sup>. No entanto, segundo Ellegard (1958, p. 380), o famoso conflito entre Huxley e o bispo não foi reportado por nenhum jornal diário de Londres na época, sendo mencionado apenas em poucas revisões semanais da imprensa. Esse exemplo demonstra como nem sempre um acontecimento relevante para cientistas e religiosos gera uma grande repercussão popular.

No Brasil, grande parte dos estudos sobre a recepção do darwinismo tem enfoque na comunidade científica. Em busca de uma compreensão mais abrangente sobre a percepção pública das ideias de Darwin, este trabalho tem como objeto de análise a imprensa periódica de circulação popular. A imprensa pode ser uma boa ferramenta para avaliar tanto a postura de cientistas e religiosos envolvidos nos textos, quanto a do público em geral, uma vez que os meios de comunicação ao mesmo tempo seguem e influenciam a opinião de seus leitores. Segundo Hjerimitslev (2011, p.

---

<sup>5</sup> “Darwinism was many things to many people. It was rank materialism, an atheistic attack on the Christian faith, unadulterated positivism, a death blow to teleology. Simultaneously it was irresponsible speculation, an outrage against positivistic science, a rebirth of teleology, proof of the beneficent hand of God, a Christian plot to subvert the Muslim faith. It was also an intellectual weapon to use against entrenched aristocracies, a justification for laissez-faire economic policies, an excuse for the powerful to subjugate the weak, and a foundation for the Marxian economic theory.” (HULL, 1998, p. 388).

<sup>6</sup> Em resposta ao questionamento do bispo sobre a origem do homem no macaco, Huxley teria falado que preferia ser descendente de um macaco do que estar ligado a um homem que usa seus poderes para obscurecer a verdade. Alguns autores questionam as interpretações desse debate, e argumentam que na verdade a intervenção mais decisiva não foi a de Huxley, mas a do botânico Joseph Dalton Hooker.

282), historiadores têm voltado sua atenção para o estudo de periódicos de circulação popular (não científicos), pois esses têm uma influência maior na opinião pública sobre ciência do que livros. Os periódicos atingem um público maior e possuem uma dinâmica que abriga opiniões conflitantes sobre questões culturais, políticas, teológicas e científicas, apresentadas por múltiplas vozes, sendo um campo frutífero para o estudo da recepção do darwinismo.

A principal fonte de dados desse trabalho foi o portal da Hemeroteca Digital Brasileira (<http://hemerotecadigital.bn.br/>), organizada pela Fundação Biblioteca Nacional, que disponibiliza cerca de cinco milhões de páginas digitalizadas de periódicos brasileiros desde 1808. A Hemeroteca Digital oferece as opções de pesquisa por periódico, período e local. Decidiu-se concentrar a pesquisa em periódicos do Estado do Rio de Janeiro, que conta com o maior número de publicações digitalizadas, sendo aproximadamente 270, enquanto o Estado de São Paulo, para efeito de comparação, possui 71. A cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil por muitos anos (1763-1960), veiculava notícias de todo e para todo o país, influenciando a opinião nacional. Além disso, a imprensa brasileira, nascida nessa cidade em 1808 “desde seu início não se caracterizou por ser um veículo homogêneo política e ideologicamente” (OLIVEIRA, 2010, p. 1), sendo uma fonte representativa de opiniões diversificadas.

Inicialmente foi realizado um estudo exploratório por décadas, começando pela década de 1850 a 1859, por incluir o ano de publicação de *A Origem das Espécies* (1859). Para a busca foram selecionados todos os periódicos do Estado do Rio de Janeiro, utilizando os seguintes termos e palavras-chave: Darwin, origem das espécies, darwinismo e evolucionismo. As palavras darwinismo e evolucionismo não foram encontradas nas duas primeiras décadas de pesquisa (1850-1859 e 1860-1869), mas após esse período apenas elas passaram a ser usadas, por direcionarem melhor a pesquisa de acordo com o objetivo desse trabalho. A busca foi realizada dessa maneira até a década de 1900-1910. Nos anos seguintes os resultados foram se tornando cada vez mais abundantes, e devido ao tempo limitado da pesquisa (circunscrito a 24 meses de mestrado) não foi possível continuar com a leitura de todas as ocorrências. Por isso, optou-se por focar a busca pelas palavras-chave apenas na imprensa católica,

tendo em vista o objetivo desse trabalho. No Rio de Janeiro a partir de 1910 foram encontrados digitalizados o jornal católico *A União* e a revista católica *Vida: revista universitária*. O jornal católico *A Ordem*, lançado em 1921, não se encontra digitalizado, mas utilizou-se a tese de doutorado de Jacqueline Ribeiro Cabral (2011) como fonte de material desse jornal. Algumas outras palavras também foram usadas na pesquisa pela Hemeroteca Digital, escolhidas devido a sua frequência nos resultados e pertinência para o tema. Essas foram: Haeckel, monismo, Miranda Azevedo e Ferri.

Por meio da leitura do livro *O pensamento católico no Brasil* (edição de 1975 e 2006), de Antônio Carlos Villaça, tomou-se conhecimento do movimento de reação católica, no qual intelectuais católicos se engajaram em questões sobre ciência e religião. Alguns nomes citados por Villaça foram pesquisados pelos catálogos de acervos da Fundação Biblioteca Nacional (<http://www.bn.br/portal/>), em conjunto com as palavras Darwin, evolução, darwinismo e evolucionismo. Os principais resultados dessa busca foram os artigos sobre evolução escritos por Gustavo Corção, figura influente no movimento de reação católica, para o jornal *O Globo*, principalmente entre os anos 1972 e 1978. Esse material está presente no acervo de Manuscritos, disponível apenas para consulta na sede da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Entretanto, eles puderam ser encontrados também no acervo digital do jornal *O Globo*, disponível online (<http://acervo.oglobo.globo.com/>), e essa opção foi escolhida como fonte de dados.

O trabalho cobre um grande espaço de tempo, da década de 50 do século XIX ao início do século XXI, porém, a pesquisa não foi realizada de forma contínua dentro de todo esse intervalo. Foram definidos recortes congruentes com o problema de pesquisa, o qual orientou a escolha de palavras, termos, jornais, figuras e episódios representativos da recepção do pensamento darwiniano por parte do pensamento católico brasileiro. Além da extensão temporal, destaca-se a abrangência do tema, o qual não se esgota com os casos aqui apresentados.

Foram encontrados discursos com temáticas semelhantes em épocas diferentes, que não poderiam ser apresentados juntos dentro de uma ordem cronológica. Por isso, este trabalho está dividido em duas partes: genealogias e



analogias. Na primeira parte faz-se um traçado ao longo do tempo, contextualizando e ligando as principais figuras, episódios e instituições relacionados ao darwinismo que aparecem na imprensa. Inicialmente discute-se o movimento chamado darwinismo, dentro do qual se encontram diversas interpretações sobre evolução, nem todas necessariamente ligadas a Darwin. Em seguida apresenta-se o contexto imediato após a publicação de *A Origem* no Brasil, marcado por ideias criacionistas, como as do naturalista Agassiz. A cronologia segue até o início do século XIX, quando a evolução deixa de ser considerada por católicos como uma ameaça. Na segunda parte são estabelecidas relações entre textos de diversas décadas que envolvem as mesmas questões. Foram selecionados temas que consistiram em problemas ou oportunidades de conciliação para católicos em relação à teoria da evolução. Um exemplo disso é a ausência de explicação sobre a origem primeira da vida no trabalho de Darwin, o qual foi um problema quando cientistas propuseram origens materialistas, mas ao mesmo tempo foi um espaço para conciliar a evolução com a criação divina. Como fio condutor das duas partes está o debate sobre a fronteira entre ciência e religião, que representa o cerne do objetivo deste trabalho: identificar e discutir nos diálogos entre darwinismo e catolicismo na imprensa do Rio de Janeiro os modos como ciência e religião são definidas, relacionadas ou diferenciadas, e por trás dos quais estão representações sobre o conhecimento, como este deve ser alcançado e quais as implicações do saber em áreas que envolvem a construção social da realidade humana perante a natureza e o universo como um todo.

# Parte I - Genealogias

## 1.1 A DIVULGAÇÃO DO “CALDEIRÃO CONHECIDO COMO DARWINISMO”<sup>7</sup>

Eu às vezes penso que tratados gerais e populares são quase tão importantes quanto trabalhos originais para o progresso da ciência.” (tradução nossa).<sup>8</sup>

A passagem acima foi retirada de uma carta enviada por Charles Darwin a Thomas Henry Huxley, na qual tentava convencer o amigo a escrever um tratado popular sobre zoologia. Darwin reconhecia em Huxley um talento para escrever para audiências populares, enquanto duvidava de sua própria capacidade de comunicação para não cientistas, afirmando que seu estilo era “incrivelmente ruim e difícil de tornar claro e fácil” (tradução nossa)<sup>9</sup>. A preocupação de Darwin era válida; ele percebia que o sucesso de sua teoria dependeria da aceitação popular, não apenas da de cientistas (LIGHTMAN, 2009, p. 2). Apesar de vender bem, o livro *A Origem das Espécies* não caiu no gosto popular tanto quanto trabalhos de divulgadores da teoria, como T. H. Huxley, Ernst Haeckel e Herbert Spencer, os quais não apenas promoviam as ideias de Darwin, como as reinterpretavam de acordo com suas convicções. Dessa forma, como defende Hull (1988, p. 391), o próprio Darwin parece ser comparativamente uma figura menor no amplo movimento denominado darwinismo.

No Brasil, além das obras dos supracitados nomes estrangeiros, intelectuais nacionais em conferências, sociedades, museus, salas de aula, colunas e artigos científicos e/ou filosóficos na imprensa periódica e especializada contribuíram para

---

<sup>7</sup> Expressão retirada de DOMINGUES & SÁ, 2003, p. 119.

<sup>8</sup> “I sometimes think that general & popular Treatises are almost as important for the progress of science as original work.” Carta de Charles Darwin a Thomas Henry Huxley, de 4 de janeiro de 1865. Darwin Correspondence Database, <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-4738> Acesso em 03/1/2014.

<sup>9</sup> “I find the style incredibly bad, and most difficult to make clear and smooth.” Carta de Charles Darwin a John Murray, de 14 de junho de 1859. Darwin Correspondence Database, <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-2469> Acesso em 03/01/2014.

tornar ideias evolutivas e o nome de Darwin mais conhecido no país, seja de maneira positiva ou negativa. Esses divulgadores também imprimiam ao darwinismo suas interpretações pessoais, as quais nem sempre correspondiam às ideias originais do naturalista. Em consequência, como aconteceu na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos (LIGHTMAN, 2009, p. 16), as audiências populares brasileiras receberam mais relatos sobre o processo evolutivo enfatizando sua natureza progressista, seu propósito maior e seu significado religioso do que popularizações fiéis às ideias de Darwin.

Segundo Domingues e Sá (2003, p. 100), o *darwinismo* (evolução da forma que Darwin a entendia), encontrou contestadores no meio científico brasileiro, mas o mesmo não aconteceu com a ideia de evolução, em um sentido mais amplo. O que pode ser chamado de *evolucionismo* conquistou mais adeptos no país do que uma corrente teórico-epistemológica que possa ser remetida a Darwin. Entretanto, a utilização dos termos *darwinismo* e *evolucionismo* na divulgação em conferências e na imprensa não seguiu um padrão, e muitas vezes qualquer corrente evolucionista era identificada como darwinista, independentemente da existência de diferenças interpretativas (CARULA, 2012, p. 82). Além disso, Gualtieri (2008, pp. 20-21) afirma que três aspectos da evolução darwiniana eram assimilados de maneira diferente: “A ideia de seleção natural, a incorporação do ser humano no reino animal e a exclusão de um Criador agindo diretamente no processo de transformação orgânica.” (GUALTIERI, 2008, pp. 20-21). Não compartilhar uma dessas assertivas ou mesclar as ideias de Darwin com a de outros evolucionistas não significava ser antidarwinista. Por exemplo, Huxley, conhecido por ser um ferrenho defensor do darwinismo, chegando a ganhar o apelido de bulldog de Darwin, não era adepto da seleção natural.

Traduções foram outro fator que contribuiu na criação de um darwinismo Lamarckista, progressista e antirreligioso. *A Origem* aparentemente demorou a ser publicada por uma editora brasileira e segundo Glick (2003, pp. 21-22) traduções francesas e alemãs são encontrados em abundância em bibliotecas de centros de ciência brasileiros. Em pesquisa nos arquivos da Biblioteca Nacional, a edição mais antiga encontrada de *A Origem das Espécies* (1859) publicada por uma editora brasileira é de 1974 (editora Hemus – São Paulo). O livro *A Descendência do Homem*, apesar de ser posterior (1871), possui uma versão brasileira mais recente nos

registros da biblioteca, de 1933 (editora Marisa – Rio de Janeiro). Em Portugal o livro de 1871 é traduzido para o português em 1910 e o de 1859 em 1913 (PEREIRA, 2010, p. 649), e também na Espanha há uma tradução para *A descendência do homem* ao menos em 1876 e para *A Origem das Espécies* apenas em 1877 (GLICK, 1988, p. 310). A prioridade de tradução do livro sobre a origem do homem não é arbitrária, uma vez que o assunto despertou um interesse público significativamente maior e afetou mais os católicos (MORENO, 1988, p. 349).

Em francês já havia em 1862 uma tradução para o livro de 1859 e em 1872 para o livro de 1871 (PEREIRA, 2010, p. 650). Entretanto, a tradução francesa de *A Origem* possuía algumas diferenças importantes em relação ao original. A tradutora Clémence Royer adicionou ao livro um prefácio anticlerical, colocou um título<sup>10</sup> que enfatizava a natureza progressista da evolução e traduziu a palavra *seleção* como *eleição*, dando significado teleológico ao conceito de seleção natural, tornando-o mais próximo às ideias de Lamarck (GLICK, 2010, p. 700 e HULL, 1988, p. 390).

Quanto à versão em alemão, o tradutor H. G. Bronn omitiu passagens que achou ofensivas e adicionou um apêndice altamente crítico (HULL, 1988, pp. 390-391). Além dessa tradução, as bibliotecas brasileiras estão repletas de obras de Haeckel (GLICK, 2003, pp. 21-22). De acordo com Glick (2010, p. 697), o naturalista foi de grande importância para intelectuais da Escola de Direito de Recife, entre eles destaca-se Tobias Barreto e Silvio Romero. Apesar de Haeckel fazer concessões em seu pensamento à existência de forças imateriais, no Brasil e na América Latina de forma geral ele foi visto como um extremo materialista, e Barreto e Romero captaram a aversão de Haeckel ao pensamento teleológico (GLICK, 2010, p. 697). Esse materialismo foi bastante criticado por católicos, que muitas vezes incluíam Darwin em suas críticas, chamando-o de ateu. Por outro lado, escritores não religiosos enalteciam o suposto materialismo do alemão, sustentando que ele fora capaz de ser

---

<sup>10</sup> Royer intitula a tradução em francês da obra de Darwin de “De l’origine des espèces ou des lois du progrès chez les êtres organisés”, ou seja, A origem das espécies ou leis de progresso dos seres organizados. Entretanto, segundo Cid e Waizbort (2009), o título de uma tradução de 1888 de Royer, vendida no Brasil, era “De l’origine des espèces par sélection naturelle ou des lois de transformation des êtres organisés”. De qualquer forma, em seu prefácio Royer afirma “pour moi, mon choix est fait: je crois au progrès” (para mim, a escolha está feita: eu creio no progresso). (CID & WAIZBORT, 2009, p. 309).

“mais darwinista que o próprio Darwin” (*Diário de Notícias*, 6/04/1889. “Pessimismo philosophico”, R. Hartmann).

Todas essas questões contribuíram para que chegasse ao público brasileiro uma profusão de interpretações da ideia de evolução, compactadas dentro do “caldeirão conhecido como ‘darwinismo’” (DOMINGUES E SÁ, 2003, p. 119). A seguir serão detalhados casos sobre a divulgação das várias versões das ideias de Darwin e outros evolucionistas ao longo dos anos no Rio de Janeiro, e a repercussão dessas ideias no meio católico.

## 1.2 CURIOSOS DA NATUREZA, AGASSIZ E O IMPERADOR

Na pesquisa de periódicos do Rio de Janeiro digitalizados na Hemeroteca Digital, a referência mais antiga a Charles Darwin encontrada é de 1858. Trata-se de um artigo do *Correio Mercantil*, sobre as descrições geológicas feitas por Darwin no Rio Paraná, sem nenhum comentário sobre evolução ou transformação das espécies. Apenas em 1866 encontrou-se uma referência ao livro *A Origem das Espécies* (1859), nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, em um artigo que analisa o trabalho do médico José Luiz da Costa, chamado “O que é saúde? O que é moléstia?”, o qual faz referência à “eleição natural, conservadora das condições favoráveis, e eliminadora das desviações prejudiciaes”.

Nesse mesmo ano (1866) o *Correio Mercantil* publica um longo artigo sobre os trabalhos realizados no Brasil pelo naturalista francês Louis Agassiz, que segundo o redator provam que as espécies não se transformam umas em outras. O artigo é assinado por J. de Saldanha da G. F., que se identifica como “um simples curioso da sciencia”, possivelmente em referência à associação de naturalistas “curiosos da natureza” chamada Sociedade Velloziana<sup>11</sup>, criada em 1850 pelo médico e botânico

---

<sup>11</sup> A sociedade foi criada com o intuito de estudar “os objetos naturais do Brasil, ‘tão preciosos, tão abundantes’” (JÚNIOR, 2013, p. 52). O nome é uma homenagem ao franciscano Frei José Mariano Conceição Veloso (1742-1811), o qual era botânico e criou “sessenta e seis gêneros e quatrocentas espécies de plantas pertencentes à flora brasileira” (VILLAÇA, 1975, p. 194), sendo considerado o pai da botânica brasileira. Villaça (1975, p. 194) relata que o Frei, nascido no Rio de Janeiro, vive longos anos nessa cidade completamente entregue à pesquisa científica, “numa síntese entre Ciência e Religião”.

Francisco Freire-Allemão (JÚNIOR, 2013, p. 52). José de Saldanha da Gama Filho era professor de botânica na Escola Politécnica, cargo anteriormente ocupado por Freire-Allemão. Esse era contra o materialismo e ao falar de natureza defendia a existência de uma inteligência universal criadora e onipotente. Saldanha da Gama compartilhava da opinião de seu antecessor e da de Agassiz, afirmando que a adaptação das plantas era obra da Providência em uma conferência em 1877, realizada no Rio de Janeiro com a presença do Imperador Dom Pedro II na plateia (CARULA, 2012, p. 71).

Agassiz esteve no Brasil em 1865 e 1866, a convite de Pedro II, o qual era seu admirador. Um dos principais objetivos das viagens do naturalista ao país era provar que a teoria darwinista estava errada, e em sua opinião o Brasil era o lugar ideal para perseguir esse propósito. Em carta ao imperador brasileiro, ele escreve:

Além disso, a grande questão da origem das espécies deve ser debatida no terreno do Brasil mais que em outro lugar. Duas obras<sup>12</sup> aparecem recentemente sobre este tema nas quais os materiais são inteiramente retirados do Brasil e eu desejo também explorar estas mesmas regiões já que a minha visão sobre este assunto é diametralmente oposta àquelas dos autores que faço aqui alusão (*Anuário do Museu Imperial*, 1876:62 *apud* SOUZA, 2009, p. 101)

Agassiz realizou no Rio de Janeiro cinco conferências no Colégio Pedro II, também a convite do Imperador, em de maio de 1866, com o nome *Conversações Científicas*. As preleções tinham como tema principal a defesa de teses antievolucionistas e criacionistas (SOUZA, 2009, p. 103).

A questão da origem das espécies, especialmente do homem, era de grande interesse de Pedro II, e o Imperador pode ser considerado uma figura influente na divulgação desse assunto no Brasil. Entretanto, ele apoiava pesquisas antidarwinistas, como as de Agassiz, e trocava cartas e enviava ossos fósseis, como os descobertos pelo dinamarquês Peter Lund em Lagoa Santa, Minas Gerais, para os opositores de Darwin Quatrefages de Bréau, na França, e Rudolf Virchow, na Alemanha (DOMINGUES E SÁ, 2003, pp. 101-103).

---

<sup>12</sup> Agassiz se refere aos trabalhos de Henry Bates (1863) e Alfred Russel Wallace (1853).

Nos primeiros anos após a publicação de *A Origem das Espécies* pouco se fala de Darwin em jornais e revistas do Rio de Janeiro, apesar de seu nome já ser citado em 1858, antes do lançamento do livro, e a questão da origem das espécies ser de interesse do Imperador. O atraso na discussão das ideias evolucionistas do naturalista na imprensa também acontece na Espanha e no México, como relatam Glick (1988) e Moreno (1988). Segundo Glick (1988, p. 307), referências a Darwin entre 1859 e 1868 eram quase inexistentes na Espanha, tendo a primeira menção à evolução das espécies em um jornal espanhol acontecido, aparentemente, em 1863. Glick aponta a revolução de 1868, conhecida como La Gloriosa, como o fator que mudou essa situação, por abrir o país à entrada de novas ideias. Moreno (1988, p. 348) cita o trabalho de Manuel Maldonado-Koerdell, segundo o qual no México entre 1870 a 1900 os trabalhos de Darwin aparecem em pouco mais do que algumas notas de rodapé. Entretanto, como afirma Moreno, a ausência de livros pro ou anti-darwinistas não significa que o darwinismo não foi uma questão importante no México, pois sua recepção envolveu outras formas de comunicação, como a imprensa científica e popular. Moreno afirma que, embora possa existir uma menção mais antiga, a primeira citação do darwinismo data de 1875. O autor atribui o atraso ao estado de guerra em que o país se encontrava até 1867 e ao fato do livro que mais afetou católicos, *A descendência do homem*, ter aparecido apenas em 1871. Glick (1988, p. 310) também comenta que na Espanha a discussão sobre darwinismo torna-se realmente polêmica apenas após a chegada da tradução francesa desse livro ao país.

Curiosamente, o ano de 1875 também marca a ocorrência do termo darwinismo no Brasil. Antes desse ano foram encontradas apenas três referências ao termo na imprensa popular do Rio de Janeiro, mas a partir dele até o final da década encontram-se 91 ocorrências (segundo pesquisa na Hemeroteca Digital). Diferente da Espanha e do México, no Brasil esse atraso não foi relacionado por pesquisadores do tema a revoluções ou guerras, apesar do país se encontrar em guerra com o Paraguai até 1870. A relação que geralmente se estabelece sobre o aumento da circulação das ideias de Darwin no país diz respeito à crescente preocupação nacional com questões de raça, miscigenação e formação de uma identidade nacional (GLICK, 2010, p. 697, CID, 2004, p. 36 e SCHWARCZ, 2003). O livro *A descendência do homem* (1871)

também teve influência nesse processo, justamente por fazer parte do debate sobre raças e causar polêmica sobre a origem simiesca do homem, o que incomodou principalmente católicos, como será demonstrado no próximo tópico.

### **1.3 “O PRIMEIRO PROPAGADOR DA CIENCIA DOS MACACOS ENTRE NÓS”<sup>13</sup>**

Segundo Vergara (2009, p. 383), a sociedade brasileira do século XIX passou por transformações que contribuíram para o estabelecimento de um público para ações de divulgação científica, as quais faziam da ciência um espetáculo. Na cidade do Rio de Janeiro havia diversas formas de apresentação pública da ciência, como conferências, exposições e cursos do Museu Nacional, jornais e revistas especializados em divulgação científica. A intensificação de atividades de divulgação científica no Brasil na segunda metade do século XIX segue uma tendência internacional, marcada pela esperança no progresso pela ciência e técnica, principalmente após a segunda revolução industrial na Europa (MASSARANI, 1998, p. 33). O mito da evolução, entendida como sinônimo de desenvolvimento, encaixa perfeitamente nessa atmosfera de progresso econômico e tecnológico de países desenvolvidos (GREGORY, 1986, p. 379). Além disso, cientistas reforçavam o discurso sobre o valor da ciência como conhecimento fundamental para o progresso da humanidade em busca de apoio público à sua atividade, que estava em fase de institucionalização e profissionalização (POLINO & CALTEFRANCHI, 2012, p. 7). Esses acontecimentos na esfera mundial tinham repercussão no Brasil, onde o discurso do progresso também se torna recorrente em atividades de divulgação científica, demonstrando uma ânsia pela modernização (CARULA, 2012, p. 2) e uma “consciência de atraso” por parte da elite intelectual (DOMINGUES E SÁ, 2003, p. 17).

Um exemplo são as *Conferências Populares da Glória*, criadas pelo intelectual e político Manoel Francisco Correia como um projeto de “instrução do povo”, de difusão do conhecimento científico com intuito de fazer o país alcançar o nível de

---

<sup>13</sup> *O Apostolo*, 30 de abril de 1875. Título: “O darwinismo – AS CONFERENCIAS DO SR. MIRANDA AZEVEDO II.” Autor não identificado.



desenvolvimento de países considerados civilizados (CID e WAIZBORT, 2009, p. 303). Entre abril e setembro de 1875 o médico Augusto Cezar de Miranda Azevedo, com apenas 24 anos, profere sete conferências sobre darwinismo nesse projeto na Freguesia da Glória. O darwinismo era visto como um dos elementos importantes para a entrada do Brasil na marcha do progresso civilizatório, e segundo o médico merecia “serio e reflectido estudo de todos aquelles que amão o progresso do seu paiz.” (Azevedo, 1876, p. 61.). Com o título “Darwinismo – seu passado, seu presente e seu futuro”, Miranda Azevedo inicia as preleções afirmando o seu pesar em ver a teoria darwinista, tão debatida na Europa e nos Estados Unidos, ser desconhecida no Brasil. Cita, inclusive, o problema da ausência de uma tradução para o português:

(...) a monumental obra da *Origem das Espécies*, traduzida para todas as línguas, excepto a nossa.  
Senhores, lamentemos esse facto; enquanto o romance escandaloso e absurdo ainda não sahio dos prelos europeus e já conta mil traducções e versões portuguezas, um livro sério, uma obra do valor desta, não tem sequer uma tentativa de traducção! (*Conferencias Populares da Glória*, 1876, p. 55)

Miranda Azevedo afirma que até então, no ano de 1875, a teoria de Darwin era praticamente desconhecida no Brasil devido ao “predomínio de certas ideias teológicas e ortodoxas”. No jornal católico *O Apostolo* de 28 de abril de 1875, um autor não identificado em notícia com o título “O darwinismo – As conferências do Sr. Miranda Azevedo” afirma ser uma blasfêmia dizer que a teoria é desconhecida no país e culpa a pouca idade do médico por esse erro:

(...) teve [Miranda Azevedo] o arrojo e a inqualificável audácia de declarar perante um auditório não pequeno, que ia *tratar de um assumpto* COMPLETAMENTE DESCONHECIDO PELOS HOMENS DA SCIENCIA no Brasil, isto é ia *tratar do darwinismo!*...  
*Risum teneatis amici!*...  
Entretanto não é muito para admirar-se que uma *criança* se anime a proferir semelhante blasphemia em público... (*O Apostolo*, 28/04/1875).

No artigo seguinte sobre o tema publicado nesse jornal, o médico é ridicularizado por querer ser conhecido como “o primeiro propagador da sciencia dos macacos entre

nós” (*O Apostolo*, 30/04/1875, grifos originais). De fato, Miranda Azevedo entra para história do Brasil como um dos principais divulgadores da teoria da evolução de Darwin no país, como apontam diversos estudos (CID, 2004; DOMINGUES & SÁ, 2003; GUALTIERI, 2003 e COLLICHIO, 1988). Suas conferências marcam uma explosão da palavra darwinismo na imprensa periódica do Rio de Janeiro, principalmente devido à polêmica religiosa. Dentre 91 ocorrências para darwinismo na pesquisa pela Hemeroteca Digital entre 1875 e 1879, 30 encontram-se no jornal católico *O Apostolo*, o qual se posiciona extremamente contrário às ideias divulgadas pelo médico.

No livro *A Tribuna da Ciência – As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*, Karoline Carula discute a oposição às conferências de Miranda Azevedo sobre darwinismo por parte do jornal *O Apostolo*, e a polêmica entre esse jornal e outros que eram favoráveis ao discurso do médico. Para *O Apostolo*, divulgar o darwinismo era crime, uma vez que o regime de padroado vigente na época estabelecia o catolicismo como religião oficial e proibia qualquer manifestação pública divergente às doutrinas católicas. A teoria de Darwin era chamada pelo jornal de anticatólica e ateísta, pois tirava de Deus o poder da criação.

Outros pontos abordados nas conferências do médico criticados pelo jornal católico foram a teoria da geração espontânea, o positivismo e, principalmente, a ideia de que o homem é descendente do macaco. Miranda Azevedo atíça a polêmica sobre o parentesco com símios ao pronunciar nas conferências uma frase do neurologista e psicólogo suíço Edouard Claparède, que diz preferir ser descendente de um macaco aperfeiçoado do que de um Adão degenerado (STEBBINGS, 1988, p. 123). *O Apostolo* se pronuncia sobre essas palavras com indignação:

E ainda mais, o Sr. Miranda Azevedo acha mais digno e nobre ser-se descendente de macacos, do que de Adão, a quem S. S. qualifica, não sabemos com que fundamento, de *degenerado!* (*O Apostolo*, 28/04/1875, autor não identificado).

A questão repercutiu com humor em outros jornais, como mostrado nas figuras 1, 2 e 3. O parentesco com animais considerados inferiores foi um dos pontos mais

criticados da teoria de Darwin, mas, apesar das críticas, essa questão foi um dos principais motores da rápida popularização das ideias do naturalista. Como discute Browne (2011, p. 219), sobre a Inglaterra:

(...) a atenção gerada pelos símios e as discussões sobre símios impeliram as ideias de Darwin sobre evolução para fora dos domínios misteriosos dos periódicos e livros cultos, até o mundo comum do humor, dos jornais e da literatura popular. Os macacos e gorilas de Mr. Punch, as histórias exageradas de Du Chailu e a batalha de inteligências de Huxley e Owen forçaram todas as implicações da teoria densamente tramada de Darwin a ser entendidas de maneira muito mais rápida e completa do que ele jamais poderia ter esperado. (BROWNE, 2011, p. 219).

Assim, o nome de Darwin e o de Miranda Azevedo, a tiracolo, tornam-se populares na imprensa carioca devido principalmente à polêmica *doutrina dos orangotangos*, como batiza o jornal *O Apostolo*. Entretanto, como discute Brooke (2003, p. 194), por trás das piadas havia questões muito sérias. Segundo o autor, o que realmente mais perturbava cristãos era o fato da nova teoria ser uma poderosa ferramenta para tomar o controle da educação das mãos de instituições religiosas. Miranda Azevedo comenta o assunto, afirmando que o darwinismo não é antireligioso e que “não há razão para que no ensino oficial de nossas academias seja banida do programa a teoria darwinista.” (*Conferencias Populares da Glória*, 1876, p. 61). Como será discutido a seguir, a teoria não foi banida, mas o catolicismo foi.

Figura 1: Poema “Conferencia (ao Dr. Miranda Azevedo)”. Autor: Francisco Pivert. Fonte: jornal *O Mequetrefe*, de junho de 1876, p. 3 (Hemeroteca digital).

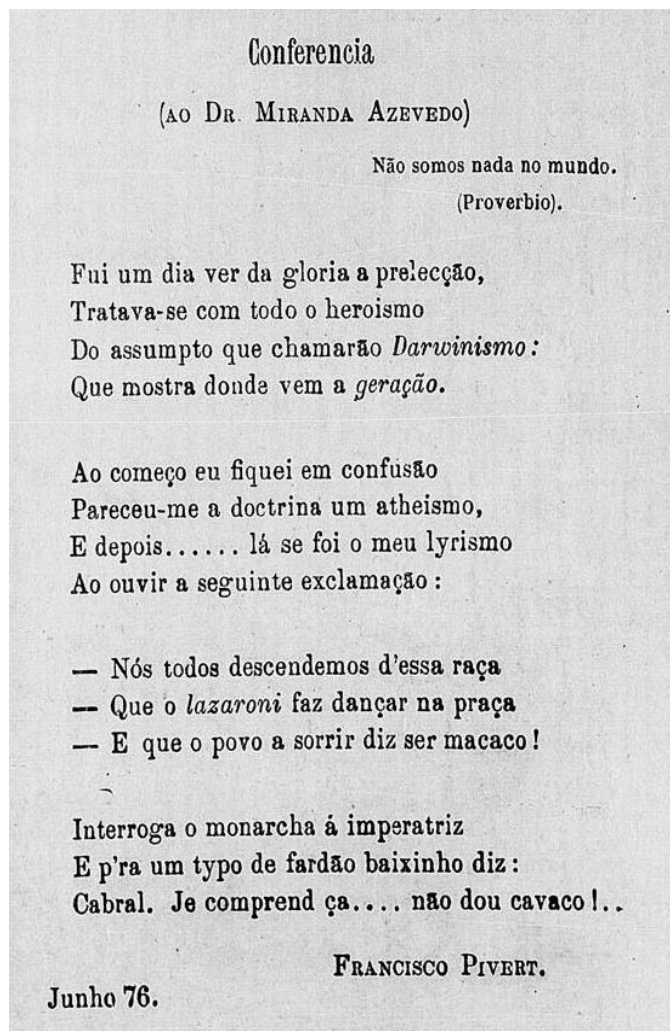


Figura 2: Poema “**Quadra epispatica**”. Autor: Bob. Fonte: jornal *O Mosquito*, de 30 de setembro de 1876 (Hemeroteca Digital).

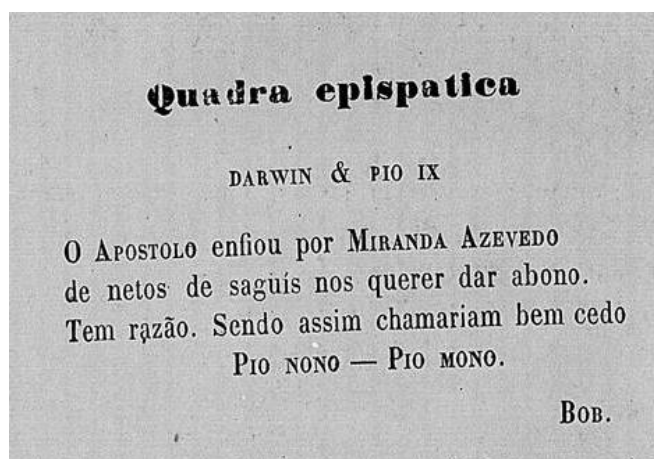
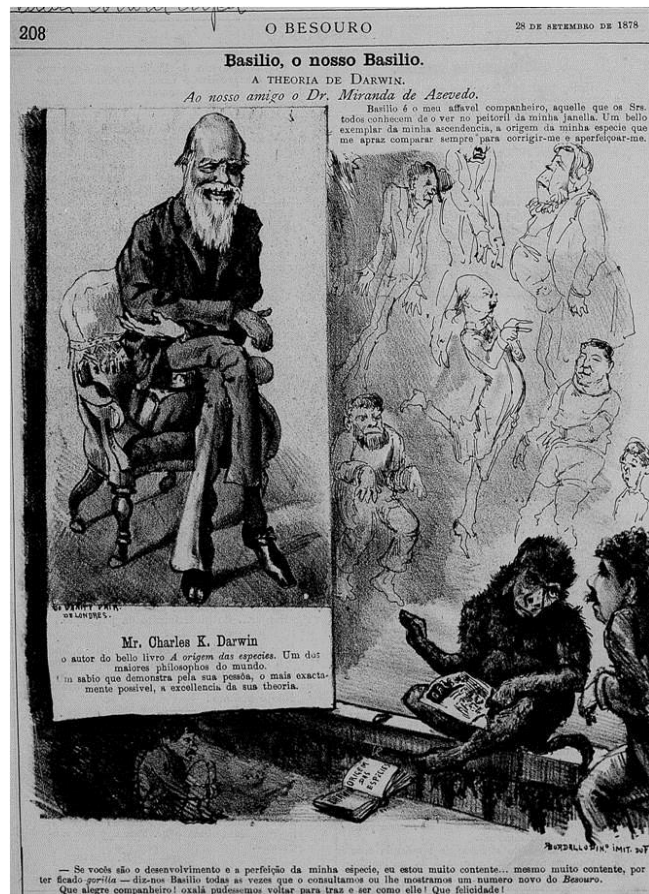


Figura 3: Ilustração “**Basílio, o nosso Basílio** – A Theoria de Darwin – Ao nosso amigo o Dr. Miranda de Azevedo”. A imagem de Darwin foi retirada da revista “Vanity Fair”, de Londres, e o restante é de autoria de Rafael Bordalo, cartunista português. Texto de cima: “Basílio é o meu affavel companheiro, aquelle que os Srs. todos conhecem de ver no peitoril da minha janella. Um bello exemplar da minha ascendência, a origem da minha espécie que me apraz comparar sempre para corrigir-me e aperfeiçoar-me. Legenda da imagem de Darwin: “Mr. Chales k. Darwin – o autor do bello livro *A origem das espécies*. Um dos maiores philosophos do mundo. Um sábio que demonstra pela sua pessôa, o mais exactamente possível, a excellencia da sua theoria”. Texto de baixo: “Se vocês são o desenvolvimento e a perfeição da minha espécie, eu estou muito contente...mesmo muito contente,

por ter ficado *gorila* – diz-nos Basílio todas as vezes que o consultamos ou lhe mostramos um numero novo do *Besouro*. Que alegre companheiro! Oxalá pudessemos voltar para traz e ser como elle! Que felicidade!” Fonte: revista *O Besouro*, de 28 de setembro de 1878, p. 208 (Hemeroteca Digital).



#### 1.4 “EM QUE IRÁ DAR TUDO ISSO, DEOS NOSSO?”<sup>14</sup>

Os créditos por introduzir ideias darwinistas no país não eram cobiçados apenas por Miranda Azevedo. O Coronel Rodolpho Pau Brasil<sup>15</sup> escreve em 1889 dois artigos no jornal *Diário de Notícias* questionando a prioridade de intelectuais da Escola de Direito de Recife na introdução dos nomes de Comte e Darwin no Brasil, criticando a cronologia desenvolvida por Silvio Romero:

O ilustrado autor da *Historia da literatura* brasileira afirma que “no Rio de Janeiro, só de 1874 em diante é que pela vez primeira os nomes de Darwin e Comte foram conscientemente pronunciados em publico, em conferencias e escriptos, quando em Pernambuco eram de vulgar noticia entre os moços de talento desde 1869.”

“As primeira exhibições sobre Darwin, continua em nota o abalizado critico, foram no Rio de Janeiro as conferencias do Dr. Miranda Azevedo, em 1875, apparecidas depois em folhetos. Sobre Comte, os artigos do Sr. Miguel Lemos, a datar de 1874 e publicados em opúsculo em 1877.”

Ainda n’um artigo de colaboração vindo a lume no Paiz de 10 de Julho de 1888, a proposito do ultimo concurso de Martins Junior, Sylvio Roméro levanta de novo a questão da *prioridade de Pernambuco em o movimento intelectual brasileiro*; questão já aventada desde 1878 pelo autor da *Philosophia no Brasil*, e escreve o seguinte:

“Ao passo que nas escolas superiores do Rio, S. Paulo, Rio Grande do Sul, e noutros centros intellectuaes do paiz os *moços estudantes comungam todos á mesa do positivismo francez nas suas ramificações*; no Recife anualmente são centenas de intelligencias iniciadas nas concepções d’esse monismo, transformistico darwiniano, enlarguecido pela sciencia allemã e dirigido em suas direcções principaes por um sábio como Ernesto Haeckel e um philosopho como Ludwig Noiré.” (*Diario de Noticias*, 5/05/1889. “Pessimismo philosophico”. R. Hartmann, pseudônimo de Rodolpho Pau Brasil. Grifos originaes)

<sup>14</sup> *O Apostolo*, 25 de abril de 1890. Título: “O novo ministério”. Autor não identificado.

<sup>15</sup> Informações Rodolpho Pau Brasil foram encontradas em registro necrológico de 1909 publicado pelo Almanaque Garnier, um anuário brasileiro: “*Coronel Rodolpho Pau Brasil*, engenheiro militar, grande amador da polygottia. Era um literato de mérito e um estudioso de grande applicação. A estas qualidades ajuntava a da lhaneza do trato e a natural bonhomia. O exercito n’elle perdeu um dos mais dilectos camaradas.” (Almanaque Brasileiro Garnier, 1911, p. 476).

Neste artigo Pau Brasil limita-se a contradizer a prioridade na propaganda positivista, a qual diz já ser realizada por Benjamin Constant em 1857-58 no Rio de Janeiro, enquanto em Recife começa apenas em 1868-69, por meio de escritos de Tobias Barreto. O assunto continua em outro artigo, no qual o citado coronel dá créditos em relação à propaganda darwinista e evolucionista, contestando que Miranda Azevedo não foi o primeiro a fazê-la no Rio de Janeiro. Faz ainda uma crítica à produção científica brasileira, cópia da de países europeus, e ao isolamento dos intelectuais, pouco comprometidos em divulgar suas ideias para um público mais amplo e fazer registros de suas atividades, o que dificulta o trabalho daqueles que investigam a cronologia da intelectualidade brasileira:

Para o investigador que trata de inventariar a nossa *soit-disant* riqueza intelectual, sob o ponto de vista científico e philosophico, innumerables são as dificuldades a vencer; sobretudo dos factos e datas.

Geralmente, os nossos homens de sciencia e, d'entre estes, os que têm a preocupação philosophica, pouco ou nada escrevem, afóra alguns ensaios, theses de concursos, magros ou indigestos compêndios acadêmicos que, salvo honrosas excepções, não passam de verdadeiras rhapsodias de productos similares europeus.

(...)

Os sábios d'esta terra das coteries de toda espécie, vivem em pequenos grupos isolados que se desconhecem, quando não se guerreiam ou elogiam mutuamente.

Os professores, além do limitado grupo dos seus discípulos que transmitem a tradição oral, mais ou menos adulterada, do talento e do saber dos mestres, ficam, na mór parte, completamente ignorados pelo publico legente do paiz.

Por isso, não admira que o preclaro autor da História da literatura brasileira desconheça profundamente o movimento que, no domínio philosophico, operou-se no Rio de Janeiro; a ponto de Sylvio Romero atribuir a um discípulo do dr. Benjamin Constant a iniciativa da propaganda positivista, e ao dr. Miranda Azevedo as primeiras exhibições sobre Darwin, em detrimento de H. Amorim Bezerra<sup>16</sup>, Antiocho Faure<sup>17</sup> e Joaquim Murтинho<sup>18</sup>. Foram estas três invejáveis

---

<sup>16</sup> Pau Brasil conta no *Diário de Notícias*, de 9 de maio de 1889, que Henrique de Amorim Bezerra era professor de mecânica e balística na Escola Militar da Praia Vermelha.

<sup>17</sup> Segundo o jornal *Gazeta da Tarde*, de 13 de março de 1883, Antiocho Faure era professor de mecânica racional na Escola Politécnica e astronomia na Escola Militar.

capacidades científicas que, pela primeira vez nesta côrte, não só propagaram o darwinismo, como o monismo de Haeckel e o evolucionismo de H. Spencer. (...) cumpre-me agora analysar a feição científica que á propaganda evolucionista imprimiram os srs. drs. Joaquim Murтинho, Nerval Gouvêa<sup>19</sup>, Getulio das Neves<sup>20</sup> e W. Bello<sup>21</sup>. (*Diário de Notícias*, 29/05/1889. "Pessimismo philosophico". R. Hartmann, pseudônimo de Rodolpho Pau Brasil. Grifos originais).

Os nomes aos quais Pau Brasil atribui os créditos pela propaganda darwinista, monista e evolucionista no Brasil são de professores do ensino superior da Escola Militar da Praia Vermelha e da Escola Politécnica (primeiras instituições de ensino superior do Brasil), de variadas disciplinas de ciências, como zoologia, geologia, química e astronomia. Como o coronel critica, esses professores defendiam as ideias de Darwin, Haeckel e Spencer apenas oralmente, aos seus discípulos em sala de aula, mas não na imprensa, sendo desconhecidos de um público mais amplo. Segundo Pau Brasil, já em 1871 Antiocho Faure defendia o darwinismo contra o positivismo promovido por Benjamin Constant, que retorna ao ofício de professor após a guerra no Paraguai. Remonta no tempo mais ainda, e diz que em 1861 Henrique Amorim Bezerra já falava para seus alunos sobre Spencer:

Em 1870, terminada a guerra do Paraguay, entrou o dr. Benjamin Constant, como lente, para o então reaberto curso superior da Escola Militar da côrte.

Em 1871, o ilustre discípulo de Comte ahi concorria para a secção de mathematica, tendo por adversário formidável, o darwinista dr. Antiocho Faure (...)

O terreno estava preparado. As tradições philosophicas do ensino mathematico n'quelle estabelecimento scientifico, poderiam, com algum esforço de investigação minuciosa, recuar até muito além de 1861, data em que o conselheiro dr. Alvaro de Oliveira estudava ali

---

<sup>18</sup> De acordo com pesquisas na Hemeroteca Digital, Joaquim Murтинho dava aulas de zoologia na Escola Politécnica. Se envolve também com política, chegando a ser Ministro da Agricultura.

<sup>19</sup> Segundo a *Revista do Instituto Polytechnico* de 1888, edição 00018, p. 255, Oscar Nevar de Gouveia era professor de Mineralogia e Geologia na Escola Politécnica.

<sup>20</sup> Segundo a *Revista do Instituto Polytechnico*, de 1888, edição 00018, p. II, Arthur Getulio das Neves era professor de química orgânica na Escola Politécnica.

<sup>21</sup> Não foram encontradas informações sobre W. Bello.



a *Geometria analytica* de Augusto Comte. Também, por esse tempo, o dr. Henrique Amorim de Bezerra, o digno antecessor de A. Faure e lende de mecânica e balística da Escola Militar da Praia Vermelha, já apresentava aos seus alunos, ao lado da classificação de Comte que elle combatia, a de Ampère que elle modificava, e a *Genese da Sciencia* de Herbert Spencer, em primeira mão. (*Diário de Notícias*, 9/05/1889, “Pessimismo Philosophico”. R. Hartmann, pseudônimo de Rodolpho Pau Brasil. Grifos originais).

Antiocho Faure além de darwinista era defensor do ensino laico, sendo membro fundador em 1883 de uma associação que defendia essa causa, chamada Liga do Ensino no Brasil. Entre os 50 membros fundadores estavam Rui Barbosa, presidente e criador da associação, Machado de Assis e Aarão Reis. A liga dura apenas até o ano seguinte, 1884, mas chega a criar uma revista e promover diversas conferências, que contaram com o Imperador na plateia (BASTOS, 2007, p. 240). Ao final da introdução do primeiro número da *Revista da Liga do Ensino*, de 31 de janeiro de 1884, Rui Barbosa declara que “os preconceitos teológicos são uma das causas porque a educação científica tem sido em toda parte prejudicada.” (BASTOS, 2007, anexo - p. 255).

Em 1890 o desejo dos membros da liga se torna realidade. O governo provisório republicano nomeia Benjamin Constant Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, e esse estabelece por decreto “A instrucção primaria, livre, gratuita e leiga” (Art. 2, decreto nº 981, 8/11/1890). O jornal *O Apostolo* demonstra a insatisfação de católicos com a nomeação do general positivista como Ministro e com a proibição do ensino religioso:

A religião do paiz é catholica; e o governo provisório prohiibe o ensino da religião à infância e à juventude.

A religião nacional é a catholica; e para remate e esmalte o governo provisório cria uma secretaria, uma parta, um ministério especial da instrucção, e confia-o a quem? Ao chefe mais apregoadado da seita athêa dos positivistas!

Isto é acinte, ou desafio do governo provisório ao povo, a quem surgiu prometendo todas as liberdades?

Em que irá dar tudo isso, Deos nosso? (*O Apostolo*, 25 de abril de 1890).

Apesar da existência de uma preocupação com o ensino científico, a imprensa e outras formas de apresentação pública da ciência não recebem a mesma atenção dada a escolas e universidades. No final do século XIX e início do século XX, atividades de divulgação científica sofrem um declínio, como relata Massarani (1998, pp. 48-49): "*As conferências e os cursos populares não mais ocorreram, o envolvimento de cientistas e professores com essas atividades decresceu e o número de revistas e artigos referentes à divulgação científica diminuiu.*" Paralelo a esse declínio, católicos começaram a se mobilizar em busca de ampliar a influência social da Igreja, como será apresentado nos próximos tópicos.

### **1.5 "VOU ESBODEGAR COM OS TAES DARWIN, HÖCKEL ET CATERVA..."<sup>22</sup>**

A divulgação científica no Brasil seguiu ciclos de atividade mais intensa em alguns períodos, em consonância com tendências internacionais (MASSARANI, 1998, pp. 134-138). Após um surto de desenvolvimento acentuado da divulgação científica, com conferências e cursos públicos por volta de 1860 a 1885, há uma redução da atividade na última década do século XIX e nos primeiros anos do século XX, com retomada nos anos 20 do século XX (MASSARANI, 1998, pp.48-49 e p. 142). Entre as possíveis razões dessa redução, Massarani (1998, p. 134) aponta as convulsões sociais do início da República Velha, interferências negativas do positivismo e a influência internacional, especialmente da França, onde ocorre um declínio da divulgação científica no mesmo período. Massarani também discute diversas conjunturas sociais que influenciaram o aumento da atividade divulgadora em algumas épocas, mas ressalta a importância de fatores internos à ciência, como revoluções científicas e tecnológicas próximas aos surtos. Entre essas cita a teoria da evolução por seleção natural e as leis do eletromagnetismo, por volta de 1860, e a relatividade geral e as leis iniciais da física quântica antes da década de 20 do século XX.

No âmbito dessa escassez da divulgação científica na última década do século XIX e no início do século XX, poucos artigos foram encontrados sobre darwinismo<sup>23</sup> na

---

<sup>22</sup> Jornal *Fon Fon*, 1909, edição 0004. Título: "Pobre Ferri".

imprensa do Rio de Janeiro, porém com algumas exceções. Principalmente nos anos de 1902 e 1903 o tema evolucionismo e religião foi abordado diversas vezes pelo jornalista católico Oliveira e Silva<sup>24</sup>, o qual publicava aos domingos no jornal *Gazeta de Notícias* uma coluna chamada “Rabiscos”. O jornalista defendia que a Igreja Católica, em sua sabedoria, espera com paciência que as doutrinas arquitetadas com o intuito de destruir as verdades eternas por ela propagadas sejam destruídas pelo próprio espírito crítico que as criou. Ao fazer essa afirmação refere-se principalmente ao evolucionismo spenceriano e ao transformismo darwinista, os quais diz estarem tão intimamente ligados que a morte de um implica a morte do outro. Oliveira e Silva também escreve sobre evolucionismo e darwinismo em 1908, como parte de sua crítica às ideias do criminologista italiano Enrico Ferri, discípulo de Cesare Lombroso, o qual fez uma série de conferências no Brasil nesse ano. Entre as ideias defendidas por Ferri está o darwinismo, sobre o qual discorre principalmente na oitava e última conferência que ministra no teatro São Pedro, no Rio de Janeiro, com o título “Do micróbio ao homem”. Segundo o jornal *O Pharol*, o criminologista é levado a abordar temas de biologia devido ao interesse do público, embora essa não seja sua área de atuação, e esse público se interessava mesmo sem perceber que no fundo Ferri estava discutindo uma questão religiosa:

O professor Ferri, até aqui, embora naturalmente levado a tratar incidentalmente de assumptos de biologia, se tem revelado e afirmado somente no campo da sociologia. O assumpto tinha, pois, um interesse evidente para o seu auditório, mesmo não atendendo a que elle discutia, em sua base, a questão religiosa. (*O Pharol*, 18/12/1908. Título: “Do micróbio ao homem – 8a conferência do professor”).

---

<sup>23</sup> O número de ocorrências para a palavra darwinismo na busca pela Hemeroteca Digital cai de 94 na década de 1870-1879 para 42 na década de 1880-1889 e 33 nas décadas 1890-1899 e 1900-1909.

<sup>24</sup> Foram encontrados poucos dados sobre Oliveira e Silva, cujo nome completo é Antônio José de Oliveira e Silva. O pouco que se encontrou deve-se ao seu parentesco com o jornalista e político Costa Rego, do qual era tio. No livro “O legendário Costa Rego”, Sapucaia (2000, p.29-30) escreve que Oliveira e Silva “foi revisor de diversos jornais e repórter no Diário do Comércio, Novidades e secretário de redação da União, órgão católico que circulava na capital. Terminou na *Gazeta de Notícias* e foi colaborador do *Jornal do Brasil*”. O jornal *Gazeta de Notícias* publica em 30/12/1904, uma notícia sobre a posse de Oliveira e Silva no cargo de redator-secretário do jornal católico *A União*, e afirma que ele após 14 anos no jornal *Gazeta de Notícias* não deixará de escrever nesse a sessão religiosa.

Ferri faz diversas críticas à religião em suas conferências, o que deixou católicos indignados. Em resposta às afrontas do criminalista, um grupo de estudantes convida oradores católicos para refutar as ideias por ele defendidas, e organiza uma série de conferências no Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, as quais se tornam famosas na imprensa carioca, chegando a ser criada uma charge com um macaco vestido de homem comentando o assunto, dizendo que irá esbodegar Darwin, Haeckel e outros em conferência (figura 4). Entre os conferencistas estão Oliveira e Silva e católicos influentes no cenário cultural e político do país, como Carlos de Laet<sup>25</sup> e Afonso Celso<sup>26</sup>. Essas conferências são noticiadas em diversos jornais, como *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *O Paiz*, os quais descrevem a grande popularidade das reuniões, com auditórios tomados por um público seletivo e ao mesmo tempo diversificado:

Era de prever a sala de hontem, literalmente cheia de tudo quanto o mundo catholico desta capital oferece de mais distincto. Um calor de abafar; ainda assim o povo se acotovelava em todas as dependências do vasto edifício, que era realmente pequeno para conter os que procuravam ouvir a palavra do Sr. Laet. (*Gazeta de Notícias*, 29/11/1908. Título: “Contradictas a Ferri - A Conferencia do Sr. Laet”).

Uma multidão selecta, composta em grande parte de representantes de todas as classes sociaes, de senhoras e senhoritas e de respeitáveis sacerdotes, enchia hontem o salão da bibliotheca, as galerias e outras dependências circunjacentes do Gabinete Porguguez de Leitura, ansiosa por ouvir a conferencia do Sr. Dr. Carlos de Laet, collaborador do “Jornal do Brasil”, contradizendo as doutrinas que acaba de pregar o sociólogo italiano Sr. Professor Enrico Ferri, na série de

---

<sup>25</sup> Foi jornalista, poeta, professor e membro da Academia Brasileira de Letras. Era defensor da monarquia e católico fervoroso, chegando a ganhar de Pio X o título de Conde. Villaça o descreve da seguinte maneira: “Carlos de Laet não foi um ensaísta de Filosofia. Nem um professor de Filosofia. Mas escreveu nos jornais durante cinquenta anos. E nos seus escritos, irônicos, polêmicos, desabusados, defendeu com fervor a ortodoxia católica. Foi uma obsessão. Atitude eminentemente polêmica, apologética. (...) Foi criacionista, providencialista, antievolucionista, adversário da Escola de Recife, a que chama teuto-sergipana...” (VILLAÇA, 1975, p. 61 e 62).

<sup>26</sup> Como Carlos de Laet, foi jornalista, poeta, professor e membro da Academia Brasileira de Letras. Também era monarquista, e foi deputado antes da proclamação da República.

conferencias que realizou nesta Capital. (*Jornal do Brasil*, 29/11/1908. “Ferri: sua construção científica – Conferencia do Dr. Carlos de Laet – No gabinete portuguez de leitura”).

Figura 4: Charge “Pobre Ferri”. A imagem mostra um homem com rosto semelhante a um macaco e abaixo está escrito: “Vou ter a honra de fazer a milésima conferencia contra o Ferri. Dizem que descendemos do macaco! Eu, parente dos monos? Nuncaras! Vou esbodegar com os taes Darwin, Höckel et caterva...” (grifo original). Fonte: jornal Fon Fon, 1909, edição 0004.



Em São Paulo, onde Ferri também realiza conferências, há um movimento semelhante. A mocidade católica convida o padre João Gualberto do Amaral, então com apenas 35 anos, a refutar o criminologista. Monsenhor Joaquim Nabuco Filho<sup>27</sup> descreve o triunfo das três conferências realizadas pelo padre: “O entusiasmo chegou ao auge: tudo que São Paulo tinha de melhor – a mocidade católica principalmente – se precipitou para ouvir o conferencista, e a imprensa, tão laicista que era, lhe deu ganho de causa.” (VILLAÇA, 1975, p. 87). Segundo Villaça (1975), João Gualberto utiliza exclusivamente argumentos científicos em sua refutação, e prova que Ferri “exorbita de sua ciência, ao atacar a fé católica.” (VILLAÇA, 1975, p. 87). Em 1914 o padre se muda para o Rio de Janeiro, onde inaugura em 1915 conferências apologético-científicas no Círculo Católico, que eram divulgadas pelo jornal católico *A União*, do qual Oliveira e Silva era secretário de redação. Nessas conferências João

<sup>27</sup> Filho do intelectual e político brasileiro Joaquim Nabuco, foi sacerdote da Igreja Católica, chegando a ser Monsenhor e Protonotário Papal.

Gualberto abordava diversos temas científicos, muitos deles relacionados ao darwinismo:

Seus temas são variados - Filosofia em Biologia, a finalidade citológica, os cristais líquidos de Lehmann e as arborizações artificiais de Leduc, a Psicologia Zoológica, a alma e o corpo, a alma e as localizações cerebrais, as objeções contra a alma, a alma e a Medicina, a inteligência, a vontade, o livre arbítrio, o evolucionismo, a Antiguidade, o selvagem, o menino, o degenerado, o louco, o criminoso, o gênio, o santo, a moral científica, a sociedade familiar, a questão operária e a Antropologia, a velhice, a morte, a imortalidade. Toda a elite intelectual do Rio o escuta. (VILLAÇA, 1975, p. 91)

Segundo Villaça (1975, p. 95), João Gualberto “resume em si o debate entre a Ciência e a Religião”, preocupando-se com a concordância entre a verdade científica e a verdade religiosa, buscando comprovações científicas para a fé. Entretanto, infelizmente não escrevia suas conferências, não publicava nada na imprensa e não deixou livros, com a única exceção de suas três conferências contra Ferri, publicadas apenas em 1948 pela Editora Vozes. Outros católicos da época, ao contrário do padre, se preocupavam em dar voz às suas ideias e leva-las ao público, criando órgãos da imprensa que serão apresentados a seguir.

### **1.6 CRIATURA DE DEUS OU LARVA APERFEIÇOADA?**

As conferências do padre João Gualberto acontecem no início de um movimento de ampliação da inserção cultural da Igreja Católica, conhecido como reação católica. Os intelectuais católicos envolvidos nesse movimento se preocupavam com a relação entre ciência e religião, como escreve Villaça (2006):

O problema dos intelectuais católicos brasileiros, no começo do século, era o das relações entre Ciência e Fé. Spencer reinava. O positivismo se impunha (a matemáticos, militares e engenheiros). A Ciência lograra destruir Deus e a Metafísica. Tratava-se, pois, de restaurar os direitos de uma Metafísica do ser. (VILLAÇA, 2006, p. 149).

Considera-se como primórdio da reação católica o episódio chamado de “questão religiosa”, no qual o bispo de Olinda Dom Vital questiona a relação entre Igreja e Estado, reivindicando a liberdade de decisão da primeira frente à Monarquia, o que gerou um conflito na década de 1870 (CABRAL, 2011, p. 52). A reação católica em si começou apenas no século XX, e autores apontam como seu marco inicial eventos diferentes, porém relacionados. Segundo Cabral (2011), “na opinião de muitos estudiosos do tema”, o pontapé inicial foi a carta pastoral apresentada por Dom Sebastião Leme ao assumir o posto de Arcebispo de Olinda, em 1916. Na carta, Dom Leme aponta como solução para o estado de letargia dos católicos a participação ativa do laicato católico em defesa dos ideais cristãos, que deveriam ser proclamados para além da sacristia, em praça pública (PINHEIRO FILHO, 2007, p. 36 & CABRAL, 2011, p. 53). A carta influenciou a conversão ao catolicismo de Jackson Figueiredo, que aconteceu no mesmo ano em ela foi escrita, 1916. Pinheiro Filho (2007) considera a conversão de Figueiredo como o marco inicial da reação católica, pois este foi o fundador e líder da revista *A Ordem* e do *Centro Dom Vital*, instituições centrais na elaboração e divulgação das ideias do movimento de reação católica.

O lançamento da revista *A Ordem* em agosto de 1921 fez irromper no cenário cultural nacional o projeto reacionário dos intelectuais católicos, e a revista passou a ser publicada mensalmente<sup>28</sup> pelo Centro Dom Vital (CVD), fundado em maio de 1922 (CABRAL, 2011, p. 54). Durante os anos de 1921 a 1928 (período em que o CDV foi dirigido por Jackson Figueiredo) a revista *A Ordem* era publicada com a seguinte epígrafe, do jornalista católico francês Louis Veuillot: “*A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmitir e deixar a vida como uma criatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada, unicamente originária das fermentações do lodo da terra.*” A epígrafe é uma crítica a ideias

---

<sup>28</sup> A revista *A Ordem* foi publicada mensalmente durante as décadas de 1930 e 1940, passando para publicação bimestral ou trimestral até parar de circular entre 1984 e 1988. Nos anos 1990 ela voltou a ser lançada anualmente, e seus últimos fascículos foram publicados em 2009. Até meados da década de 1940 a revista contava com 50 a 200 páginas e era distribuída para 500 localidades brasileiras e para países como Argentina, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México, Peru, Portugal, Uruguai e até Nova Zelândia (CABRAL, 2011, p. 49, p. 54 e p. 59).

evolucionistas, e o fato da revista sempre ser aberta com essa frase demonstra a preocupação de seus organizadores com esse tipo de pensamento.

Segundo Cabral (2011, p. 60) diversos temas científicos eram discutidos n' *A Ordem*, entre eles o darwinismo. Esse se insere nos dois grandes eixos que a autora identifica na revista entre 1921 e 1942: a eugenia e a relação entre fé e razão (CABRAL, 2011, pp. 82-83). A questão da origem humana continua sendo o foco da preocupação dos católicos com as ideias de Darwin, e os argumentos não parecem ser muito diferentes dos usados desde o início da controvérsia, que remonta principalmente à década de 70 do século XIX.

Antes da revista *A Ordem* havia, já em 1897, outro órgão de imprensa dedicado à causa católica, o jornal *A União*. A ideia do jornal vem dos três primeiros intelectuais convertidos ao catolicismo dentro da onda de conversões que ocorre durante o movimento de reação católica: Júlio Maria, Joaquim Nabuco e Antônio Felício dos Santos. Apenas Felício dos Santos segue com a ideia e funda o jornal, pois Nabuco adoece e Júlio Maria se dedica à pregação, em âmbito nacional (VILLAÇA, 1975, p. 63 e SANTOS, *A União*, 1/04/1905, "Como se fundou *A União*?"). Entre os integrantes do corpo editorial da revista está Alceu Amoroso Lima, conhecido como crítico literário com o pseudônimo Tristão de Ataíde. Pouco após sua conversão ao catolicismo, Amoroso Lima torna-se em 1928 diretor do *Centro Dom Vital* e da revista *A Ordem*, devido à prematura morte de Jackson Figueiredo.

Os intelectuais católicos percebiam a importância da educação e do diálogo com a ciência para o seu projeto de fortalecimento da religião na vida política e cultural do país, fazendo campanha em defesa do ensino confessional facultativo em escolas públicas. Essa causa é conquistada em abril de 1931, quando Getúlio Vargas põe fim à laicidade do ensino público, depois de 40 anos, instituindo o ensino religioso facultativo<sup>29</sup>. Além disso, é criada a primeira universidade católica do Brasil, a Associação dos Universitários Católicos (AUC), em 1929, depois o Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES) em 1932 e, finalmente, a Universidade Católica em 1941. (CABRAL, 2011, p. 71). Entre os primeiros cursos criados na universidade estão o de

---

<sup>29</sup> Todas as constituições seguintes mantêm o ensino religioso facultativo.



educação e jornalismo, sendo a formação de professores e jornalistas católicos considerada importante para os objetivos de evangelização dos intelectuais que fundam a universidade. Assim começa a crescer a identificação de estudantes universitários com o ideário católico, e de dentro do *Centro Dom Vital* é fundada a revista *Vida: revista universitária*, voltada especialmente para esse grupo. Dentre os integrantes dessa publicação estavam cientistas e intelectuais importantes no cenário brasileiro, como Carlos Chagas Filho, Joaquim da Costa Ribeiro e Sobral Pinto. A revista funciona entre os anos 1934 e 1937. A publicação acontece no Rio de Janeiro, mas na primeira edição anuncia-se que há agentes da revista em diversas cidades e que essa está aberta a receber notícias de todos “Ginásios e estabelecimentos outros de ensino secundário” e “organizações acadêmicas de classe”. Na primeira edição também se encontra o plano de ação da revista, feita por universitários para universitários, com o objetivo de afirmar a personalidade da civilização brasileira, como povo católico e latino-americano, indo “contra o negativismo anárquico ou o materialismo dialético ou dinâmico, moral ou filosófico, mas sempre desvirtuador de nossas almas”.

O movimento de reação católica teve impacto expressivo até o final da década de 1940, segundo os trabalhos de Villaça (1975, p. 16), Pinheiro Filho (2007, p. 33) e Cabral (2011, p. 16). Entre as causas para a queda na atuação do centro, Villaça aponta a morte do Cardeal Dom Leme e a crescente “reacionarização” de Gustavo Corção Braga. Sobre esse último será o próximo tópico.

## 1.7 O EVOLUCIONISMO DO BARBEIRO

A reação católica é marcada principalmente por três conversões: a de Jackson de Figueiredo, em 1916, a de Alceu Amoroso Lima, em 1928 e a de Gustavo Corção em 1939. Jackson cria o *Centro Dom Vital* e o dirige nos primeiros anos com um espírito reacionário, defensor do retorno da teocracia e da monarquia. Amoroso Lima, seu sucessor na direção, muda o posicionamento do Centro, defendendo uma democracia cristã, aberta às pluralidades sociais. Corção representa uma volta ao espírito de Jackson, negando o pluralismo de maneira agressiva e polêmica. Incomodado com a

orientação de Alceu e sua abertura à liberdade de opinião, Corção deixa o *Centro Dom Vital*, criando uma divisão no meio católico brasileiro entre reacionários e revolucionários. Os dois líderes “representavam e lideravam correntes antagônicas no catolicismo brasileiro: Alceu, aberto às diretrizes papais<sup>30</sup>, guia dos “progressistas”; Corção, fechado à Igreja do diálogo e do ecumenismo, líder dos integristas” (PAULA, 2011 ,p. 4).

Uma questão representativa da polarização entre Corção e Amoroso Lima é a divergência entre os dois quanto às ideias do padre jesuíta Teilhard de Chardin, defensor de um evolucionismo teísta. Em artigo para o jornal *O Globo* (13/01/1974) com o título “Implicações do evolucionismo”, Corção conta que escuta um barbeiro dizer ser evolucionista<sup>31</sup>, provavelmente porque essa palavra é muito difundida nos meios de comunicação, os quais na opinião de Corção informam sem educar:

A multiplicação dos meios de informação em prejuízo dos meios de formação permite uma ilusão de saber, que é uma das formas mais impertinentes da tolice. Todo mundo pensa que sabe o que leu nas notícias ou viu na Tv. (...) Nessa categoria de ineptos satisfeitos estão os milhões de pessoas que usam palavras filosóficas ou tecnológicas com a tranquila convicção de que entendeu, e até esgotou todos os meandros do conceito designado por aquele temo. Ontem, por exemplo, ouvi no barbeiro a conversa entre um oficial e um barbeado. Dizia o oficial barbeiro que era evolucionista (...)

Amoroso Lima, assim como o barbeiro, professa sua adesão ao evolucionismo. No livro *Memórias Improvisadas*,

“o Professor Alceu aventura-se a falar na sua evolução: ‘A minha evolução se processou do evolucionismo espiritualista tipo bergsoniano à aceitação das bases fixistas antievolucionistas. Mais

---

<sup>30</sup> O papa João XXIII defende a abertura da Igreja ao diálogo com a modernidade (PAULA, 2011).

<sup>31</sup> É possível que Corção tenha copiado a ideia do barbeiro de um texto do político inglês Lord Arthur Balfour. Segundo Gregory (1986, p. 379), esse recorda ouvir até mesmo seu barbeiro comentar sobre Darwin, Huxley e outros, falando de evolução e sobre os bons tempos que estavam por vir: “Lord Arthur Balfour recalled how even his barber had talked of ‘the doctrine of evolution, Darwin and Huxley and the lot of them – hashed up somehow with the good time coming and the universal brotherhood and I don’t know what else.” (GREGORY, 1986, p. 379).

tarde, por influência da obra de Teilhard de Chardin, deu-se a minha volta ao evolucionismo mas já não de tipo espiritualista vago, mas de tipo teocêntrico. (*O Globo*, 13/01/1974. “Implicações do evolucionismo”. Gustavo Corção).

Corção diz que o evolucionismo de Alceu “não é muito melhor que o do meu barbeiro”, pois ambos não entendem as suas implicações. Essas são, segundo Corção, a negação de dois preceitos católicos que considera importantes: a origem do homem a partir de Adão e a geração unívoca, que refere-se à criação divina da alma humana. Diz ainda que existem problemas de improbabilidade estatística na origem da vida pelo evolucionismo biológico e que a obra de Teilhard de Chardin é de quinta ou pior categoria.

Corção escreve outros artigos sobre o evolucionismo no jornal *O Globo*, nos quais volta a criticar Teilhard de Chardin e a origem simiesca do homem, além de Haeckel, o poligenismo e a segregação racial. Aborda também a questão da evolução da linguagem, chegando ao ponto de conjecturar a hipótese de alienígenas serem responsáveis por pinturas rupestres, para expor ao ridículo o trabalho de paleontologistas que tentam descobrir coisas inacessíveis do passado.

É curioso que Corção em momento algum cita o nome de Darwin, apesar de falar da evolução biológica e de ideias que remetem ao naturalista. Cita apenas o nome de Haeckel, o qual provocou maior aversão em católicos, em razão de suas ideias mais materialistas. Além disso, como foi comentado anteriormente, Haeckel parece ter sido uma figura mais importante na divulgação de ideias chamadas de darwinistas no Brasil do que o próprio Darwin.

Outro ponto interessante do discurso de Corção diz respeito à forma como ele encara a atividade de divulgação científica. Sua visão encaixa no modelo de déficit prevalente na época, segundo o qual o público é “uma massa homogênea e passiva de pessoas caracterizadas por *deficit* cognitivos e informativos”, e a comunicação para o público leigo é uma simplificação na qual muita informação é perdida “por causa da banalização operada pelo comunicador ou por uma incompreensão parcial, haja vista as falhas culturais do receptor.” (CASTELFRANCHI *et al.*, 2013, p. 1166). Corção descreve bem esse espectador passivo e ignorante, que “de chinelo e pijama engole

voluptuosamente a informação que em nada eleva a sua inteligência nem purifica a sua vontade” (*O Globo*, 12/01/1974). A ampla aceitação do evolucionismo, que Corção exemplifica pela conversa escutada na barbearia, deve-se, em sua opinião, à ignorância do público e a má qualidade da informação. Por outro lado, cientistas viam o analfabetismo científico como a principal causa de uma onda de rejeição de teorias científicas e crenças em pseudociências (CASTELFRANCHI *et al.* 2013, 1166), como o criacionismo. Nesse contexto, a teoria da evolução é considerada um dos temas científicos polêmicos que deve ser divulgado para o público, no combate a ideias criacionistas, em uma espécie de “catequização científica”.

Após mais de 100 anos, a teoria da evolução biológica ainda causa embates entre ciência e religião na imprensa. Entretanto, católicos com a opinião de Corção têm se tornado minoria, enquanto cresce o movimento progressista da Igreja, em consonância com as ideias pregadas por Alceu Amoroso Lima, de tolerância às diferenças e síntese com ideias científicas, como será visto a seguir.

## 1.8 SEM MEDO DE DARWIN

A Igreja Católica não adotou uma política institucional clara e unificada a respeito da teoria da evolução, assumindo uma posição sobre o tema em um documento público apenas em 1950. Além da ausência de documentos, Artigas, Glick e Martínez (2006), baseados no estudo dos arquivos da Congregação para a Doutrina da Fé<sup>32</sup>, defendem que a repreensão da Igreja a religiosos que conciliavam o evolucionismo com a doutrina católica foi moderada. Uma possível explicação para a ausência de uma diretiva explícita sobre a questão e para a suavidade das medidas censitárias, segundo esses autores, é o receio das autoridades romanas de repetir o “caso Galileu” e comprometer novamente a imagem da Igreja em um terreno científico. Nesse sentido, cabe ressaltar que *A Origem das Espécies* não foi sequer citada no *Index* de livros proibidos. Mas, mesmo não havendo censura direta ao livro

---

<sup>32</sup> Os arquivos contêm documentos das antigas congregações do Santo Ofício e do Índice, liberados em 1998 pelo Vaticano.

de Darwin, a maioria do clero católico se opunha ao evolucionismo, e aqueles que o apoiavam foram censurados e persuadidos a retratar suas ideias (MARTÍNEZ, 2007, p. 549). Segundo Paul (1988, p. 406), durante o final do século XIX e especialmente nas primeiras décadas do século XX, a ortodoxia foi mantida ocupada condenando livros e artigos de clérigos e intelectuais leigos que aplicavam conceitos evolutivos à teologia, a história da igreja e especialmente ao dogma.

A ausência de atos públicos de censura sustenta a visão de que a Igreja Católica foi menos perturbada pelas ideias de Darwin do que as igrejas protestantes (BROOKE, 2011, p. 643). Ruse (2007) critica essa posição, que releva a falta de uma discussão sobre o movimento conservador contra o modernismo desenvolvido na Igreja no final do século XIX e início do século XX. De acordo com Paul (1988, p. 404), apesar do darwinismo nunca ter sido explicitamente denunciado pela ortodoxia católica, muitas das ideias com as quais ele era associado foram condenadas juntamente à crítica ao modernismo em 1907 pelo papa Pio X (documentos *Lamentabili Sane Exitu* e *Pascendi Dominici Gregis*).

A posição da Igreja começa a mudar em 1950, quando pela primeira vez o tema evolução biológica é abordado em um documento público, a encíclica *Humani Generis* de Pio XII, na qual se considera legítimo discuti-la como hipótese, desde que isso não exclua a criação direta da alma humana. Permite-se que o corpo tenha origem em matéria pré-existente, enquanto a alma continua sendo criação divina. Em 1996, o papa João Paulo II chega a declarar em um discurso à Pontifícia Academia de Ciências que, tendo em conta os avanços da ciência, é possível afirmar que a evolução é mais do que uma hipótese, e comenta que é mais correto falar de teorias da evolução, no plural, pois há uma diversidade de explicações do mecanismo evolutivo e uma diversidade de filosofias envolvidas.

Apesar de ainda manter-se firme quanto a algumas questões conservadoras, como o uso de contraceptivos, a homossexualidade e a pesquisa com células tronco, a Igreja Católica tem investido na criação de uma imagem mais moderna, mais afinada às ideais que orientam o mundo contemporâneo. Em um perfil sobre o padre Josafá Carlos de Siqueira, reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), publicado em 2012 no jornal *O Globo*, essa tentativa de passar uma imagem mais

moderna fica clara. Arnaldo Bloch, autor do perfil do padre, que recebe o título “Deus e a Ciência no país do Futebol”, destaca seus gostos mundanos, como futebol, cinema e vinho, e ainda comenta que ele se sente a vontade em um computador e é dono de “todos os tablets, smartphones e players possíveis”. O autor diz que o padre não tem medo da ciência ou de Darwin e destaca seu currículo de cientista, “com formação em filosofia, humanísticas, teologia, biologia e doutorado em botânica geral, mais de 60 artigos científicos publicados e mais de 15 pequenos livros de reflexões éticas e socioambientais”. Josafá defende a teoria da evolução por seleção natural e critica o criacionismo, que considera um exemplo de radicalismo:

- Nunca tive problema com isso, não [refere-se à ciência e à Darwin]. A ciência tem seus métodos, é preciso respeitar sua extraordinária contribuição. Passou o momento de conflito apologético. É um tempo de convergência. Evolucionismo, seleção natural, é tudo reconhecido cientificamente. As investigações de transcendência são questões da fé. Procuremos pessoas que agreguem e tenham visão integradora do social, do científico e do ambiental, dimensões essencialmente unidas. Nós que as separamos historicamente.

A convergência na qual o padre acredita, porém não se confunde com correntes criacionistas:

- Radicalismos não resolvem nada, pelo contrário, acirram as fragmentações dos olhares, essa praga. Deus para mim é amor, e esse amor pairava e acompanhava os processos que antecederam nossa presença na Terra. Uma perspectiva antropológica, mas uma teológica também. Com o passar dos anos, vemos que importante é ajudar as pessoas a saber o que é característica de cada campo do saber e buscar uma síntese deles. (*O Globo*, 29/07/2012. “Deus e a Ciência no país do futebol. Arnaldo Bloch).

O nome Darwin leva o padre a uma discussão sobre a relação entre ciência e religião, defendendo que cada uma tem a sua especificidade, tratando de questões diferentes, mas que devem ser integradas, sintetizadas, não no criacionismo, mas numa conciliação entre evolução e Deus que considera antropológica e teológica. Em todos os casos apresentados até aqui sobre a recepção do pensamento darwiniano pelo pensamento católico na imprensa brasileira, Darwin foi provocador de questionamentos sobre as fronteiras entre ciência e religião. Quando católicos

discutem a teoria da evolução revelam a maneira como definem ciência, como a separam e classificam em relação a outras formas de conhecimento ou pensamento filosófico e como interpretam as consequências do desenvolvimento científico. Na próxima parte deste trabalho será feita uma análise dos discursos mobilizados por católicos no debate sobre o darwinismo, de modo a identificar as concepções, fronteiras, classificações e julgamentos que utilizam.

## Parte II: Analogias

### 2.1 FATO OU HIPÓTESE? A QUESTÃO DO MÉTODO

Meu primeiro caderno de apontamentos foi iniciado em julho de 1837. Trabalhei pautando-me em princípios baconianos. Sem nenhuma teoria, fui compilando fatos por atacado... (Darwin, *Autobiografia*, p. 103).

Apesar de Darwin afirmar ter se pautado em princípios baconianos desde o seu primeiro caderno de apontamentos sobre a questão da origem das espécies, os filósofos da ciência britânicos mais influentes da época, como John Herschel, William Whewell e John Stuart Mill, alegavam que a metodologia descrita n'*A Origem* não seguia os pressupostos da indução de Bacon, pois Darwin não comprovou completamente suas hipóteses. Esses filósofos reforçavam o padrão baseado na tradição de Bacon de exigir provas que confirmassem inferências científicas com certeza total e final (MOORE, 1979, p. 195). Ironicamente, alguns desses mesmos filósofos elogiaram os métodos de Darwin. Whewell escreveu a Darwin em 1860 que, embora não apoiasse a sua teoria, ela havia sido tão bem pensada, utilizando tantos fatos, que só poderia ser contradita após uma seleção cuidadosa de argumentos<sup>33</sup>. Mill defendeu o método de "hipótese provável" de Darwin como um procedimento científico legítimo, de acordo com os rigorosos princípios da lógica, e o único modo de investigação adequada para o assunto. (HIMMELFARB, 1959, p. 244). No entanto, o fracasso de Darwin em explicar a origem das variações em indivíduos da mesma

---

<sup>33</sup> "I have to thank you for a copy of your book on the 'Origin of Species'. You will easily believe that it has interested me very much, and probably you will not be surprized to be told that I cannot, yet at least, become a convert to your doctrines. But there is so much of thought and of fact in what you have written that it is not to be contradicted without careful selection of the ground and manner of the dissent, which I have not now time for." Carta de John Whewell a Charles Darwin, em 2/01/1860. Darwin Correspondence Database. Disponível em: <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-2634>. Acesso em: 14/01/2014.



espécie era uma fraqueza epistemológica real de sua teoria, o que foi apontado não apenas por filósofos, mas por cientistas e religiosos contrários a teoria.

Harry W. Paul (1988, p. 406) relata que apesar de no início da época darwiniana muitos intelectuais, não apenas aqueles que eram membros do clero, serem contra a evolução devido ao seu desacordo com a interpretação tradicional das escrituras, “a maioria dos argumentos contra a evolução eram retirados da ciência” (tradução nossa). Com a exceção de alguns casos extremos, questões especificamente bíblicas não foram o centro das discussões. Até mesmo nos Estados Unidos, onde se criaram barreiras políticas e legais contra o darwinismo, questões bíblicas representaram uma pequena parte da controvérsia (PAUL, 1988, p. 407-408). A ideologia profissional de cientistas, que começou a ser formada na segunda metade do século XIX, impedia que esses se arriscassem a falar abertamente da influencia de suas crenças na aceitação ou rejeição da teoria da evolução (HULL, 1988, p. 392-393; GIERYN, 1983, p. 782). Segundo o “ethos” da ciência, como propõe Merton (1970, p. 651-662), o cientista deve fazer um exame imparcial de teorias, com base apenas em critérios empíricos e lógicos. Quanto a religiosos, segundo Paul (1988, p. 406) a Igreja Católica aprendeu com erros passados, como o caso de Galileu, que era arriscado utilizar argumentos teológicos contra a ciência, e por isso evitou fazer o mesmo com Darwin.

Essa posição foi claramente defendida em um artigo publicado em 1881 no jornal *O Apostolo*, com o título “Um pouco de luz sobre Darwin”, assinado pelo padre português José Joaquim de Sena Freitas, o qual morou no Rio de Janeiro durante períodos diferentes de sua vida, passando lá seus últimos dias. O artigo foi transcrito de outro jornal, identificado como *P. Catholico*, provavelmente uma publicação portuguesa. O padre aconselha religiosos a terem cuidado ao falar de Darwin, e lembra a importância de se informar antes de emitir uma opinião pouco científica sobre a ciência, para que erros como a perseguição de Galileu e Copérnico não se repitam:

Estude-se antes de condenar, para se não condenar o que depois se tem vergonhosamente de admitir por demonstrado, e para não

exasperar ou azedar os ânimos de homens, que não eram infensos á Igreja, e a quem o amor proprio irritado converte ás vezes em transfugas da verdade. Galileo foi perseguido em Pisa por uns nescios, que alcunharam de falsas as suas idéas sobre physica, Copernico não se atreveu até á hora da morte a publicar o seu admiravel livro *De revolutionibus orbium*, arreceando-se de que o taxassem de herético, como succedeu, mal foi dado á luz publica. Denunciaram-o os theologos *protestantes*, ao passo que Paulo III o recebia benignamente. Qualificou-se, a meia voz, de suspeita a theoria da popularidade dos mundos habitados, como se fôra uma heresia e não uma hypothese perfeitamente admissível e immensamente digna de Deus, no sentir de sabios como Leibnitz, De Maistre, Augusto Nicoláo, padre Felix, etc. Tem-se profligado por errônea e até heterodoxa a theoria da existencia do mundo além de quatro mil annos precisos, como se Moysés datasse outra época inicial, que não fosse a que é assignalada *pela presença do primeiro homem sobre a terra*.

De todos estes factos se infere a consequência de que monta haver maximo cuidado em prenunciar juizos menos scientificos sobre doutrinas que, depois de demonstradas, reflectem um completo descredito, não por certo sobre a Igreja, mas sobre os seus desasados propugnadores e sobre a causa catholica. (*O Apostolo*, 6 de julho de 1881. "Transcrição - Um pouco de luz sobre Darwin". Grifos originais).

Sena de Freitas dedicou-se a discussão sobre ciência e religião ao longo de sua vida, mais especificamente sobre o tema da tolerância católica, a qual defende frente a assuntos científicos que geram discordância entre católicos, como o darwinismo (SILVA, 2009, p. 198). Demonstra essa tolerância ao considerar válida a tentativa de Darwin de procurar uma explicação científica e racional para a evolução das espécies:

Concebeu um certo complexo de leis, a da – seleção natural – a da – concorrência vital – a da – correlação do crescimento – a da – seleção sexual, complexo, digo testemunha os esforços collossaes de uma intelligência desejosa de abandonar o terreno balofo da hypothese e baixar da região inaccessivel do dogma para entrar no domínio dos factos positivos e dar a si próprio uma explicação racional sobre o desenvolvimento progressivo dos seres na sua aparição na terra. Se conseguiu ou não, se o conjunto de suas induções se póde deduzir um principio geral que tenha os fóros de uma theoria demonstrativa, abstemo-n’os de o discutir aqui, porque aberraríamos do elenco que nos propusemos; porém; que lhe era lícito a Darwin tentar essa explicação scientifica parece-nos fora de controvérsia. (*O Apostolo*, 6 de julho de 1881. "Transcrição - Um pouco de luz sobre Darwin". Padre Senna de Freitas).

O objetivo do artigo era traçar uma biografia de Darwin, e para não fugir do tema o padre deixa de discutir se as ideias do naturalista constituem uma teoria demonstrativa ou não. Cinco anos depois, em 1886, Sena de Freitas revela sua opinião sobre o assunto em um artigo para o jornal *Diário de Notícias*. Dessa vez já não demonstra a mesma tolerância de antes e seguindo a tradição baconiana afirma que “Onde não há *Theorias certas e demonstradas* não há sciencia” (*Diário de Notícias*, 24/08/1886. Grifo original). Dessa forma, o darwinismo não passa de uma hipótese rejeitada por vários sábios:

...o darwinismo não é sciencia, é apenas, como declarou o seu proprio autor, Carlos Darwin, uma <<simple hypothesis>>, que se recusam terminantemente a abraçar, mesmo de um modo provisorio, sabios tão notaveis como aquelle, Quatrefages, Huxley, e entre outros mais notaveis ainda que Darwin, como o celebre Virchow. (*Diário de Notícias*, 24/08/1886.).

A maioria das críticas ao darwinismo feitas no jornal *O Apostolo* também se refere ao método científico de Darwin, sendo apontada a falta de provas para a seleção natural, a evolução dos “selvagens” e a existência de espécies intermediárias. Além disso, o jornal divulga o descrédito científico sobre ideias chamadas de darwinistas, como a geração espontânea e a recapitulação ontogenética da filogenia, ideia desenvolvida por Haeckel:

Nada mais fácil do que falar-se em seleção natural, em seres primitivos, sem que se possa dar a mínima prova de taes asserções! A’ vista disto parece-nos que se póde affirmar, sem perigo de erro, ou contestação séria, que a hypothese de Darwin não passa de um funesto desvio da razão, que por infelicidade nossa tem sido abraçada por alguns espíritos (felizmente poucos) cegos á luz da verdadeira sciencia, e dos sãoos princípios que regem a economia do mundo, gente que só quer aparecer dê no que der... (*O Apostolo*, 28/04/1875. “O darwinismo – As conferências do Sr. Dr. Miranda Azevedo”. Autor não identificado).

Repitamos também a verdade milhares de vezes. O Darwinismo, a theoria racionalista do desenvolvimento espontâneo são cabalmente refutados pelo facto da immobilidade dos selvagens! (*O Apostolo*,

5/11/1876. O artigo faz parte da “Secção Litteraria” e fala sobre o livro de filologia do francês Félix Julien. O autor é Aureliano Pimentel, que viria a ser reitor do Colégio Pedro II em 1885).

O Darwin procura excusar a ausencia das formas intermediarias nos stratos geológicos (...) (*O Apostolo*, 2/09/1877. “Le Darwinisme”, tradução da revista *La Civiltà Cattolica*. Autor não identificado).

Com os progressos da sciencia moderna, com as luminosas discussões aventadas na Europa, e sobretudo na Academia das Sciencias de Pariz entre Pasteur e Faraday, discussões em que tomaram parte quasi todos os sábios, e naturalistas europeus, ficou provado que a geração espontanea não é mais do que uma verdadeira superstição scientifica, sem base na realidade!”(*O Apostolo*, 28/05/1875. “O darwinismo – As conferências do Sr. Dr. Miranda Azevedo IV”. Autor não identificado).

...doutrina [darwinismo] que já por nós tem sido tantas vezes refutada, sem que nos tenha contestado seria e scientificamente (...) mostramos que este argumento de apello aos embryões é tristíssimo, e que só poderá ser apresentado por quem ignore completamente a anatomia e a physiologia comparadas, ou então queira fazer-se calculadamente de cego. (*O Apostolo*, 7/07/1878. Artigo da “Secção Litteraria” sobre o parecer apresentado por Pedro Satyro de Souza da Silveira ao Retiro Literário Português relativo ao tema “O primeiro homem ou ser humano teve o seu principio como o affirma o Genesis?”. Autor não identificado).

Essas passagens demonstram que católicos brasileiros do final do século XIX compartilhavam a visão da época defendida por cientistas de que conhecimento científico era conhecimento verdadeiro, provado por fatos. Segundo Chalmers (1993), essa concepção torna-se popular no século XVII, durante e como consequência da Revolução Científica, na qual os trabalhos de cientistas como Galileu e Newton contribuíram para a construção do senso comum de que “O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente” (CHALMERS, 1993, p. 23). Essa característica da ciência geralmente é usada para se estabelecer uma separação com a religião. Um famoso exemplo disso foi o discurso em 1874 do físico John Tyndall, então presidente da *British Association for the Advancement of Science*, proferido em Belfast no encontro anual da associação. O discurso acontece em uma época na qual a ciência estava começando a se estabelecer como uma disciplina independente e cientistas estavam em busca de apoio financeiro e aprovação pública

para sua atividade, recém reconhecida como profissão. Tyndall descreve o conhecimento científico como útil, empírico e objetivo, em contraste com o conhecimento religioso, teórico, subjetivo e inaplicável. Com base nessa diferenciação, o físico argumenta que a religião deve ser excluída da região do saber, definindo assim uma disputa por autoridade entre as duas instituições (GIERYN, 1984, p, 784-786).

Enquanto Tyndall estabelece uma fronteira entre ciência e religião com o intuito de separar as duas, o católico brasileiro Feliciano Pinheiro de Bittencourt usa essa mesma fronteira para criar uma conexão. Médico e professor do Colégio Pedro II, Bittencourt era conferencista da Glória assim como Miranda Azevedo, porém diferente desse, era contrário ao darwinismo, o qual atacou em várias de suas conferências e na imprensa. Em um artigo para a “Secção Litteraria” do jornal *O Apostolo*, Bittencourt defende que a ciência pura é aquela que sabe reconhecer a fronteira entre matéria e espírito e não confunde os dois. São coisas distintas, porém compatíveis, pois as leis do mundo físico, definidas pela ciência, estão associadas às leis do mundo moral, definidas pela religião. A ciência pura, para o médico, é aquela baseada em princípios sólidos e constantes, que permanecem inabalados frente a controvérsias, especulações e aberrações do senso comum, como a darwinismo:

Darwinismo, materialismo, espiritismo são outras tantas aberrações do senso comum, outras tantas especulações, com que alguns espíritos gananciosos, e ávidos de uma triste gloria, de um renome em vão, se tem querido celebrar com grande escândalo da religião e da moral, e com verdadeiro pasmo dos homens da sciencia pura, daquela que se funda em princípios sólidos e sempre invariáveis, em leis sempre as mesmas, em preceitos immutaveis e eternos, e que tem atravessado impávida os séculos e as idades, zombando do poder do tempo, e dos embates e vendavaes terrenos.

Essa sciencia é aquella que não desconhece a Deus, mas que pelo contrário o coloca no primeiro plano, é aquella que admite e julga muito possível o consorcio entre as leis do mundo physico e do mundo moral, que não descobre incompatibilidade entre a existência da alma e das funções orgânicas, cooperando conjuntamente; é aquella que não confunde o que pertence á matéria com o que é do domínio exclusivo do espirito; é aquella emfim, que tem por divisa Deus, o mundo physico, e o mundo moral. (*O Apostolo*, 7 de novembro de 1877).

A certeza de que a verdade do “livro da natureza” é compatível com a verdade do “livro sagrado” leva a uma despreocupação em relação a questões polêmicas. Como escreve Himmelfarb (1959, p. 234) “teólogos não tinham que reconciliar ciência e religião no aqui e agora, pois eles eram confiantes que por fim a ciência deve dar suporte às indubitáveis verdades da revelação.” (tradução nossa) <sup>34</sup>. Afinal, como escreve Leão XIII na encíclica *Providentissimus Deus*, a verdade não pode contradizer a verdade. Essa confiança pode ser observada em um artigo publicado no *Apostolo*, chamado “Le Darwinisme”, o qual foi traduzido da revista *La Civiltà Cattolica*, uma publicação de jesuítas romanos que condenava fortemente as teorias de Darwin. No artigo afirma-se que a religião já sabia há muito tempo que o darwinismo estava errado e que a ciência finalmente descobriu o mesmo:

Sabíamos, há muito, que de serem semelhantes todos os relógios de uma mesma fabrica, não se podia deduzir que descendessem realmente de um tronco comum, transformando-se pouco a pouco de geração em geração. Mas a sciencia incrédula sempre chega mais tarde. Hoje é chegada, graças a Deus, aonde a estamos esperando. E como rejeita a principal doutrina de Darwin, assim refuta todas as outras invenções de seleção natural e sexual, de adaptação de atrofia, e assim por diante.

(...)

Entretanto aos pregadores do darwinismo podemos aconselhar de duas uma: ou tratem de pôr-se de acordo, com as novíssimas conclusões da sciencia, de que damos noticia, e confessem que essa theoria era um sonho de enfermo delirante, ou disponham-se a escoral-a com boas razões contra a correnteza do progresso scientifico.(*O Apostolo*, 2/09/1877).

Entretanto, confiar que em última análise a ciência seria compatível com a religião não significa abster-se de controvérsias. Em outro artigo do jornal *O Apostolo*, um autor não identificado defende que mesmo tendo a certeza da futura vitória dos que são chamados de obscuros e retrógrados em relação às supostas brilhantes descobertas científicas, não se deve ficar de braços cruzados. Diz ser egoísta a atitude de não se importar com o debate, pois é preciso alertar os que mesmo inocentemente

---

<sup>34</sup> “Theologians had not to reconcile Science and religion at every stage in the here and now, because they were confident that ultimately Science must bear out the indubitable truths of revelation.” (Himmelfarb, 1959, p. 234).

são seduzidos pelo darwinismo, já que “quem por innocente pecca, por innocente vai para o inferno”:

E assim teríamos o prazer de vêr dia por dia irem cahindo por terra as *brilhantes descobertas da sciencia* contra o nosso *obscurantismo retrogrado*; mas é que os gloriosos descobridores morrem, e nós tambem morremos, e só os vindouros, os herdeiros de nossas lutas colherão uns os louros, e outros os destroços da victoria ou da derrota, como nós estamos já de posse do que nos deixaram os lutadores passados.

(...)

Mas, dir-nos-hão: se tendes tal certeza, porque vos preocupaes tanto com isso? Cruzai os braços e deixai correr frouxo.

Só não nos entende quem não nos quer entender: se a verdade é indestructivel, não são assim os indivíduos; arrastados pela *sympathia incontestavel* que consagram ás causas más, bem sabemos onde irão eles parar, e não somos tão egositas como os *adiantados* que não nos interesseemos por sua sorte.” (*O Apostolo*, 15/09/1889).

A preocupação com a alma daqueles que acreditam no darwinismo não era o único motivo para o envolvimento de religiosos na controvérsia com a ciência. Havia uma disputa pela autoridade do ensino, a qual pode ser percebida em um artigo de 1888 escrito por Aureliano Pimentel, reitor do Colégio Pedro II, ao jornal *O Apostolo*. Pimentel, assim como os outros autores discutidos acima, fala da refutação científica do darwinismo, enumerando uma série de “gloriosos nomes” contrários à esse pensamento, os quais são capazes de harmonizar razão e fé:

O certo é que os mais notáveis naturalistas, os homens de sciencia e consciência, refutando essas errôneas teorias, manifestam a perfeita harmonia da razão com a fé. Aos gloriosos nomes de Cuvier, Agassiz, Claudio Bernard, Pasteur, Bianconi, Ardouin, Valroger, Bischoff, Aeby, Quatrefages, os quaes com argumentos contundentes, esmagadores, desfazem as *hypotheses* do evolucionismo, ajunta-se actualmente Blanchard, *membro da Academia das Sciencias*, como se vê na *Revue Literaire de Paris*, de Abril ultimo: (...) (*O Apostolo*, 5/08/1888)

O título do artigo é “Os grandes naturalistas contemporâneos – O concurso do republicano Martins Junior”. Nele o autor se opõe à entrada de José Isidoro Martins Júnior na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, a qual foi celebrada pelo jornal

*O Paiz*. Pimentel lamenta que aos alunos dessa escola sejam ensinados em forma de dogma erros como o darwinismo, para o qual não há provas: “É de lastimar que assim sejam imbuídos em taes erros os adolescentes mal preparados nos estudos de humanidades e alheios às noções de sciencias naturaes.” Por fim, o autor faz um apelo ao governo imperial para que preserve a faculdade “do opprobrio de ter um republicano transformista ou monista por lente cathedratico”.

A critica ao método científico utilizado no pensamento darwiniano é reforçada por positivistas. Oscar de Araujo, membro fundador da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro<sup>35</sup>, escreve ao *Jornal do Brasil* em 1892 uma série de artigos em que aponta falhas metodológicas do darwinismo. Com o título “Exame crítico do monismo moderno”, os artigos tem como foco principal o monismo de Haeckel, ao qual o autor associa ideias sobre evolução biológica. Araújo critica a falta de provas da transformação de uma espécie em outra, o que considera uma falha lógica, pois essa transformação só poderia ser observada ao longo de milhares de anos, e, por isso, “o darwinismo é inverificável”. Uma possível solução seria observar a transformação das bactérias, posto que elas mudam mais rápido, podendo dar origem a espécies diferentes em menos tempo. Porém a observação da transformação em bactérias é também refutada, pois “hoje a classificação d’esses seres tem permanecido incerta e duvidosa. Logo, como afirmar que se transformou uma especie em outra, se nada prova que a primeira é distinta da segunda.” Diversos outros argumentos científicos são apresentados por Araujo, que afirma que “a fallencia do darwinismo como tentativa de reconstituição da historia effectiva da criação das espécies está hoje consumada.”. Chega até mesmo a afirmar que o darwinismo “constitue uma explicação theologico-metaphysica e não uma hypothese scientifica. ‘Darwin é, em toda a força do termo, um theologista, pois afirma sem ambiguidade alguma que todas as particularidades da estructura do animal foram creadas para um bem, e considera toda a serie das formas animaes exclusivamente sob este ponto de vista’”. Em *A descendência do homem*, Darwin realmente admite que um dos maiores equívocos já

---

<sup>35</sup> Fundada em 1876, foi a primeira sociedade positivista do Brasil, e “constituiu a origem do Apostolado Positivista do Brasil e da Igreja Positivista do Brasil, cuja finalidade era ‘formar crentes e modificar a opinião por meio de intervenções oportunas nos negócios públicos’”. (GIANNOTTI, 1978, p. XV).



detectados em seu trabalho foi ele não ter considerado suficientemente a existência de várias estruturas que não são benéficas ou prejudiciais, e atribui isso à sua incapacidade de anular a influência de sua crença anterior de que cada espécie havia sido criada com um propósito (BROOKE, 2003, p. 198).

É interessante observar que nas críticas de jornais católicos o darwinismo é sempre classificado como teoria positivista, ao passo que no *Jornal do Brasil* encontra-se uma crítica que parte de um positivista. O coronel Rodolpho Pau Brasil em seus artigos sempre procurava se desvincular do rótulo de positivista, como em um artigo para o jornal *O Tempo* em 1891, no qual conclui:

Eis, resumidamente, Sr. Redator, o que disse, fallando não *como representante do positivismo*, que eu sempre combati com lealdade, no terreno philosophico, politico e religioso; mas em nome da doutrina evolucionista, que eu sempre propaguei, desde os 15 annos de idade (...) (*O Tempo*, 5/12/1891. Grifo original).

Assim, embora para a Igreja Católica o positivismo e o evolucionismo fossem vistos como o mesmo “inimigo”, na maioria dos casos não havia concordância entre os seguidores de cada uma dessas correntes de pensamento, ambas marcadas por uma heterogeneidade de definições.

Os artigos de Araujo, escritos em dezembro de 1892, podem ter sido uma resposta à defesa do monismo feita por Fausto Cardoso em agosto desse mesmo ano, no jornal *Diário de Notícias*, porém não há como confirmar essa hipótese. Sob o título de “A illusão teleológica”, Cardoso escreve uma série de artigos nos quais defende que há apenas uma interpretação válida para o monismo, aquela proposta por Haeckel, diferente do que pensa Silvio Romero, que propõe que existem diversas interpretações para essa corrente de pensamento. Fausto Cardoso, assim como Silvio Romero, pertencia ao movimento intelectual liderado por Tobias Barreto na Faculdade de Direito de Recife, o qual era fortemente influenciado pelas ideias de Haeckel. Cardoso afirma que o darwinismo foi um elemento fundamental para o desenvolvimento do monismo:

Sómente o darwinismo pôde abrir ao espirito humano o largo caminho da conquista d'essa unidade natural e logica. Consequentemente, só no meiado d'esse seculo poderia nascer a philosophia monística, porque só então a sciencia pôde estabelecer, como verdade experimental, o conceito mecânico do universo e comprehender a natureza como uma só peça. (*Diário de Notícias*, 16/08/1892).

Enquanto Araujo critica a falta de verificação experimental do darwinismo, Cardoso argumenta que este contribuiu para que a ciência estabelecesse a “verdade experimental” do monismo.

As críticas aos métodos empregados por Darwin e adeptos ao darwinismo perpassam a maioria dos argumentos de religiosos contra a teoria da evolução, e revelam os valores que esses atribuem à ciência e aos cientistas. A ciência é por uns vista como fonte de certezas, enquanto outros argumentam que esta deve ser construída apenas por hipóteses, sendo essa característica a principal distinção que se faz entre ciência e dogma, ou ciência e religião. Haeckel é citado como dogmático e religioso por um lado, e por outro como exemplo de cientista, aquele que tem visão objetiva, desvinculada de preconceitos, principalmente os de origem religiosa. Esse tipo de debate surge principalmente quando a questão é a origem da vida ou a origem do homem, assuntos que católicos consideram inacessíveis de maneira científica, como será discutido a seguir.

## 2.2 ORIGEM DA VIDA OU ORIGEM DAS ESPÉCIES? A QUESTÃO DO MATERIALISMO

Há grandeza nesta forma de considerar a vida, com seus vários poderes atribuídos primitivamente pelo sopro do Criador a um pequeno número de formas, ou mesmo a uma só; e enquanto o nosso planeta, obedecendo à lei fixa da gravitação, continua a girar na sua órbita, uma quantidade infinita de belas e admiráveis formas, originadas de um começo tão simples, não cessou de se desenvolver e desenvolve-se ainda. (Darwin, *A Origem das Espécies*, p. 509).<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Tradução de Eduardo Fonseca.

Não tenho a pretensão de lançar luz sobre esses problemas obscuros. O mistério do início de todas as coisas nos é insolúvel. (Darwin, *Autobiografia*, p. 81)<sup>37</sup>

A origem da vida era um assunto que Darwin evitava comentar e acreditava ser um mistério insolúvel, como afirma em sua *Autobiografia*. No final de *A Origem das Espécies*, chega a escrever que a vida teria inicialmente sido insuflada pelo Criador em algumas ou apenas uma forma. Entretanto, segundo Brooke (2003, p. 201), Darwin era extremamente cauteloso com as palavras que usava e calculava aquilo que não poderia ser dito, sabendo que deveria escrever o mínimo sobre religião. Em seus cadernos Darwin comenta que fora aconselhado por um amigo a nunca introduzir nada sobre religião em seus trabalhos, caso desejasse avançar a ciência na Inglaterra. (BROOKE, 2003, p. 201). Como comentado anteriormente, a institucionalização da ciência e a profissionalização do trabalho do cientista durante a segunda metade do século XIX na Inglaterra envolveram a criação de uma “etiqueta”, segundo a qual cientistas não deveriam demonstrar a influência de suas crenças em seus trabalhos para manter a imagem de neutralidade e objetividade do conhecimento científico. Darwin segue essa tendência e em carta a Joseph Hooker em 1863 lamenta ter cedido à opinião pública e utilizado o termo do Pentateuco “criação”, pelo qual queria dizer na verdade “aparicação”, por meio de um processo desconhecido<sup>38</sup>. Como comenta Brooke (2003, p. 201), esse arrependimento em usar linguagem bíblica não significa que Darwin admitira ser ateu e é possível que ele estava, na verdade, sujeitando-se à opinião de Hooker.

É difícil definir de maneira exata a religiosidade de Darwin e, como defendem Cantor & Kenny (2001), são raras as ocasiões em que cientistas ou religiosos assumem posições unilaterais e homogêneas em relação às suas crenças, podendo adotar diferentes opiniões ao longo da vida, negociando-as em ambos os lados da

---

<sup>37</sup> Tradução de Vera Ribeiro.

<sup>38</sup> “But I have long regretted that I truckled to public opinion & used Pentateuchal term of creation, by which I really meant “appeared” by some wholly unknown process.” Carta de Charles Darwin a Joseph Hooker, em 29/03/1863. Darwin Correspondence Database, <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-4065> Acesso em 27/01/2014.

suposta dicotomia entre ciência e religião. Em sua autobiografia Darwin descreve uma progressão linear, de acordo com os modelos de secularização, de seu cristianismo inicial a bordo do *Beagle*, a uma posição deísta, quando ele escreve *A Origem*, a seu tardio agnosticismo:

“Eu era ortodoxo na época que estive a bordo do Beagle.” (Darwin, *Autobiografia*, p. 73)

“Ao refletir dessa maneira, sinto-me obrigado a buscar uma causa primária, dotada de uma mente inteligente e até certo ponto análoga à do homem, e mereço ser chamado de teísta. Essa conclusão, tanto quanto posso recordar, era forte em minha mente na época em que escrevi *A origem das espécies*” (Darwin, *Autobiografia*, p. 80).

“Devo contentar-me em permanecer agnóstico.” (Darwin, *Autobiografia*, p. 81).

Entretanto, mesmo afirmando ser agnóstico, Darwin ainda insiste que há dias em que pode ser chamado de teísta. É inegável o seu rompimento com o Cristianismo, porém sua crença em uma Divindade sofria flutuações ao longo do tempo, como o próprio comenta (BROOKE, 2003, P. 199). A ambiguidade das declarações públicas de Darwin sobre sua religiosidade o faz ser, assim como sua teoria, interpretado de diversas maneiras diferentes, muitas vezes opostas. Essas interpretações são utilizadas como argumento para criticar ou defender sua teoria de evolução biológica. Como escreve padre Sena de Freitas no jornal católico *O Apostolo*, em 1881, Darwin via-se entre dois fogos “entre os que o não achavam *assaz* científico, e os que o achavam científico *demais...*entre os orthodoxos que o adjetivavam de atheu e os ateus que o adjetivavam de orthodoxo.” (*O Apostolo*, 06/07/1881, grifo original) Quando a versão religiosa de Darwin é acionada, em geral é feito um contraponto com uma figura fundamental na divulgação do darwinismo em seu formato mais materialista no Brasil: Haeckel. A contraposição entre os dois é utilizada para discutir qual deve ser considerado o modelo de bom cientista, aquele que compreende as fronteiras entre ciência e religião ou aquele que exclui a religião da ciência e a avança ao ponto do materialismo.

Essa divergência pode ser observada comparando-se um artigo de Joaquim Nabuco para o jornal *O Globo*<sup>39</sup> em 1875 e uma série de artigos sobre darwinismo na *Revista do Rio de Janeiro* em 1876. Joaquim Nabuco foi um intelectual e político brasileiro famoso por sua campanha a favor do abolicionismo, e um dos primeiros convertidos ao catolicismo no movimento de reação católica. Sua conversão, ou reversão, como prefere, pois durante a infância fora católico, acontece em 1892. O artigo com o título “Um darwinista alemão” é escrito antes de sua reversão, mas o autor já dá indícios de sua espiritualidade. Nabuco critica o ateísmo do darwinismo alemão liderado por Haeckel, mostrando que esse diverge do darwinismo inglês de Darwin. Cita o final de *A Origem das Espécies*, no qual Darwin fala do sopro do criador, e critica a censura de materialistas, que considera semelhante à da Inquisição, porém no sentido oposto:

O darwinismo assim considerado é tudo, menos o materialismo. Há um Deus Creador, um movimento ascensional da vida para a inteligência, um progresso incessante assinalado principalmente pelo desenvolvimento do espírito, e no futuro, há a perspectiva de seres superiores a nós, isto é, mais livres, mais inteligentes, mais puros. Essa theoria parece-se realmente muito pouco com a theoria aclimatada na Alemanha: para Haeckel, Carl Vogt e Büchner, Darwin deve ser um beato, um Tarturo, um espírito já amesquinhado pelos preconceitos, e que o clero, a sociedade inglesa e a caça da raposa acabarão por tornar imbecil e sepultar talvez com o título de *baronet* na Camara dos Lords.

O desdém dos materialistas é na verdade cruel, e si eles um dia governassem o mundo, a seleção pelo fogo, que a Inquisição iniciou, seria de novo aplicada à pobre espécie humana, mas em sentido contrario. (*O Globo*, 15/08/1875).

A discussão de Nabuco gira em torno de uma das palavras-chave na relação entre ciência e religião: limites. A religião, constantemente ameaçada pela ciência,

---

<sup>39</sup> Não é o mesmo jornal *O Globo* para o qual escreve Gustavo Corção. Trata-se do *O Globo: órgão dos interesses do commercio da lavoura e da industria* (1874-1883).

busca refúgio nos territórios ainda não alcançados pela fronteira científica, e assim Deus vai sendo excluído cada vez mais do processo de criação:

Assim vão eles batendo o Creador de reducto em reducto: Primeiro reducto, criação do homem: ahi eles provam ou querem provar que o homem é uma transformação do macaco, um produto de causas conhecidas, e que sua aparição na terra se explica pela simples lei da seleção natural. Segundo reducto, criação de fôrmas animaes e de fôrmas vegetaes: contra este, eles provam ou querem provar que as fôrmas vegetaes e animaes primitivas e mais simples, sahiram, por um desenvolvimento regular, das moneres vegetaes e animaes, divergências das moneres primitivas, primeira manifestação da vida. Terceiro reducto, criação do primeiro organismo: este reducto é realmente formidável; as causas não aparecem mais tão consecutivas, há uma certa distensão na logica cerrada do evolucionista. (*O Globo*, 15/08/1875).

Darwin não ousa avançar a fronteira para a além do terceiro reduto, como escreve Nabuco, porém Haeckel o faz utilizando a hipótese de geração espontânea, defendendo a equação darwinismo = materialismo = ateísmo. Para Nabuco, chegar a esse ponto é um erro do naturalista, pois assim a ciência procura entrar em um domínio que está fora de seu alcance, e que independentemente das descobertas científicas não deixará de existir:

O materialismo alemão fazendo recuar a intervenção de Deus até antes das fôrmas orgânicas, vem a encontrar a geração espontânea. Há duas hypotheses eternas para explicar o começo da vida. Deus e a geração espontânea; o sábio não tem o direito de fazer entrar na sciencia aquella das hypotheses que ofende a razão e que dá menos satisfação ao instinto infalível da humanidade. Si desta fôrma rejeito o darwinismo de Haeckel não tomo parte na questão entre Darwin e Agassiz. O darwinismo inglez não ofende, não destroe as ilusões do homem; o materialismo contempotaneo, porém, tal como invadio e poderou-se do espirito da Allemanha, é uma sciencia de destruição. Elle, porém, erra obstinando-se no atheismo. Ao lado da sciencia há a imaginação. Quando o microscópio conseguisse provar a geração espontânea e por ella a inutilidade de um Creador, Deus ainda existiria para nós. Si elle não fosse, si ele não é o Creador, seria, é o Absoluto, o Deus da aspiração humana, com a diferença, porém para maior pureza do ideal divino que nesse caso o problema de Santo Agostinho sobre a existência do mal nada mais teria de doloroso. O naturalista, porém, erra, querendo tomar posse do Infinito. Estas duas

palavras; o Infinito e a Eternidade, devem lembrar ao verdadeiro sábio que a sciencia humana tem limites, dentro dos quaes ella é talvez inviolável, mas que não é permitido atravessar. (*O Globo*, 15/08/1875).

Se para Nabuco Darwin era melhor naturalista que Haeckel por não atravessar os limites entre ciência e religião, para o autor não identificado de nove artigos com o título “O darwinismo e o comtismo”, na *Revista do Rio de Janeiro*, parece ser o contrário. A revista era uma publicação voltada para a “vulgarização das ciências, letras, artes, agricultura, comércio e indústria”, comprometida com o progresso da nação por meio da instrução da mocidade (MASSARANI, 1998, p. 35). Apesar de fazer propaganda de sua imparcialidade e de limitar-se a expor e não discutir religião<sup>40</sup>, a revista publica artigos nos quais se adota uma clara posição quanto ao darwinismo, defendendo esse e atacando a religião. O darwinismo materialista de Haeckel é considerado melhor que o darwinismo do próprio Darwin, pois esse não conseguira se livrar de “prejuízos” religiosos dos sábios ingleses:

Póde-se afirmar que Haeckel tem uma concepção muito mais clara d’esta doutrina do que o próprio Dawin.

A largueza de vistas que mostra Haeckel emana de um espirito inteiramente emancipado do jugo da teologia, ao passo que Darwin obedece, não obstante a sua tendência puramente scientifica, á inclinações protestantes fortemente apoiadas pelos prejuízos religiosos dos sábios ingleses. (*Revista do Rio de Janeiro*, edição 0003, artigo I, 1876).

---

<sup>40</sup> Em seu primeiro número a *Revista do Rio de Janeiro* define bem o seu público-alvo, seus objetivos e sua imparcialidade: “A todos os espíritos esclarecidos. Aos homens sinceros de todos os partidos e crenças. Aos que preferem ás discussões vagas e theoricas, uma exposição clara e concisa. Aos que por *economia de tempo e de dinheiro* não podem ler muitos livros. Aos que vivem no interior e estão privados dos recursos literários da côrte. Ao leitor inteligente. (...) Reunir em um volume artigos que mereçam ser estudados, e que encerrem os principaes progressos das sciencias, eis o fim a que se propõe esta publicação. (...) Todos os factos interessantes, qualquer que seja o partido que elles ataquem ou favoreçam, a *Revista* os relatará francamente. Não serve senão á causa da verdade. Justa e calma, a imparcialidade é a sua divisa. Em politica, religião, litteratura, etc.. sua missão limita-se a expor e não discutir.” (nº1, 1876). Disponível na Hemeroteca de 1876 a 1877.

Segundo o autor dos artigos Haeckel é quem consegue dar provas de que não há um criador, e de que nossos órgãos não existem com um objetivo específico, mas são obras do acaso, das leis mecânicas e cegas da seleção natural. Defende, assim, que a ciência empurra a metafísica para fora da região do saber e para dentro do celeiro da ignorância e da hipocrisia, substituindo ideias criacionistas pela evolução por seleção natural. Nesse processo de troca do saber religioso pelo saber científico o autor chega a falar da função da hereditariedade, a qual opera a transmissão dos “prejuízos”:

Ainda mais, as ultimas sombras da metaphysica, que occultavam a luz da doutrina da evolução, fizeram crer aos adversários do Darwinismo que os nossos órgãos tinham sido inventados e executados, por um creador engenhoso, de acordo com uma função a preencher. Haeckel afirma ao contrario, pela anatomia comparada e embryologia, que os nossos órgãos são obra mecânica e cega de seleção natural. (...)

De que servem, perguntamos, os famosos princípios das causas finaes da metaphysica, das forças vitales dos biologistas espiritualistas, da intervenção na terra de um Deus pessoal dos theologos e metaphysicos? A sciencia positiva lança-os no celeiro dos prejuízos da ignorância ou da hypocrisia, igualmente transmitidos e fixados pela lei da hereditariedade. Mas em compensação a sciencia prepara-se para crear novos prejuízos scientificos, que trasmittir-se-hão e também pela hereditariedade, e virão substituir as nossas idéas anthropomorphicas sobre creador e criação.” (*Revista do Rio de Janeiro*, edição 0003, artigo V, 1876).

A Alemanha, país de Haeckel, era identificada como a fonte do darwinismo materialista. Entretanto, o católico Carlos de Laet, em artigo ao *Jornal do Brasil* em 1907 com o título “Um erro que desaba”, contra as ideias do criminologista Ferri, propõe que desse mesmo país vem um golpe ao darwinismo materialista e ao que chama de gênese haeckeliana. Laet defende que Darwin não era ateu, como afirma Ferri, e que ficou espantado em ver a doutrina evolucionista levar o seu nome e ser usada contra a religião, pois ele era um “Simplex explanador do evolucionismo de Lamarck”, que “de súbito se via erigido em destruidor da Divindade...”. Segundo Laet o professor Sr. O. Hertwig, da Universidade de Berlim, baseado em “notáveis pesquisas biológicas”, se de todo não repele o darwinismo, “pelo menos lhe tira o character atheistico que tanto apraz a livres pensadores.” O professor alemão defende que não é possível que todas as espécies tenham se originado de uma só, como diz Haeckel,



sendo necessários cerca de dezessete organismos iniciais. Laet conclui com isso que o evolucionismo não se opõe à verdade Bíblica, pois o livro sagrado diz apenas que os seres são obra divina, mas não explica a história do desenvolvimento das espécies. Assim, pode-se conciliar a criação inicial da vida por Deus com a posterior evolução biológica das primeiras espécies por Ele criadas:

Destruindo radicalmente o complexo das teorias darwinianas que sustentavam o desenvolvimento causal dos animais e das plantas, Hertwig entende ser de tudo impossível a gênese haeckeliana, isto é, que de uma só espécie se hajam originado as outras, e antes admite uma série de organismos primitivos, cerca de dezessete, dos quais se houveram derivado todos os demais.

Assim despidido da sua venenosa tendência materialista e ateuista, o evolucionismo deixa de ser uma objeção à verdade bíblica. A Escritura, com efeito, diz um tratadista, claramente nos ensina que as espécies vegetais e animais são a obra de Deus (Genesis I 11- 13, 20-25); mas não entra em explicações sobre o modo por que o Criador produziu o conjunto de tais espécies nem a história do seu desenvolvimento... E ela até nos permite conjecturar que os elementos inorgânicos e orgânicos, primitivamente criados, continham, em germen, todos os futuros desenvolvimentos dos três reinos da natureza. (*Jornal do Brasil*, 21/11/1907).

O evolucionismo materialista chega a ser criticado até mesmo por um dos maiores defensores da separação entre ciência e religião, o físico John Tyndall. O jornal *O Apostolo* publica em 1885 uma tradução com o título “O positivismo”, na qual o autor e o tradutor não são identificados, que faz referência ao discurso de Tyndall em Belfast em 1874. Segundo o texto Tyndall admite que o evolucionismo materialista não o convence em horas de lucidez, e não oferece solução ao mistério da vida:

O leitor acaba de ver que os fundamentos da teoria que analisamos são bem pouco sólidos e positivos. Não parece que fosse sob o foco de uma intensa luz intelectual que ela nascesse, e eu sinto um verdadeiro prazer em archivar a confissão preciosa que o emite Tyndall nos faz a este respeito no seu notável discurso, proferido em Belfast no anno de 1874. Traduzo as suas expressões textuais:

“Tenho reconhecido por muitos anos de observação sobre mim mesmo, que não é nas horas de lucidez e vigor que a doutrina do evolucionismo materialista se impõe ao meu entendimento, e que na presença de mais sólidas e sãs cogitações sempre se dissolve e

desaparece, por isso que não oferece solução ao mysterio em que vivemos e do qual formamos parte” (*O Apostolo*, 22/04/1885).

O discurso de Tyndall casou grande polêmica na imprensa britânica, e é interessante ver seu alcance ao ser publicado em um jornal católico brasileiro, mesmo onze anos após seu pronunciamento. Na passagem citada pelo *Apostolo*, Tyndall parece ser contra a teoria da evolução, porém em seu discurso o físico celebra Darwin e suas ideias. O que Tyndall critica é o materialismo que considera simplista, que proclama que tudo pode ser reduzido à matéria. Segundo ele o “materialismo superior”, ao contrário do vulgar, não ignora os poderes latentes da matéria, as qualidades misteriosas que são uma manifestação de um Poder absolutamente inescrutável ao intelecto do homem (LIGHTMAN, 2004, p. 200). No entanto, de acordo com Lightman (2004, p. 207), “apesar de Tyndall ter um senso do mistério da matéria, em ‘Uso Científico da Imaginação’<sup>41</sup> ele parece argumentar que a concepção da evolução da matéria é suficiente para explicar tudo.” (tradução nossa)<sup>42</sup>.

Nota-se nos artigos citados anteriormente que é sempre realizada uma forma de separação das ideias, como, por exemplo, darwinismo alemão e darwinismo inglês, ou darwinismo materialista e darwinismo teísta, e até mesmo materialismo simplista e materialismo superior. Em artigo para o jornal católico *A União*, o padre Camille Torrend S. J. faz mais uma dessas divisões, e classifica as ideias evolutivas materialistas como “transformismo absoluto”, em oposição ao “transformismo moderado”. Com o título “O Transformismo – Noções Preliminares”, o texto de padre Camille traz a explicação do que separa o transformismo aceito por católicos do transformismo absoluto, a ideia de que “todos os seres que existiram e existem ainda derivam de um ser único vivo primitivo, o qual recebeu a vida, não de um Deus creador, mas simplesmente das forças evolutivas da matéria mineral” (*A União*, 5/10/1919). A origem da vida é mais uma vez o ponto principal de divergência, não

---

<sup>41</sup> Ensaio publicado por Tyndall em 1870.

<sup>42</sup> “Although Tyndall has a sense of the mystery of matter, in ‘Scientific Use of the Imagination’ he appeared to argue that the conception of the evolution of matter is sufficient to explain everything.” (LIGHTMAN, 2004, p. 207).

entre ciência e religião, argumenta o padre, mas entre duas correntes filosóficas, a teísta e a ateísta. No entanto, como Nabuco, Camille defende que mesmo se teorias sobre a origem da vida sem intervenção divina fossem provadas pela ciência, a existência de Deus não estaria ameaçada, pois Ele seria o responsável por conceder aos átomos a capacidade de criar a vida. O teísta tem, portanto, vantagem sobre o ateísta no campo filosófico, pois o último possui convicções dogmáticas, enquanto o primeiro está aberto a aceitar qualquer hipótese científica. Dessa forma, a fé do teísta não está submetida às descobertas científicas, ao passo que a do ateísta está:

Transportada assim a questão para o campo da hypothese e da philosophia, o investigador espiritualista está em muito melhor posição do que o atheu. Com efeito, este precisa do Transformismo absoluto como de um dogma indispensável para firmar seu credo philosophico; pelo contrario ao theista não repugna a hypothese transformista, mesmo absoluta, pois afinal naquela hypothese Deus não deixaria de existir e de se manifestar admiravelmente perfeito e poderoso dando aos átomos, creados finalmente por Elle, aquellas forças evolutivas tão extraordinarias. Aquelle investigador guarda portanto toda a sua independência deante da Sciencia. Si esta lhe vier dizer que o Transformismo absoluto, por mais bela theoria que seja, não está conforme com os dados certos da Sciencia por ex. com as novas descobertas da Paleontologia, e a fixidez de caracteres dos seres inferiores desde as épocas geológicas mais remotas, aquelle scientista espiritualista, livre de preconceitos, não terá dificuldade em admitir todas as conclusões que a Sciencia lhe sugere para explicar cabalmente a formação das espécies. Acceitará, si for preciso, a intervenção de um novo factor, o da Creação. Pelo contrario o atheu, obcecado pelos seus preconceitos, apesar de se apregoar “livre pensador” vê-se obrigado a coarctar a sua maneira de pensar, e dogmatizar aprioristicamente sobre as coisas mais opostas á experiência e dados scientificos. (*A União*, 5/10/1919).

O padre passa então a uma exposição dos argumentos científicos a favor do transformismo absoluto, incluindo nessa discussão explicações sobre como ainda existiria a intervenção divina mesmo que tais argumentos fossem verdadeiros. O artigo continua em outra edição do jornal, e dessa vez o padre descreve os argumentos científicos contra o transformismo absoluto, entre os quais aponta a refutação da teoria da geração espontânea feita por Pasteur, a inexistência de espécies intermediárias no registro paleontológico e o sofisma da embriologia comparada. Após essa exposição aponta três principais conclusões:

#### IV – Conclusões

1º - Afinal, as teorias transformistas, de que os inimigos da Igreja fazem uma arma contra a Fé Catholica, na realidade nada têm que assustar os crentes. Fossem ellas verdadeiras, e tivesse verdadeiramente havido passagem de reino inorgânico para o reino orgânico sem intervenção directa de um creador, sempre ficaria de pé a necessidade de um Deus creador da matéria, e organizador d'ells, dando-lhe tantas forças evolutivas e destinando-a tantos e tão diversos fins.

2º - Na verdade não existe prova nenhuma tirada do estudo das Sciencias Naturaes que convença o espirito humano da realidade d'este transformismo absoluto. Pelo contrario, á medida que os especialistas estudam melhor grupos determinados de seres, origina-se no espirito dos sábios imparciaes a opinião que existe, sim, um transformismo moderado, dentro de certos limites que é bem difficil ás vezes definir, porém, que o transformismo absoluto não tem o mínimo valor scientifico.

3º - O factos que interveiu de vez em quando nas eras geológicas para encher as lacunas, e introduzir no reino da vida novos seres inteiramente diferentes dos preexistentes evidentemente não pôde ser outro sinão o Creador e Organizador da matéria das eras precedentes.

É bem difficil, sinão impossivel, saber quantas vezes Elle interveiu, e até que ponto certas espécies de seres, especialmente os superiores, que dependem de tantas causas modificadores, se transformaram e originaram as espécies actuaes. Porém talvez não fosse difficil poder harmonizar estas intervenções prováveis com os dias bíblicos.

Aliás, mesmo na suposição de que não se veja tal harmonia, é bom lembrar-se que a bíblia não é nenhum tratado de historia natural, e que os dias bíblicos não podem de maneira nenhuma ser interpretados sinão como eras de tempo indefinido.

Assim o padre se protege de argumentos da ciência contra a fé católica e admite como possível qualquer cenário, seja a ciência comprovando ou refutando a Bíblia, pois essa não pretende ser um tratado de história natural, e por isso seu conteúdo não deve ser interpretado literalmente.

Na revista católica *Vida: revista universitária* um ponto de vista semelhante ao do padre Camille é defendido por Henrique Euclides da Silva em um artigo com o título “Posição do crente em face do transformismo”, de 1935. O autor afirma que a Igreja permite qualquer debate sobre o desenvolvimento do mundo natural, pois nunca procurou impor qualquer pensamento científico sobre o assunto. Dessa forma,

Euclides da Silva suporta a visão de que a Igreja adotou uma posição mais democrática do que a de materialistas como Haeckel, cujo monismo é considerado uma religião, merecedora da mesma fé que as genealogias dos heróis de Homero. Assim como outros autores citados, Euclides da Silva identifica Haeckel como um apologista da geração espontânea, a qual considera já refutada pelos trabalhos de Pasteur. O naturalista alemão é também caracterizado como defensor da incompatibilidade entre religião e evolução:

Em todas as suas obras e conferências, o apologista da geração espontânea procura acentuar a absoluta incompatibilidade entre os dogmas da Igreja e os princípios transformistas, sustentando uma concepção da Natureza, por ele denominada monista ou causalista, segundo a qual a origem e as transformações por que tinha passado o mundo se deviam exclusivamente às forças mecânicas naturais. (*Vida: revista universitária*, nº 14, maio de 1935).

O autor discorda que exista necessariamente essa incompatibilidade e conclui que a verdadeira luta religiosa que acompanhou o progresso das ciências biológicas não foi do criacionismo contra o evolucionismo, mas sim contra os que pregavam, como Haeckel, que só era possível ser transformista e anticatólico ou católico e fixista. Essa conclusão está de acordo com os estudos de historiadores como Gregory (1986), Brooke (2003), e Himmelfarb (1959), ao explicarem que o conflito gerado pela teoria de Darwin na Inglaterra não foi rigorosamente entre ciência e religião, mas entre aqueles que acreditavam serem as duas incompatíveis e os que viam maneiras de conciliar ideias científicas e bíblicas. Formas de conciliar essas ideias e pensar soluções para os problemas apresentados pelo darwinismo aos católicos serão mais discutidas posteriormente, mas primeiramente serão apresentados nos seguintes tópicos outros problemas, começando pela origem do homem, que levanta questionamentos semelhantes à origem da vida.

### **2.3 ADÃO OU MACACO? A QUESTÃO DA ORIGEM DO HOMEM**

Escutamos frequentemente a afirmação taxativa de que jamais chegaremos a desvendar a origem do homem. Cabe lembrar, porém,

que, com frequência maior do que o efetivo conhecimento dos fatos, a ignorância costuma gerar conclusões definitivas. São os que menos sabem, e não aqueles que sabem muito, que afirmam, cheios de convicção, que este ou aquele problema “*jamaiz será solucionado pela Ciência*”. (Darwin, *A origem do homem e a seleção sexual*, p. 10).

Enquanto para Darwin a origem da vida representava um mistério insolúvel, a origem do homem, como a de qualquer outra espécie, era considerada por esse como acessível à investigação científica. Entretanto, da mesma forma que as teorias sobre a origem da vida sem intervenção divina receberam críticas de católicos quanto a sua validade científica, as ideias sobre a origem símia do homem foram consideradas meras especulações ou até mesmo uma forma de religião. A questão da origem do homem foi, dentro do movimento chamado de darwinismo, o que mais causou polêmica entre católicos, pois tocava em um dos principais dogmas da Igreja: a criação da alma humana. O catolicismo fora ameaçado pela ciência em diversos domínios, como na educação e na política, mas dentro do domínio espiritual é que houve a maior resistência contra a perda de autoridade. Até mesmo o padre Sena de Freitas, defensor da tolerância religiosa com a ciência, via um limite para o que poderia ser aceito, pois “toda a religião é intolerante no que para ela é dogma fundamental” (FREITAS, 1905, p. 462). Por isso, mesmo que a Igreja ao longo dos anos tenha chegado a admitir a teoria da evolução como mais do que uma hipótese, a criação imediata da alma espiritual humana por Deus continua a ser reforçada. Em discurso para a Pontifícia Academia de Ciências, em ocasião da comemoração do sexagésimo aniversário dessa instituição, o papa João Paulo II deixa claro que o interesse da Igreja pela questão da evolução está ligado à origem do homem, a qual envolve um dos pilares do pensamento cristão:

O Magistério da Igreja está interessado diretamente na questão da evolução, porque influi na concepção do homem, acerca da qual a Revelação nos ensina que foi criado à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn*, 1, 28-29). A constituição conciliar *Gaudium et spes* expôs magnificamente esta doutrina, que é um dos eixos do pensamento cristão. (...) Pio XII havia destacado este ponto essencial: o corpo humano tem a sua origem na matéria viva que existe antes dele, porém a alma espiritual é criada imediatamente por Deus (<< animas enim a Deo immediate creari catholica fides nos retinere iubet>>:

encíclica *Humani generis*: AAS 42 [1950], p. 575). (Mensagem do santo padre João Paulo II aos membros da Pontifícia Academia de Ciências, 1996, tradução nossa).<sup>43</sup>

Apesar dessa reconhecida importância, a preocupação católica com a origem símia do homem por vezes não é levada muito a sério, pois parece não passar de chacotas e orgulho ferido. Há diversos exemplos de charges e anedotas na imprensa que ridicularizam a questão, tanto por parte dos que criticam o posicionamento católico, quanto dos próprios católicos. Miranda Azevedo em sua primeira preleção sobre o darwinismo em 1875 nas *Conferências Populares da Glória* argumenta que os adversários da existência do “homem-macaco” imaginam alcançar a vitória ao tentar provocar o riso e o ridículo. Azevedo defende-se dessa ridicularização citando as famosas frases de Huxley, em resposta ao bispo de Oxford, e de Claparède, sobre preferir descender de um animal aperfeiçoado a de um homem que atrapalha a investigação da verdade ou um Adão degenerado. As palavras do médico têm grande repercussão na imprensa, principalmente no jornal católico *O Apostolo*, como discute Carula (2008) no trabalho “A origem símia do homem: discussões sobre o darwinismo nas Conferências Populares da Glória (1873-1880)”. *O Apostolo* adota um tom irônico para criticar o darwinismo, ao qual se refere com nomes como “doutrina dos orangotangos”, “doutrina macaca” e “sciencia dos macacos”.

Joaquim Nabuco escreve no jornal *O Globo* no mesmo ano das conferências de Miranda Azevedo que apesar da polêmica não ser dos menores obstáculos do darwinismo, os preconceitos em relação a ancestralidade simiesca do homem podem ser vencidos, pois se baseiam apenas em orgulho:

---

<sup>43</sup> “El Magisterio de la Iglesia está interesado directamente en la cuestión de la evolución, porque influye en la concepción del hombre, acerca del cual la Revelación nos enseña que fue creado a imagen y semejanza de Dios (cf. *Gn* 1, 28-29). La constitución conciliar *Gaudium et spes* ha expuesto magníficamente esta doctrina, que es uno de los ejes del pensamiento cristiano. (...)Pío XII había destacado este punto esencial: el cuerpo humano tiene su origen en la materia viva que existe antes que él, pero el alma espiritual es creada inmediatamente por Dios («animas enim a Deo immediate creari catholica fides nos retinere iubet»: encíclica *Humani generis*: AAS 42 [1950], p. 575).” Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/messages/pont\\_messages/1996/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19961022\\_evolutione\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1996/documents/hf_jp-ii_mes_19961022_evolutione_sp.html) Acesso em: 28/01/2014.

O darwinismo encontra diante de si grandes obstáculos, dos quaes o menos não é a dignidade, ou o que eles chamam a *tolice* humana. Não há muita gente que considere uma honra, como Carlos Vogt, descender de um macaco. Por mais remota que seja essa ascendência, a imaginação atravessa facilmente as gerações intemedias e o homem, sobretudo a mulher, acha tão desairoso ter tido um avô simiano, há vinte mil anos, como ter nascido diretamente de mãe gorila. Eu reconheço que esse obstáculo não é sinão um preconceito que se póde vencer, porque mesmo, dado todo o orgulho, de que o cérebro de nossa espécie é capaz, o que tem o naturalista com a emoção que alguém experimenta ao saber que um dos seus avós era dotado de uma cauda? (*O Globo*, 15/08/1875, "Um darwinista alemão". Grifo original).

Entretanto, sessenta anos após essas palavras de Nabuco, a questão ainda perturbava católicos, como pode ser observado em artigo de 1935 da revista *Vida: revista universitária*. O autor Henrique Euclides da Silva cita Tristão de Ataíde, o qual toca na questão do orgulho de forma revertida, sendo agora a descendência de um animal motivo de glória e não mais humilhação, pois se a condição passada humana é rebaixada, seu estado atual é elevado a uma posição acima de Deus, o que é inadmissível para católicos. A evolução, percebida como progresso, é combatida pela Igreja porque coloca o homem no ápice de uma hierarquia universal, à qual até mesmo Deus está subordinado:

Pois, a grande verdade que nós hoje compreendemos plenamente é que "*o homem fez de sua volta ao animal um motivo de orgulho e o seu primeiro cuidado foi tomar o posto de Deus na hierarquia do universo.* (Tristão de Athayde. *Freud*, pag. 44)". A Igreja católica via-se, portanto, na contingencia de abrir, desde logo, luta contra essa "*subordinação de Deus ao homem, extremo de toda inversão a que chegou o espirito humano em nossos dias (idem, pag. 14)*", procurando restabelecer a hierarquia natural dos seres e dos valores. (*Vida: revista universitária*, No. 14, maio de 1935, grifo original).

O homem não poderia, assim, ser colocado nem no mesmo nível que os animais, nem em um nível acima de Deus. A natureza humana para católicos é fruto de uma síntese entre a animalidade e a divindade, pois em um corpo animal Deus imprimiu características elevadas, à sua imagem e semelhança. Seguindo essa linha de



pensamento, a Igreja chega a admitir a similaridade física entre homens e macacos, mas ressalta suas diferenças psíquicas, as quais resultam da interferência de Deus no processo de criação. Essa posição é adotada em artigos da revista católica *A Ordem*, encontrados na tese de doutorado de Jacqueline Ribeiro Cabral, *Sacramentada pela Fé: discurso católico sobre a ciência no Brasil do século XX (1921-1942)*. Em 1922 é publicado nessa revista um texto com o título “As ciências naturais e os dados da fé católica”, no qual se argumenta que os estudos de anatomia comparada evidenciaram apenas semelhanças físicas aparentes entre homens e macacos, desprezando a principal característica que os diferencia, a faculdade da razão. O homem possui essa faculdade, pois é capaz de refletir sobre a realidade, enquanto o animal é dotado somente de inteligência, caracterizada como conhecimento sensível voltado para a objetividade concreta e particular (CABRAL, 2011, p. 113). Em 1933 outro texto com esse argumento é publicado na revista, com o título “Idéias Transformistas”. No artigo a comparação entre o crânio e o corpo de homens e macacos é usada para refutar a hipótese de ancestralidade, além do salto no registro fóssil entre vestígios de macacos predecessores no período terciário e a existência humana no período quaternário. Por fim, propõe-se que a questão da origem da vida seja avaliada sob dois aspectos, o espiritual e o animal (CABRAL, 2011, p. 119). A diferença entre a psique animal e a psique humana é considerada grande demais para ser obra apenas de causas secundárias, como a evolução natural:

É pois metafisicamente impossível que o psiquismo animal possa, por evolução natural, tornar-se psiquismo humano. Para encontrarmos a origem deste último, uma vez que as causas segundas não no-la podem fornecer, é-nos de absoluta necessidade recorrer à uma intervenção imediata da causa primeira, de Deus. (*A Ordem*, No. 43-44, set-out., 1933, p. 713)<sup>44</sup>

Gustavo Corção publica artigos no jornal *O Globo* com esse mesmo argumento, nos anos 1972 e 1976. Corção utiliza a própria similaridade física entre homem e

---

<sup>44</sup> A diferença entre cérebro humano e animal, principalmente o de primatas, é uma questão que até hoje intriga a neurociência, principalmente dentro da perspectiva da evolução. Um exemplo é o trabalho de Fonseca-Azevedo & Herculano Houzel (2012): “Metabolic constraint imposes tradeoff between body size and number of brain neurons in human evolution”.

macacos como prova de que existe uma interferência divina no processo evolutivo. Se a matéria é tão parecida, o que explica a enorme diferença cognitiva entre o homem e os outros animais? A explicação não pode estar no plano material, uma vez que nessas diferenças são mínimas, logo, a única solução está no plano espiritual. Corção escreve:

...quanto mais provarem o primeiro fato observado, isto é, a semelhança que nos aproxima do macaco, mais veementemente provam a necessidade de buscar outra dimensão que explique a infinita diferença de comportamento. (*O Globo*, 28/09/1972, "Monogenismo e Poligenismo").

- As obras humanas são desmedidamente superiores às dos animais;
- Ora seus corpos são muito semelhantes;
- Logo, não pode estar no corpo o princípio que produz aquela abismal, aquela prodigiosa diferença das obras.

Quanto mais veementemente demonstrarem a menor de meu silogismo, mais refulgentemente se impõe a conclusão que exige a dimensão transcórporea, que chamamos alma espiritual. (*O Globo*, 03/06/1976, "Matéria e Espírito").

Mais de uma vez tenho assinalado este argumento que prova a nossa diferença específica: o homem é realmente muito parecido com o macaco; tão parecido na forma do corpo, e tão infinitamente diferente nas obras, que não se poderia explicar sua superioridade simplesmente pela capacidade craniana. Há entre o homem e os animais inferiores uma diferença dimensional, uma irreduzível diferença específica; e haverá assim também, no surgimento do homem, uma descontinuidade que nenhuma evolução da matéria será capaz de preencher. (*O Globo*, 30/10/1976, "As diferentes noções de progresso - I").

Com esse argumento Corção também defende a origem única, o monogenismo, em detrimento do poligenismo e critica católicos progressistas que apoiam esse último, chamado por ele de religião, e não ciência. A questão das origens não pode ser tratada como ciência, diz Corção, pois versa sobre objetos ausentes e passados, sendo impossível falar de provas e certezas a esse respeito. Para permanecer no campo científico essas ideias devem ser tratadas apenas como hipóteses, pois se passam a afirmações deixam de seguir os princípios do método científico, cujo critério deve se basear em experiências e evidências factuais. Assim, a controvérsia a respeito da origem do homem acontece entre duas religiões e não entre religião e ciência:

É antigo e irredutível o debate em torno do problema e o mistério da origem do homem. No esplendor do cientificismo dos séculos passados, XVIII e XIX, a questão foi estridentemente colocada em termos de antagonismo entre a Religião e a Ciência. (...)

Na verdade, porém, a controvérsia se trava entre dois campos religiosos. Não há nem pode haver Ciência capaz de desmentir nem capaz de provar as verdades religiosas que são de outra ordem. Também não há nem pode haver Ciência alguma que prove e cabalmente explique as origens do homem, as origens da vida, as origens do universo por que, se a ciência do fenômeno tem como critério único a experiência e a evidência do fato, por isso mesmo ela não tem nada a dizer sobre objetos ausentes e passados. Por extrapolações indevidas poderá balbuciar hipóteses; mas se se desmanda e se começa a falar em provas e certezas, já não o faz com critério científico, e sim com critério religioso. (...)

Disse atrás que antigo era o debate entre a posição conscientemente religiosa e a outra, inconscientemente religiosa.

O que é moderno nessa longa e disparatada controvérsia é a posição trazida pelos “novos” católicos, e por eles tida como extremamente inteligente. Quando no domínio da Ciência séria e honesta começa a cheirar mal o evolucionismo, que já está desvendado como Religião ou contra-Religião, nossos bravos progressistas se precipitam sobre o vômito dos cientistas desalentados.

Dias atrás, num debate público, um monge eruditíssimo declarou tranquilamente que o monogenismo está hoje superado. Esse erudito certamente pensa, ou pensa que pensa, que isto é mais inteligente do que o credo católico. Ora, eu pergunto: se admitirmos que o homem seja um ser essencialmente superior a todo mundo físico, se admitirmos a necessidade de um agente e de um milagre para a emergência do Homem, então, pelo amor de Deus, me explique o erudito monge a razão que o leva a achar que mil criações supernaturais e sobrenaturais espalhadas no mundo são mais plausíveis do que uma só. E explique-me como conciliar esse poligenismo com a Epístola aos Romanos, cap. V. E explique-me a vantagem desse poligenismo para a coesão da fé. (*O Globo*, 28/09/1972, “Monogenismo e Poligenismo”).

Embora no Brasil ideias evolucionistas tenham sido fortemente associadas ao poligenismo, inicialmente quando Darwin lançou *A Origem* sua teoria foi vista como suporte ao monogenismo. Segundo Himmelfarb (1959, p. 233), o periódico ortodoxo *Catholic Dublin Review* apoiava Darwin, pois antes dele cientistas defendiam que as diferenças entre raças<sup>45</sup> eram tão grandes que seria impossível todas terem como

---

<sup>45</sup> A ciência contemporânea, em especial a genética, continua a estudar diferenças biológicas entre grupos socialmente classificados como raça. Um exemplo exemplo é o trabalho de Santos *et al* (2009), “Color, race, and genomic ancestry in Brazil: dialogues between anthropology and genetics”.

origem apenas um casal. Darwin propunha que todos os seres tiveram uma mesma origem, e curiosamente para alguns católicos isso significou uma comprovação de que toda a humanidade veio de Adão e Eva. A identificação entre evolucionismo e poligenismo no Brasil não parte de Darwin, mas sim Haeckel, que teve forte influência nas ideias sobre evolução no país, principalmente na Escola de Direito de Recife, a qual possuía grande relevância no movimento intelectual nacional. De acordo com Glick (2010, p. 697), Haeckel forneceu a base de todas as conceptualizações brasileiras sobre raça nos anos 1870-80 e para este as raças eram espécies distintas. Assim, por meio de Haeckel, um conceito poligenista de raça foi inserido em um modelo evolucionário monogenista (SCHWARCZ 1999, p. 187).

Oliveira e Silva aborda a questão do poligenismo em um artigo de 1903 para o jornal *Gazeta de Notícias*, com o intuito de criticar o ensino do evolucionismo pelo professor do curso de mitologia da Escola Normal para moças do colégio Pedagogium, Sr. Medeiros e Albuquerque, o qual era também diretor da instrução pública municipal do Rio de Janeiro. Com o título “Unidade da Espécie Humana”, o texto possui uma série de argumentos contra a ideia de que cada raça possui uma origem diferente. Oliveira e Silva começa argumentando que a discrepância na coloração da pele e no formato do crânio entre diferentes raças é explicada pela existência de uma gradação de tonalidades e formas que realizam a transição entre cada tipo extremo. Depois, argumenta que se raças fossem espécies diferentes o cruzamento dessas não resultaria em indivíduos férteis, como acontece na realidade. Passa então para a comparação entre ferramentas produzidas em diferentes partes do mundo, todas muito semelhantes, indicando uma unidade de pensamento entre os povos mais afastados. Finalmente, chega a seu maior argumento, a existência de um sentimento religioso universal, pois todos os povos realizam rituais para enterrar seus mortos. Ao apresentar esses argumentos Oliveira e Silva sempre cita nomes de cientistas como referência. Pela falta de conhecimento desses estudos, o jornalista conclui que o Sr. Medeiros e Albuquerque “não tem alcance nem profundidade intelectual” e que “só os bagres lhe tomarão a sério o holorento materialismo que as pobres alumnas da Escola Normal são obrigadas a suportar.” (*Gazeta de Notícias*, 05/04/1903).

Assim como a origem da vida, o tema origem do homem suscitou debates sobre a fronteira entre ciência e religião e foi alvo de confrontos e formas de conciliação entre essas duas categorias. Entretanto, por ter o homem como o centro da discussão, esse segundo tema foi levado para além dos campos científico e religioso, envolvendo questões de cunho social. Como aponta Oliveira e Silva no artigo para o jornal *Gazeta de Notícias* citado anteriormente, a origem única da humanidade está ligada a ideia de solidariedade entre os homens, a qual se vê ameaçada pelo individualismo da “luta pela sobrevivência” ou pela eugenia promovida a partir da noção de que há raças com origens diferentes e características melhores ou piores. Católicos encarariam essa questão como mais um problema apresentado pelo movimento darwinista, como será discutido a seguir.

## **2.4 INDIVIDUALISMO OU SOLIDARIEDADE? A QUESTÃO DA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA**

O Darwin, o qual estou lendo, é realmente estupendo. A teologia em um aspecto não tinha ainda sido destruída: agora é. Além disso, nunca havia sido feita uma tentativa tão magnífica de demonstrar o desenvolvimento histórico na natureza, ou pelo menos não de maneira tão feliz. É claro, você deve passar por cima do cru método inglês. (Carta de Friedrich Engels a Karl Marx, em 12/12/1859. In: GERRATANA, 1974, pp. 62-63. Tradução nossa)<sup>46</sup>.

O livro de Darwin é muito importante e me serve como uma base científica-natural para a luta de classes na história. É preciso tolerar o bruto modo inglês de desenvolvimento, é claro. Apesar de todas as deficiências, não é apenas um golpe mortal a “teologia” dentro das ciências naturais, mas seu significado racional é empiricamente explicado. (Carta de Karl Marx a Ferdinand Lassalle em 16/01/1861. In: GERRATANA, 1974, p. 63. Tradução nossa)<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> “The Darwin, which I am just reading, is really stupendous. Teleology in one respect had still not been finished off hitherto: it is now. Moreover, there has never yet been such a magnificent attempt made to demonstrate historical development in nature, or at least not so happily. Of course, you have to pass over the crude English method.” (GERRATANA, 1974, pp. 62-63).

<sup>47</sup> “Darwin’s book is very important and serves me as a natural-scientific basis for the class struggle in history. One has to put up with the gross English mode of development, of course. Despite all deficiencies, not only is the death-blow dealt here for the first time to “teleology” in the natural sciences, but its rational meaning is empirically explained.” (GERRATANA, 1974, p. 63).

Engels e Marx expressam nesses trechos de cartas a sua satisfação ao ler o livro *A origem das espécies* de Darwin, apesar de não gostarem do modo como esse escreve, seguindo o sóbrio estilo inglês. Inicialmente aos dois famosos defensores do socialismo agrada o materialismo implícito nas ideias do naturalista, vistas como um golpe à teologia, e a forma como esse aplica à natureza um método histórico semelhante ao que eles aplicavam à sociedade. Marx ressalta ainda a sua admiração pela racionalidade e empiria da teoria de Darwin. Os três apontavam o conflito como o motor que impulsionava a história, seja por meio da “luta pela sobrevivência” na natureza, seja pela “luta de classes” na sociedade humana. No entanto, a similaridade percebida a princípio por Engels e Marx entre suas ideias e as de Darwin é posteriormente substituída por uma identificação do darwinismo como teoria elitista e capitalista, pois parecia defender a competição e a supremacia de uma minoria mais forte. Ironicamente, Engels argumenta que Darwin acabou mostrando que a lei da livre concorrência não era um sistema inteligente como pensavam os economistas, mas uma ordem natural a qual animais irracionais estavam submetidos. Para se elevar de sua animalidade o homem deveria pensar racionalmente outras formas de produção, defende Engels, com autonomia em relação às imposições da natureza:

Darwin não sabia que amarga sátira havia escrito sobre a humanidade e especialmente sobre seus compatriotas, quando ele mostrou que a livre competição, a luta pela existência, que os economistas celebram como a maior conquista histórica, é o estado normal do reino animal. Apenas a organização consciente da produção social, na qual a produção e a distribuição são levadas de maneira planejada, pode levantar a humanidade acima do resto do mundo animal quanto ao aspecto social, da mesma forma que a produção em geral elevou o homem no seu aspecto como espécie. (ENGELS, F., 1883, p. 35. Tradução nossa).<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> “Darwin did not know what a bitter satire he wrote on mankind, and especially on his countrymen, when he showed that free competition, the struggle for existence, which the economists celebrate as the highest historical achievement, is the normal state of the animal kingdom. Only conscious organization of social production, in which production and distribution are carried on in a planned way, can lift mankind above the rest of the animal world as regards the social aspect, in the same way that production in general has done this for men in their aspect as species.” (ENGELS, F., 1883, p. 35)

Segundo Colp (1982, p. 481), a opinião de Marx sobre a teoria da seleção natural era ambígua e confusa, pois a encarava ao mesmo tempo como um reflexo do pensamento burguês e, pelo menos até certo ponto, como uma verdade científica. Houve rumores de que sua admiração por Darwin era tão grande a ponto de oferecer dedicar a esse o segundo volume de *O Capital* (1885), homenagem que o naturalista inglês teria recusado em uma carta, encontrada entre documentos de Marx. No entanto, a carta era na verdade endereçada a Edward Aveling, um biólogo inglês, genro de Marx, que gostaria de dedicar a Darwin o segundo volume de seu livro *Student's Darwin* (1881) (COLP, 1982). Embora seja um mito, a história ajudou a sustentar a opinião de que darwinismo e socialismo eram correntes de pensamento associadas.

Como tem sido demonstrado, as ideias de Darwin são classificadas de maneira paradoxal em diversos aspectos, sendo plausível que Marx as tenha considerado de forma ambígua e confusa. Hull (1988, p.388) discute que o darwinismo foi interpretado ao mesmo tempo como justificção para as políticas econômicas do *laissez-faire* e base para a teoria econômica Marxista. Esse paradoxo pode ser observado em discussões nos periódicos do Rio de Janeiro, as quais envolvem também religião. Em contraponto ao individualismo do pensamento darwiniano, a religião é defendida como protetora dos mais fracos e promotora da solidariedade. Essa perspectiva pode ser observada no artigo “Questão Social”, do tenente, jornalista, líder operário e político José Augusto Vinhaes para o jornal *O Tempo*, em 1891. O cristianismo e o socialismo são vistos por Vinhaes como opostos ao darwinismo:

“O christianismo e o socialismo, diz um eminente economista belga, têm linguagem diversa [ao darwinismo]. Declaram guerra aos fortes, isto é, aos ricos, pretendem soerguer os pobres e desherdados. Submetem as pretensas leis naturaes á lei da justiça. Plena liberdade, seja; mas sob o imperio da justiça.” (*O Tempo*, 26 de maio de 1891).

No ano seguinte, 1892, Vinhaes escreve novamente sobre o tema, porém, muda sua opinião sobre religião e dessa vez a coloca como instrumento da burguesia ao invés de congênere do socialismo. O texto é publicado no jornal *O Paiz*, com o título “Á

Classe Operaria”. Segundo o tenente, a burguesia recomenda a religião às massas, pois a considera “um freio” que “mantém o povo no servilismo e na ignorância”. Por isso “a burguesia, apesar de sceptica não tendo nenhuma base moral, é forçada em sua maioria a entregar ao padre que ella despreza a educação dos seus.” Continua seu ataque à religião como inimiga da ciência:

“Como a sciencia e a consciência ou, por outra, os conhecimentos e a moral progridem constantemente no mundo civilizado, resulta que a religião, qualquer que ella seja, tendo por principal fato ser a depositaria da verdade absoluta, pretensão insensata e anti-cientifica, e por condição de existencia a imobilidade do pensamento humano, é fatalmente falsa em seus principios e retrograda em suas realizações.” (*O Paiz*, 25 de abril de 1892).

Esse é o “ponto de vista do socialismo moderno”, afirma Vinhaes. Entretanto, os socialistas também não aceitam “a explicação puramente zoologica que os darwinistas, como bons auxiliares da burguezia, puzeram em voga, para justificar a exploração capitalista.” A teoria de Darwin associada à economia é vista pelo tenente como promotora dos “celebres e egoísticos aforismos: ‘*cada um por si*’, ‘*enriquecei-vos*’, ‘*laissez faire et laissez passer*’” e a “*guerra de todos contra todos* é a inspiradora universal da baixa animalidade e da ordem individualista burguesa” (grifo original). A moral socialista, por outro lado, defende Vinhaes, propõe uma “concepção superior”, pregando os ideais de solidariedade e piedade.

Os intelectuais católicos brasileiros compartilham a opinião de Vinhaes quanto ao darwinismo. Joaquim Nabuco, por exemplo, escreve em 1875 para o jornal *O Globo*, referindo-se ao darwinismo alemão de Haeckel:

A philosophia negativa da Allemanha, tende a fundar o depotismo, aristocracia, a escravidão, a desigualdade dos homens (raças, famílias, profissões, etc.), a missão natural (e que nós diríamos – providencial) da força, a irresponsabilidade humana (o homem é um produto, e não responde mais por seus actos do que a arvore pelos fructos que dá.) emfim toda a moral que deriva da luta pela vida, *strugle for life*, si não reside á ella a lei superior do dever. (*O Globo*, 15/08/1875, “Um darwinista alemão”. Grifo original).



Enquanto católicos consideravam a teoria da evolução por seleção natural como promotora do individualismo, o criminologista italiano Enrico Ferri acreditava que o darwinismo estava, na verdade, associado à cooperação e à solidariedade, como afirma em uma conferência em 1908 no teatro S. Pedro, no Rio de Janeiro, reportada pelo jornal *O Paiz*:

(...) a lei do darwinismo social, que completa a lei da lucta pela vida: é a lei da solidariedade ou da cooperação dos seres vivos. Na primeira conferencia do S. Pedro, affimava, ao concluir, que a humanidade se aproxima de um tempo em que a dominará o sentimento de *solidariedade*. (*O Paiz*, 25/11/1908, “Enrico Ferri – A conferencia de hontem”. Autor: Levi Carneiro. Grifo original).

A forma como darwinistas abordam o surgimento do sentimento de solidariedade, entretanto, é criticada por católicos. Em 1905 o jornal *A União* publica a tradução de um artigo da revista de dominicanos franceses chamada *Revue Thomiste*, com o título “As falsas consequências moraes e sociaes do darwinismo”, no qual discorda-se da opinião de darwinistas de que a cooperação seja resultado apenas do conflito, da união por interesses, como para combater um inimigo em comum. Por meio desse argumento, darwinistas defendem que a guerra é um mal necessário, pois dela resulta o bem, a solidariedade entre os homens. Para católicos, por outro lado, a bondade pode existir naturalmente no homem, sem que o conflito seja necessário:

Segundo os darwinistas puros, a lei de associação não é mais que um serrote da lei de concorrência, em vez de lhe ser oposta. Suppondo que certos indivíduos impelidos por um impulso commum, deante de um inimigo superior a cada um deles, individualmente, fiquem victoriosos deste inimigo em virtude da sua cooperação acidental : a experiência do esforço em commum repetir-se-á, a principio casualmente, depois por habito, e tornar-se-á, emfim, um processo systemático.

Os instinctos sociaes não são sinão incidentes da guerra universal. A paz não é, mais ou menos conscientemente, sinão um ardil de guerra. O amor é filho clandestino da guerra. Estas teorias tem trazido, a titulo de consequência logica, a justificação do direito do mais forte do qual o imperialismo americano e as guerras recentes são applicações praticas.

Nietzsche, seguindo o exemplo de Hobbes, tem sido um dos defensores mais brilhantes deste direito. Levada ás suas extremas

consequências, é a doutrina do velho Heraclito: <<O combate é o pai de todas as coisas.>>

A omnipresença da concorrência vital é um facto que se deve admitir com Darwin e os seus discípulos, mas é anticientífico não encarar a natureza senão deste ponto de vista exclusivo. A associação primitiva não é somente o resultado da cooperação por interesse, mas também da *sympathia* e, sem dúvida, no mesmo grau. Os homens não se unem somente para lutar contra um amigo comum, mas unem-se também por este instinto de *sympathia*, que impele o semelhante para o semelhante. (...) A lei primordial da vida não é o ódio, é o amor. (*A União*, 16/05/1905).

Assim, segundo católicos, mesmo quando o darwinismo é associado à solidariedade, o é de forma negativa, por meio do ódio e da guerra. Consequentemente, esses consideravam uma contradição que intelectuais socialistas apoiassem o darwinismo. É o caso de Ferri, o qual segundo o jornal *O Paiz* é socialista e darwinista, acentuando em sua obra “a conciliação das doutrinas de Darwin, de Spencer e de Marx”, distinguindo com empenho o “socialismo romântico e sentimental” do “socialismo científico” (*O Paiz*, 25/11/1908). No jornal *A União* é publicado em 1906 um texto com o título “Solidariedade das classes e princípios do socialismo” no qual se argumenta que a associação dessas ideias é incoerente, sendo mais lógico que o socialista fosse cristão e não darwinista:

Um modo que, o observador que perscruta atentamente a coerência lógica de um socialista pasma de vê-lo quase sempre um admirador de Darwin e de Haeckel e de conceito materialista, quando elle deveria ser politicamente christão. Na verdade, é uma contradição admirável que indivíduos socialistas, cujo ideal politico é sustentar o fraco contra a opressão dos fortes partilhe a philosophia dos que querem em sociologia o livre jogo das forças naturaes, a sobrevivência dos fortes, a livre gymnastica funcional para o desenvolvimento eurythmico do organo vencedor, o combate e victoria do mais adaptado. Si a doutrina biológica verdadeira é esta, si esse é o critério a adoptar na sociedade; o principio director é o da desigualdade social e toda e qualquer reforma social é inútil. (*A União*, 16/02/1906).

A maneira como o darwinismo é interpretado no âmbito social e moral é também criticada no jornal *A União*. Explica-se o equivoco do que é chamado de “lei do mais forte”, pois o forte é o mais adaptado e não necessariamente o melhor:

Quando se fala da <<lei do mais forte>>, crea-se um equívoco em torno da palavra <<força>>. A sobrevivência do mais apto não é necessariamente a do mais forte, é do mais bem adaptado á tal condição particular, porque este pode ser mais resistente em tal meio, pode também ser o mais favorecido pelo acaso. Eis porque a lei darwinica de adaptação abrange com frequência o que poder-se-ia chamar a superioridade extrínseca de certas inferioridades intrínsecas. Acontece effectivamente em qualquer ordem de cousas que, por exemplo, sendo uma creatura demasiadamente perfeita para adaptar-se a um meio que está numa proporção inferior com ella, é eliminado por uma creatura menos perfeita, porém, mais em relação com este meio até por causa da sua mesma imperfeição. (*A União*, 16/05/1905, “As falsas consequências moraes e sociaes do darwinismo”).

Ferri compreende também a questão do mais forte como o mais adaptado e a explica na conferência “Do micróbio ao homem”, proferida em 1908 no Rio de Janeiro e reportada pelo jornal *O Pharol*. Ferri utiliza como exemplo uma situação dentro de uma cadeia, na qual o pior criminoso é selecionado:

Quiseram transformar a lei de Darwin em uma doutrina aristocrática, para justificar a sobrevivência das minorias dominantes: mas esqueceram-se de que os mais aptos não são justamente os melhores. No ambiente do cárcere o camorrista prevalece e impõe a sua supremacia, e o homem honesto torna-se a victima, que sofre e se resigna. A razão está apenas em que o criminoso mais feroz é, não o melhor, porém, o mais adaptado ao ambiente do cárcere. Essa maior ou menor adaptação ao ambiente é que determina a seleção natural, pela transmissão dos caracteres dos sobreviventes. (*O Pharol*, 17/12/1908, “Do micróbio ao homem – 8ª conferência do professor Ferri”).

No exemplo do Ferri, o criminoso mais forte em termos físicos é o vencedor, porém esse não é o melhor em termos morais. Assim, argumentam católicos, a seleção natural, deixada transcorrer na sociedade humana da mesma forma que no mundo animal, acaba selecionando tipos considerados piores. Esse argumento é utilizado no jornal *A União* para propor que o progresso social deve ser pensado em termos diferentes do darwinismo:

Eis o grande erro do pseudodarwinismo. Tal é o desconhecimento de uma lei essencial ao progresso social, e que o Sr. Famille formula assim: <<O progresso social, na humanidade, já não tem nem deve ter por fim a sobrevivência dos que são mais bem adaptados ao conjunto das condições *actualmente existentes*, quaisquer que sejam; tem por fim a sobrevivência d'aquelles que são intrinsecamente os melhores, e, até por isso, são socialmente os melhores, os mais bem adaptados a um conjunto de condições *ideaes e futuras*. Para atingir este fim, o progresso contrapõe-se ao fluxo natural da evolução, segundo Darwin descreveu, e esforça-se por encaminhal-o em proveito da moralidade superior. (*A União*, 16/05/1905, "As falsas consequências moraes e sociaes do darwinismo").

Essa citação remete a discussão entre as ideias de evolução e progresso; no que segue será visto como se deu essa discussão entre católicos e cientistas.

## 2.5 PERMANÊNCIA OU TRANSFORMAÇÃO? A QUESTÃO DO PROGRESSO

Houve quem dissesse, em algumas ocasiões, que o sucesso de *A Origem* comprovou "que o assunto estava no ar", ou "que a mente dos homens estava preparada para ele". Não creio que isso seja uma verdade rigorosa, pois, em algumas ocasiões, sondei um bom número de naturalistas e nunca me aconteceu deparar com um único deles que parecesse pôr em dúvida a permanência das espécies. (...) O que creio ter sido verdadeiro é que inúmeros fatos bem observados estavam armazenados na mente dos naturalistas, prontos para assumirem seus lugares adequados, tão logo fosse suficientemente explicada uma teoria que os acolhesse." (Darwin, *Autobiografia*, p. 107).

Em sua autobiografia Darwin defende que a ampla aceitação da ideia de que as espécies evoluíram ao longo do tempo estava ligada a eficiência de sua teoria em explicar como isso aconteceu, e não a um determinado contexto onde já pairava essa ideia. Porém, se hoje a seleção natural é considerada o grande diferencial da teoria de Darwin, granjeando um enorme consenso, o mesmo não acontecia no século XIX na Inglaterra, quando até Huxley, o célebre "bulldog" de Darwin, negava esse mecanismo. Um trabalho recente de Gualtieri (2003) mostra que no Brasil acontecia o mesmo. Enquanto a ideia de evolução era majoritariamente aceita por cientistas do Museu Nacional, a ideia de seleção natural era recusada:

A unanimidade, portanto, constituiu-se em torno da ideia geral de evolução – inconstância das espécies e descendência com modificação. Entretanto, a compreensão sobre o processo por meio do qual ocorria a transformação não foi consensual.

A ideia de seleção natural, por exemplo, foi amplamente recusada e havia mais de uma razão para rejeitá-la. (GUALTIERI, 2003, p. 80).

Segundo Brooke (2003, p. 205), o desacordo científico sobre a importância da seleção natural criou espaço para esquemas de evolução teísta, na qual fatores teleológicos foram mantidos. Religiosos consideravam que as espécies evoluíam de acordo com um plano, um propósito divino que guiava o progresso físico e espiritual. Antes da publicação de *A Origem das Espécies* alguns teólogos naturalistas ingleses já propunham que os seres vivos eram perfeitamente adaptados aos seus ambientes, e que a perfeição havia sido alcançada ao longo de um desenvolvimento histórico progressivo (CANNON, 1961, p. 128). Essa visão era reforçada pelo contexto da época, em que Europa e Estados Unidos experimentavam grande avanço tecnológico e crescimento econômico devido à segunda Revolução Industrial. A atmosfera de progresso e otimismo fez da evolução um assunto de enorme interesse para o público, e essa foi transformada de uma ameaça perigosa a uma nova oportunidade teológica (GREGORY, 1986, p. 382 e 384). Darwin tornou a crença na evolução mais verossímil do que nunca, porém, como observa o filósofo americano Chauncy Wright, a vitória não fora para o próprio Darwin, mas sim para Lamarck, pois após a publicação de *A origem das espécies* preponderou uma versão lamarckista da evolução (GREGORY, 1986, p. 378 e 384). O jornalista católico Oliveira e Silva e o padre João Gualberto confirmam a observação do filósofo, o primeiro em um artigo para o jornal *Gazeta de Notícias*, em 1908, e o segundo em uma conferência reportada pelo jornal *A União*, em 1916:

O evolucionismo, desde Lamarck, não deixa de fazer progressos entre os naturalistas; o darwinismo, a princípio acolhido com entusiasmo, foi, pouco a pouco, batido em brecha, e a seleção natural não é considerada hoje senão como um dos mil factores postos em obra

pela natureza, para a diferenciação das espécies. (*Gazeta de Notícias*, 7/12/1908, “Evolucionismo”, Oliveira e Silva).

Quanto às teorias, está de pé o systema de Lamarck ao passo que vai abrindo fenda por todas as partes a theoria darwinica.

A seleção natural por ninguém mais é aceita como fator da evolução, a que apenas pôde accellerar, mas não edificar. (*A União*, 10/09/1916, “As conferencias do padre João Gualberto”).<sup>49</sup>

Além disso, Darwin não era o herói de religiosos que adotavam uma abordagem progressista da evolução, mas sim Herbert Spencer, o qual interpretou a evolução em uma escala cósmica<sup>50</sup> (GREGORY, 1986, p. 382). Deve-se a esse a transformação da palavra “evolução” em sinônimo de “descendência com modificação”, popularizando o conceito de que as espécies, assim como as sociedades e todo o universo, progrediam de inferiores a superiores, com um aumento da complexidade. Em *A Origem das Espécies*, Darwin chegou a usar a palavra evolver, mas a evitava, justamente porque “rejeitava explicitamente equacionar o que agora chamamos de evolução com qualquer noção de progresso” (GOULD, 1999, p. 27).

Um exemplo da recepção positiva de católicos à ideia de progresso cósmico foi encontrado no jornal católico *O Brasil*. Um artigo de 1890, com o título

---

<sup>49</sup> No início do século XX, em 1900, os biólogos Hugo de Vries e Carl Correns retomaram a teoria sobre hereditariedade que Gregor Mendel havia sistematizado em 1865. Com base nas ideias de Mendel cientistas passaram a defender que a evolução acontecia por meio de mutações genéticas e não pelo mecanismo de seleção natural. Assim, o modelo lamarckista de evolução, segundo o qual as adaptações eram transmitidas hereditariamente e promoviam a diferenciação das espécies, tornou-se mais aceito do que a adaptação pela luta pela sobrevivência de Darwin. No Brasil intelectuais como Mello Leitão e Roquette-Pinto apoiavam esse ponto de vista. Assim, segundo Duarte (2010, p 65), nas primeiras décadas do século XX predominava uma profunda rejeição a Darwin. Apenas com o desenvolvimento da genética de populações entre os anos 1918 e 1932, principalmente por meio dos trabalhos de Ronald Fisher, Sewal Wright e John B. S. Haldane, é que as ideias de Darwin e Mendel foram conciliadas, levando eventualmente à síntese evolutiva moderna, nas décadas de 1930 e 40. A ideia de Lamarck sobre a descendência de caracteres adquiridos foi abandonada após essa síntese, porém, no final do século XX e início do século XIX começou a ser retomada por trabalhos sobre herança epigenética, como o livro de Eva Jablonka e Marion J. Lamb, *Epigenetic Inheritance and Evolution: the Lamarckian Dimension*, publicado em 1995.

<sup>50</sup> Spencer defendia que o processo evolutivo poderia ser aplicado à formação de galáxias, estrelas e planetas, que foram se desenvolvendo e organizando ao longo do tempo da mesma maneira que organismos biológicos e sociedades.

“Evolucionismo”, sem autor identificado, traz uma breve descrição da teoria da evolução e seus pontos de concordância e discordância com o catolicismo. A evolução é apresentada como progresso e argumenta-se que no Genesis já se falava disso:

“A evolução, o progresso, o desenvolvimento, a passagem por diferentes formas é a lei geral dos seres contingentes. É incontestável, desde que a astronomia é uma ciência que os astros e este nosso planeta sublunar tem passado por fases grandiosas. O autor do Genesis já as tinha indicado a grandes traços.” (*O Brazil*, 27/05/1890).

O conceito de evolução como desenvolvimento progressivo é aplicado no artigo ao surgimento dos astros, e “Quanto a *esta evolução astronimica*, a ortodoxia não oppõe embargos” (Grifo original). Entretanto, para os “philosophos cristãos” a evolução não pode ser estendida para todos os terrenos, pois “(...) todos reconhecem que a alma humana é produto de uma criação especial, por quanto não póde o espirito ser o fructo da evolução da matéria” (*O Brazil*, 27/05/1890).

Enquanto o progresso agradava alguns religiosos por estar ligado a noções de desígnio divino e design na natureza, este era combatido pelos ortodoxos quando representava a defesa de mudanças sociais, principalmente de inovações em instituições consideradas retrógradas pelos “modernos” adeptos do evolucionismo. Como escreve o filósofo inglês George Henry Lewes para a revista *Blackwood's Magazine*, em 1861: “A hipótese darwiniana (...) é rejeitada de maneira clamorosa por mentes conservadoras, por ser considerada revolucionária, e aceita com não menos avidez por mentes insurgentes, por ser considerada destruidora de velhas doutrinas.” (BROWNE, 2011, p. 219). Em um artigo do jornal *A União* de 1914, com o título “Chavões e abusões – o evolucionismo” é feita uma crítica aos que repetem a todo o momento a palavra evolução, com uma fé ignorante de que esta é a “última palavra na ciência”, “a última novidade”, uma “moderníssima doutrina”, com a qual defendem que “não há nada de fixo, nem de certo, nem de verdadeiro nesse mundo”. Apresenta-se no artigo, como exemplo da aplicação do evolucionismo às instituições, a forma como esse nega o casamento:

“E eis que se levantam os partidários do *amor livre* a reclamar, em nome da evolução, a legalização de outra phase, d’outro período a que deve chegar, acompanhando a transformação das idéias moraes, que não são fixas nem immutaveis, a instituição do casamento, o qual também não é imutavel, e acompanha a evolução das idéias. E, como as idéias são actualmente para quebrar todos os óbices moraes, e estabelecer a mais completa emancipação de costumes, vida fácil e gozo de todas as cousas em quanto não vem a *magra*, nada mais têm a fazer os governos sinão adoptar o rumo que vertiginosamente seguem os costumes, e ceder ás injucções de prinípios descobertos, propalados e trombeteados pela philosophia barata e fácil. (*A União*, 14/04/1914. Grifos originais).

Entretanto, se por um lado a Igreja defende a permanência de certas instituições sociais, princípios morais e crenças, esta também procura se desvencilhar do rótulo de atrasada e antiquada. O padre Júlio Maria, uma das figuras mais importantes no movimento de reação católica, se posiciona a esse respeito em uma conferência reportada pelo jornal *A União* em 1914. Defende que a Igreja não muda, mas isso não significa uma ausência de progresso e desenvolvimento, apesar da existência de religiosos contrários a transformações:

Os nossos adversários ignoram que o dogma é um germen vivo e não uma *pedra inerte*, e concluem dahi que a Igreja sendo imutavel é hostile ao progresso do espirito humano. Demonstra [Julio Maria] que a imutabilidade não exclue a variabilidade. É certo que há rotineiros na Igreja, e esses horrorizam-se quando lhes diz que a Igreja caminha, se desenvolve e progride. Elles se esquecem de que progredir não é <mudar>. Mudar é deixar de ser o que era: progredir é desenvolver-se. A Igreja não muda, mas progride. É certo, repete, que há esses rotineiros; mas é certo também que a Igreja em todos os tempos teve uma grande voz para condemnar a rotina: na antiguidade – Vicente Lerins; na media idade – S. Thomaz; na nossa época – ella própria, em sua bulla <Ineffabilis>. . (*A União*, 15/03/1914, “Conferencias da Cathedral – 2ª conferencia do padre Dr. Julio Maria”. Grifos originais).

Segundo o padre, Darwin aponta a variabilidade como a única lei do mundo, o que considera um erro, pois há elementos constitutivos constantes em todo o universo. Da mesma forma, erram os religiosos que colocam a imutabilidade como lei única da Igreja, pois esta também varia. Assim, propõe uma síntese entre permanência e variação:



A lei da Igreja é de todos os seres, os quaes têm dois elementos: um – *immutavel*, sem o qual o ser não existiria; o outro – *móvel*, sem o qual o ser petrificar-se-ia. Si tudo mudasse não existiria o ser; si nada se desenvolvesse não existiria a vida do ser. Erro foi de Darwin fazer da *variabilidade* a lei única do mundo, porque os elementos, a marcha dos astros, a sucessão das estações, a constituição dos animaes e do homem – tudo que é *constitutivo* não varia. Erro é também a opinião dos que na Igreja fazem da *imutabilidade* sua lei única, porque a Igreja é essencialmente progressiva, e de tal sorte ella se adapta a todas as cousas boas, que uma das qualidades da Igreja, como disse Bossuet, é a sua perpetua novidade. A Igreja é immutavel, mas como o homem, como uma arvore, os quaes são sempre os mesmos na *identidade*, mas cada um varia em desenvolvimentos sucessivos. (*A União*, 15/03/1914, “Conferencias da Cathedral – 2ª conferencia do padre Dr. Julio Maria”. Grifos originais).

Da mesma forma que Júlio Maria, Gustavo Corção argumenta que há transformação e estabilidade nos seres vivos e no universo, e acrescenta que os próprios cientistas que estudam a evolução deveriam perceber que seus trabalhos dependem de fatores imutáveis para poderem ser analisados. Por trás das variações que fascinam evolucionistas, escreve Corção citando Comte, há leis físicas constantes:

As inteligências retardadas pensam sempre que o fenômeno, o movimento e a transformação são valores metafisicamente superiores ao imutável. Nós estamos cansados de saber que o universo físico é o que Born chamou de **restless universe**. O ser corpóreo é, há muitos anos, conhecido na mais austera e profunda das Escolas como o **ens mobile**. (...) Todos os seres corpóreos merecem essa mesma alcunha erudita: **ens mobile**. E todo o monstruoso Universo visível que mede alguns bilhões de anos-luz no seu diâmetro também é um **ens mobile**. Não é tão recente nem tão superficial o conhecimento que temos dessa frase atribuída a Augusto Comte pelo professor Raul Guedes sessenta e dois anos atrás: “A lei física é aquilo que se observa como constante entre os elementos variáveis de um fenômeno”. Lembro-me que fiquei deslumbrado quando aprendi que a inteligência procura sempre o imutável, o invariante, o constante escondido pelas oscilações, rotações, revoluções, propagações, que tanto fascinam o evolucionista.

(...)

E aqui se arma um dos mais expressivos paradoxos do Evolucionismo: seus seguidores são todos cientistas, reclamam para si o apoio das ciências, dizem de tudo o que lhes apraz que está cientificamente provado; mas na verdade nenhum cientista pode dar três passos sem a segura consciência das constantes que ele investiga. (*O Globo*, 21/01/1978, “O móvel e o imóvel”. Grifos originais).

A questão da evolução como progresso não girava em torno apenas de identificar qual princípio descrevia melhor o mundo, o da constância ou o da mudança. Envolveria posicionamentos políticos, principalmente nos anos 1880 e 1890 no Brasil, quando cresciam movimentos sociais no país, como a campanha abolicionista e a oposição à monarquia. Segundo Gualtieri (2003, p. 48) *“Evoluir, no Brasil do século XIX, significava, dentre outros aspectos, derrubar a monarquia, tornar livre o trabalho, privilegiar a livre concorrência, reexaminar a concepção de Estado.”* Uma expressão desse tipo de pensamento é o coronel Rodolpho Pau Brasil, grande admirador de Spencer, que em uma conferência em Curitiba, transcrita pelo jornal *Diário de Notícias* em 1889, se apresenta como um jovem moderno e defende que a teoria da evolução está envolvida não apenas com a ciência, como também com a política, a indústria e a arte:

Venho falar ligeiramente da theoria da evolução, sob o ponto de vista scientifico, politico, industrial e esthetico. Seja-me permitido considerar o thema de acordo com a grande Lei do Universo. Tenho combatido, na imprensa e na tribuna, há cinco anos, como um dos mais obscuros soldados da causa, que em sua frente conta entre os mais eminentes espíritos, o genial philosopho inglez Herbert Spencer. Não sou dos que combatem o passado, em nome do futuro, nem dos que combatem o futuro, em nome do passado. Sou moderno e orgulho-me de pertencer ao meu século, de compreender-lhe as aspirações da tarefa difícil do presente evolucionista. (...)

Ainda sou muito moço e sinto, todavia, a descrença produzida pela luta dos três partidos de minha pátria. Uns, como o liberal e o conservador, em plena decomposição histórica. E o terceiro, o republicano, ainda se acha em via de formação e até hoje tem oferecido os mais tristes espetáculos de deserção vergonhosa. (...)

Para o nosso século de evolução, a função orgânica do governo é a justiça e o equilíbrio das liberdades individuaes. Estas alargam-se, á medida que se atrofiam as forças compressoras do governo. Em vez de esperar que elle nos mande a chuva, o sol e o pão; devemos trabalhar, unidos pelos princípios de uma politica larga, na grande obra da salvação e do melhoramento da pátria, que sofre, e da humanidade que percorre difficilmente a sua *via dolorosa*.

Quanto á evolução industrial, folgo de que esta terra tenha dado lições praticas da substituição do braço escravo pelo braço livre, ao resto do Brazil. Vejo com prazer que, n’este solo de rocha, a escravidão não medra a não ser como planta rachitica e enfesada. Espero convictamente que o Paraná há-de trancar os seus portos e levantar muralhas de bronze; afim de desviar o curso do rio negro da escravidão, o qual infelizmente corre por outras províncias. (*Diário de*

*Notícias*, 7/05/1889, “Pessimismo philosophico – resumo de uma conferência realizada em Curityba, há 15 de agosto de 1888”).

Aqueles que se chamavam de evolucionistas em geral se posicionavam como liberalistas, republicanos e abolicionistas, enquanto a maioria dos católicos conservadores era favorável à monarquia. Quanto à escravidão, havia tanto evolucionistas quanto católicos a favor de seu fim, sendo Joaquim Nabuco, um católico monarquista, uma das figuras que mais influenciaram a abolição da escravatura em 1888. Assim, a teoria da evolução promoveu no Brasil certa polarização entre liberais e conservadores ou modernos e tradicionais, embora não se possa afirmar que essa foi tão extrema quanto a reportada por Glick (1988, p. 344) na Espanha, onde o darwinismo rapidamente se transformou em um credo da esquerda e o anti-darwinismo em um pilar da direita ortodoxa. Assim como as questões da origem da vida e do homem receberam críticas e ao mesmo tempo foram conciliadas com o pensamento católico, a questão do progresso evolutivo despertou tanto a ira de conservadores quanto a simpatia de católicos que viram nessa ideia uma oportunidade de associar ciência e religião. Em todas as questões discutidas até aqui houve alternativas de conciliação entre o pensamento darwiniano e o católico e, por isso, esse tema é o enfoque do próximo tópico.

## **2.6 INTERVENÇÕES OU LEIS? A QUESTÃO DA FORMA DE GOVERNO DIVINO**

Draper observou que havia uma controvérsia furiosa sobre o método de governo divino do mundo – se este era por intervenção direta ou através do regulamento de leis. Essa era uma das questões primárias em debates sobre evolução. (BROOKE, 2003, p. 209. Tradução nossa).<sup>51</sup>

John William Draper escreveu em 1874 um dos livros que mais marcaram a visão de que os encontros históricos entre ciência e religião deveriam ser classificados

---

<sup>51</sup> “Draper observed that there was a controversy raging over the method of divine government of the world – whether this was by direct intervention or through the rule of law. This was one of the primary issues in debates over evolution.” (BROOKE, 2003, p, 209).

como conflito, com o título *História do Conflito entre Ciência e Religião*. Andrew Dickson White concordava com Draper e em seu livro *História da Guerra da Ciência com a Teologia na Cristandade* (1896), argumentou que a oposição clerical a Darwin fora um dos últimos espasmos da Igreja em uma batalha que ela estava destinada a perder (BROOKE, 2003, p. 209). A posição de Draper e White é criticada por historiadores que defendem que entre as duas instituições existem relações mais complexas que não se enquadram apenas como conflito. Ian Barbour elaborou no livro *Religião em uma Idade de Ciência* (1990) uma taxonomia que engloba quatro tipos de relação: conflito, independência, diálogo e integração. Segundo Barbour há uma tendência progressista do conflito à integração. No entanto, essa taxonomia também recebeu críticas, pois ciência e religião não formam categorias historicamente bem definidas, e o tipo de relação entre as duas pode ser artefato da fronteira que se estabelece entre elas. Essa fronteira tem sido alvo de discussões e mudanças ao longo do tempo, pois dentro dos amplos limites dos constructos “ciência” e “religião” podem ser desenhadas diferentes separações que determinam se há uma relação de conflito, separação, diálogo ou integração (HARRISON, 2006, p. 102).

Independentemente dessas classificações, Draper observa com acuidade que o darwinismo fazia parte de um debate a respeito da maneira de governo divino sobre o mundo. Descobertas na área da física demonstravam que o universo era regido por leis, e cientistas como Isaac Newton, em seu famoso livro *Philosophiæ Naturalis Principia*, defendiam que Deus controlava o cosmos por meio de leis que esse imprimiu à matéria. Religiosos liberais eram favoráveis a essa visão e propunham que a Bíblia não deveria ser interpretada literalmente, sendo assim o seu conteúdo perfeitamente compatível com a ciência. Descobertas na área da geologia, que demonstravam que a Terra era mais antiga do que diziam as interpretações bíblicas, também atiçavam o debate. Alguns geólogos, principalmente Charles Lyell, questionavam a teoria do catastrofismo, a qual era relacionada ao dilúvio de Noé relatado na Bíblia. Um ponto alto dessa questão foi a publicação, apenas alguns meses após o lançamento de *A Origem*, do livro *Essays and Reviews*, escrito por anglicanos liberais, entre eles Frederick Temple e Baden Powell, que defendiam o darwinismo. Esse livro condenava a interpretação literal bíblica e fazia várias críticas à doutrina

conservadora cristã, sendo na época uma preocupação muito maior para religiosos ingleses do que o livro de Darwin. Assim, Ruse (1975, p. 522) questiona a visão de que *A Origem das Espécies* foi um “divisor de águas” nas relações entre ciência e religião, uma vez que pessoas religiosas e o próprio clero estavam vendo a ciência com simpatia muito antes da publicação desse livro. Em muitos aspectos as diversas atitudes tomadas sobre a relação entre as duas instituições foram as mesmas antes e depois do lançamento do livro de Darwin. Assim, Ruse demonstra que era de se esperar que a teoria do naturalista fosse ter uma recepção religiosa desigual e diversificada.

Em meio às diversificadas respostas de religiosos ao livro de Darwin, a Igreja Católica não adotou uma política institucional clara e unificada a respeito da teoria da evolução (ARTIGAS, GLICK & MARTÍNEZ, 2006). Gustavo Corção critica essa falta de posicionamento em um artigo para o jornal *O Globo* em 1972, com o título “O contra-ataque cristão”. Corção comenta um livro americano com esse mesmo título, escrito pelo católico Sir Arnold Lunn e o protestante Garth Lean, no qual esses consideram vergonhosa a falta de manifestações cristãs contrárias ao evolucionismo. Corção concorda com os autores e acrescenta uma crítica à suavidade da advertência da Igreja Católica contra o padre jesuíta Teilhard de Chardin, que concilia evolução e cristianismo:

E é no ensaio “O Conflito entre a Ciência e o Materialismo”, de Arnold Lunn, cap. III, que encontramos estas palavras de ouro: “Um chocante exemplo da quase total capitulação do mundo cristão, diante do cerco de secularização, é a lamentável incapacidade que os cristãos, com algumas honrosas exceções, manifestam na controvérsia do evolucionismo. Seria desastrosa para a Igreja a adesão a **qualquer** escola de pensamento evolucionista, mas é vergonhoso o fato de terem os cristãos deixado de dizer e repetir que os cientistas sempre estiveram divididos nesse assunto, e que a teoria da evolução por vários cientistas foi aceita mais por motivos teológicos do que por motivos científicos.

Diz bem Sir Arnold Lunn: é vergonhoso pra nós não apenas o fato das omissões e fugas mas o fato mais grave da capitulação e da entrega de nossas mais importantes bandeiras culturais, e até dogmas de nossa Fé. (...) Foi vergonhoso para nós, para o mundo católico, para a Igreja, para o planeta habitado, o fato de a Hierarquia ter oposto às alucinantes fantasmagorias de Teilhard de Chardin apenas uma

tímida e **inconsequente** advertência de que todo o mundo escarneceu e da qual resultou, para a quadrilha beneficiada pelo ímpio legado do jesuíta, o maior sucesso editorial do século. (*O Globo*, 30/09/1972. Grifos originais).

Posições extremas como a de Corção, que equalizada a teoria da evolução ao materialismo e ao ateísmo, sendo impossível a sua conciliação com o cristianismo, eram raras (PAUL, 1988, p. 408), como esse mesmo reclama, tanto por parte de religiosos quanto de cientistas. Na imprensa do Rio de Janeiro foram encontrados vários exemplos do que Corção considera uma humilhante capitulação, sendo alguns já apresentados anteriormente e outros a ser discutidos a seguir.

Muitas das formas de evolução teísta consideravam que Deus seria mais inteligente ao criar uma matéria capaz de evoluir por conta própria. Esse argumento é apresentado em *Essays and Reviews*, onde Powell cita o trabalho de Darwin como uma prova do grande princípio dos poderes auto evolutivos da natureza (HIMMELFARB, 1959, p. 247). Temple e Powell acreditavam que a superintendência de Deus estava restrita ao primeiro ato de criação. De acordo com as *Bampton Lectures* (1884) de Temple, a seleção natural era uma expressão parcial das propriedades originais impressas por Deus na matéria. As partículas de material teriam poderes inerentes, que no curso ordinário do tempo fizeram evoluir criaturas viventes como as atuais (MOORE, 1979, p. 220). Assim, essa visão não suportava a crença de que Deus era o designer direto de cada espécie. Outro anglicano que compartilhava a mesma opinião era o naturalista amador Charles Kingsley, o qual foi capaz de introduzir a ideia de um mundo auto evolutivo em um romance infantil publicado em 1863, chamado de *Water Babies*. No livro, uma criança espera ver a Mãe Natureza ocupada, mas a encontra sentada com as mãos dobradas falando “eu não vou me preocupar em fazer coisas”, “Eu sento aqui e faço elas se fazerem” (HIMMELFARB, 1959, p.247. Tradução nossa)<sup>52</sup>.

Argumento semelhante ao dos anglicanos liberais na Inglaterra é usado por Miranda Azevedo em sua primeira conferência na Freguesia da Glória, em 1875, com o título “Darwinismo – seu passado, seu presente e seu futuro”. O médico procurou

---

<sup>52</sup> "I am not going to trouble myself to make things", "I sit here and make them make themselves". (HIMMELFARB, 1959, p.247).

diversas vezes em seu discurso deixar clara a fronteira que considera existir entre ciência e religião, e afirmou não haver nada de anti-religioso na teoria da evolução:

Mas, senhores, no estudo da theoria darwinista nada temos que ver com a religião. É um erro profundo, um erro que sempre tem prejudicado a sciencia, querer-se essa alliança heterogênea, sem razão de ser, entre a sciencia e a religião productos de dous factores diferentes – a razão e a fé. (*Conferencias Populares da Glória, 1876, p. 42*).

Não pretendo, porém, de maneira alguma confrontar o darwinismo com a religião, nem expor a interpretação dada por essa theoria aos factos que se ligão a algumas crenças religiosas. (*Conferencias Populares da Glória, 1876, p. 43*).

Quis hoje convencer parte do meu auditório, aquelles que nunca ouvirão fallar no darwinismo, que esta é uma matéria que nada têm de assustadora, de revolucionaria ou de anti-religiosa, porém que é um ponto scientifico de historia natural, que merece serio e reflectido estudo de todos aquelles que amão o progresso do seu paiz. (*Conferencias Populares da Glória, 1876, p. 61*).

Entretanto, o conferencista acaba entrando na discussão religiosa ao fazer uma crítica à imagem de Deus construída pela religião. Segundo o médico, a visão religiosa de um Criador que constantemente destrói e forma espécies por mero capricho é mesquinha, e tira a grandeza da Divindade com o objetivo de combater a civilização e a ciência:

Agora, senhores, vejamos em uma pequena digressão que papel é que os religiosos, filiados às lições das creações simultâneas e catastrophes repetidas querem fixar para o Creador. É reduzi-lo mais ou menos a um caprichoso omnipotente, que por um brinco, por desfastio fórma organismos vegetaes e animaes, para logo, arrependido de sua obra imperfeita, suprimil-os e destruil-os. Decorrido certo periodo volta ao seu antigo passatempo, e fórma novas espécies, novos indivíduos, conservando comtudo um ou outro que agradou-lhe por sua elegância ou qualquer outra razão.

Dizei-me, não é amesquinhar esse próprio Ente que querem engrandecer, e em cujo nome combatem a doutrina evolutiva? Ah! Senhores, é que esses adversários o que combatem é a civilização e a sciencia, não querendo render-se á própria evidencia, porque Huxley já demonstrou que a hypothese de Cuvier está em contradicção com a Biblia, o livro sagrado que lhes serve de lábaro. (*Conferencias Populares da Glória, 1876, p. 53*).

Miranda Azevedo não chega a sugerir uma conciliação entre a criação e a evolução, como fazem Temple, Powell e Kingsley, mas assim como eles propõe que um Deus que necessita interferir em sua criação com frequência parece pouco inteligente.

O literato João Zeferino Rangel de S. Paio, autor de uma série de cinco artigos com o título “Darwinismo: cartas a uma senhora”<sup>53</sup>, nos anos 1877 e 1878, no jornal *O Vulgarizador: jornal dos conhecimentos úteis*, defende a mesma ideia. Assim como as *Conferências Populares da Glória*, o jornal *O Vulgarizador* tinha o objetivo de divulgar o conhecimento científico e melhorar o nível da intelectualidade brasileira, a qual auxiliaria na construção de um Brasil mais civilizado e capaz de competir com outras nações na “luta pela sobrevivência”. Rangel S. Paio se dirigia em seus artigos a uma senhora imaginária, chamada D. Julia, a qual fazia perguntas sobre o darwinismo. Entre as questões que explica a D. Julia está a polêmica com a religião. O autor defende que o darwinismo não devia ser confundido com ateísmo, e que um Deus que cria indiretamente, por meio de leis, é superior e um Deus homem, que modela a matéria de maneira direta:

Se Darwin encontrou, como estou convencido, o segredo da criação, nada em sua teoria forçosamente autoriza a dá-la como negativa da divindade. Não é no Deus modelando o próprio retrato, que se assume toda a crença em Deus; não, minha senhora, um Deus presidindo a criação por meio de leis eternas, sábias e sublimes, um Deus – a princípio – sem forma, incompreensível à fraqueza de nossa concepção, um Deus visto em suas obras, mas não em pessoa, um Deus mistério, um Deus ser em lugar de um Deus homem, feito à imagem e semelhança, parece-me que é um Deus que melhor satisfaz a ideia de onipotência. (PAIO, 1877 *apud* VERGARA, 2009, p. 389).

Segundo Vergara (2009, p. 388), Rangel S. Paio tentava conjugar em seus artigos a teoria de Darwin com “as ideias evolucionistas desenvolvidas no Museu Nacional por Ladislau Netto e João Batista de Lacerda, que combinavam a ideia de Deus com a de

---

<sup>53</sup> Paio utiliza como recurso de divulgação científica a escrita de cartas a uma senhora fictícia, seguindo uma estratégia que remonta ao século XVII, quando Bernard de Fontenelle (1657-1757) divulgava as ideias de Descartes em *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos* (1685), que “consistia em uma explicação sobre o cosmos a uma marquesa fictícia” (Polino & Castelfranchi, 2012, tradução nossa).



seleção natural”. Assim, a conciliação entre Deus e evolução vinha por parte não apenas de religiosos, como também de cientistas.

No jornal católico *O Brasil* a questão do método de governo divino é discutida em um artigo de 1890, com o título “Evolucionismo”, de autor desconhecido. O artigo discute a possibilidade de Deus ter criado a matéria com a capacidade de evoluir por conta própria: “(...) Deos creou a materia prima de todas as cousas, mas dando a certas moléculas a virtude de se organizarem, e de se tornarem germens.”. Essa hipótese é chamada de “evolução activa”, pois a matéria tem a capacidade de agir, enquanto na “evolução passiva” Deus precisa entrar em ação para modificar a matéria:

Muitos naturalistas negando o *facto* da evolução fundando-se nas sciencias experimentaes, concedem todavia aos evolucionistas a *possibilidade* de uma evolução *activa*. Quanto a evolução *passiva*, entendemos que Deos se serve simplesmente da materia para formar uma especie, ou até de uma especie inferior para formar uma especie superior não podendo essa especie por sua propria virtude elevar-se a um grão superior.

Os que admitem a possibilidade da evolução activa affirmam que <<Deos poderia crear todas as espécies animaes ou vegetaes no *estado virtual*.” (*O Brazil*, 1890, grifo original).

O artigo segue explicando a evolução ativa e ao final credita a ideia ao jesuíta francês Albert Farges, no livro *La Vie et l'Evolution*, de 1888. Paul (1988, p. 414) cita este influente trabalho de Farges, o qual é o terceiro volume de uma série de oito *Etudes philosophiques*, “escritos para popularizar as teorias de Aristóteles e São Tomás e sua conformidade com as ciências” (tradução nossa)<sup>54</sup>. Esses estudos foram adotados em vários seminários europeus e traduzidos para o espanhol, italiano e alemão, recebendo do papa Leo XIII uma carta de aprovação. Segundo Paul (1988, p. 415), Farges aceitava a “evolução passiva sob a mão do Criador”, defendida pelo geólogo e paleontólogo francês Jean Albert Gaudry, a qual “podia ser restringida a períodos

---

<sup>54</sup> “The volume on evolution was the third of a series of eight *Etudes philosophiques* written ‘to popularize the theories of Aristotle and Saint Thomas and their agreement with the sciences.’ The *Etudes* were adopted in a great number of European seminaries and translated into Spanish, Italian and German. Leo XIII wrote a letter to give his approval.” (Paul, 1988, p. 414).

geológicos de formação do mundo, e, portanto, reconciliada com o grande princípio da normal imutabilidade das espécies.” (tradução nossa)<sup>55</sup>.

No jornal *O Paiz* encontra-se uma interessante discussão sobre a conciliação entre ciência e religião em um artigo de 1895 com o título “O transformismo e darwinismo”, do escritor português Teixeira de Queiroz. O autor começa o texto contando o caso de um médico sueco, Augusto Stridberg, que afirmou: “*o darwinismo não me fez nunca renunciar a Deus; ao contrario a ordem maravilhosa dentro da qual toda a criação se tinha desenvolvido, fortalecia as minhas presumpções de um espirito dirigente, de um legislador.*” Depois, fala do próprio Darwin, o qual tirou conclusões acerca da transformação dos órgãos de pombos “sem pensar em contradizer o texto do *Genesis*.” Teixeira de Queiroz passa então a citar trabalhos de franceses: um livro “aprovado por Sua Santidade Pio IX”, chamado *Etudes sur les origines*, de Carranrais, o qual afirma sobre o darwinismo que “a autoridade da escriptura é quasi desinteressada na questão” e um artigo “applaudido por Sua Santidade Leão XIII” de Ferdinand Brunetière, com o título *La science et la religion*, que defende que “só do darwinismo mal compreendido se podiam tirar odiosas consequências.”

Segundo Queiroz a ciência e a religião já conseguiram entrar em acordo quanto à questão do “aparecimento da luz e formação das nebulosas” e “na melindrosa questão dos *sete dias bíblicos*” (grifo original). No entanto, afirma haver controvérsia quanto à origem do homem, “apesar de alguém se ter lembrado de conciliar as coisas, dizendo que a palavra de Deus – *façamos o homem a nossa imagem e semelhança* – se poderia entender o acto de lhe dar a *dignidade de ser racional.*” (grifo original). Por fim, escreve que o darwinismo não implica a negação da existência de um Deus criador, pois como Lamarck escreveu: “a vontade de Deus é por toda a parte expressa pela execução das leis da natureza...” (*O Paiz*, 03/11/1895).

Oliveira e Silva observa em sua coluna “Rabiscos” para o jornal *Gazeta de Notícias* que “até na Igreja Católica há evolucionistas de boa fé, o que prova que já não mette medo o monstro a cuja veracidade o professor Haeckel quis entregar toda a

---

<sup>55</sup> “Farges accepted Gaudry’s ‘passive evolution under the hand of the Creator,’ which could be restricted to the geological periods of the formation of the world and thus reconciled with the great principle of the normal fixity of the species.” (Paul, 1988, p. 415).

obra espiritualista acumulada durante séculos” (*Gazeta de Notícias*, 20/05/1902). Seis anos após esta declaração o jornalista volta a escrever sobre o assunto, com o intuito de criticar o criminologista italiano Enrico Ferri e discordar de uma opinião do católico Carlos de Laet. Esse último afirma em uma conferência contra Ferri que “no evolucionismo, a hypothese está em completo desacordo com os factos” (*Gazeta de Notícias*, 30/11/1908, “Enrico Ferri”). Oliveira e Silva critica essa posição, que considera exclusivista, e propõe que “Em toda a doutrina há um fundo de verdade. O erro absoluto não existe”. Em outro artigo explica porque não concorda com Carlos de Laet, citando o padre Guibert, o qual apoia as ideias de Lamarck e escreve:

...as leis da natureza nada mais são que a expressão da vontade daquele que as estabeleceu. (...) De que modo Deus executou seu plano? Sob esse ponto não penso que as respostas possam ser outra coisa que não simples hypotheses: a hypothese evolucionista moderada e espiritualista e o criacionismo fixista (*Gazeta de Notícias*, 7/12/1908, “Evolucionismo”).

Entre essas duas opções o padre se manifesta a favor do evolucionismo, pois Deus seria mais glorioso se criasse de maneira indireta as espécies:

Parece-nos mais gloriosos a Deus, e mais conforme com seus processos ordinários, que elle tenha formado as espécies vivas pela evolução, isto é, como causa primeira. Prefiro esta hypothese às creações sucessivas em que Deus entra, como causa imediata de cada espécie. (*Gazeta de Notícias*, 7/12/1908, “Evolucionismo”).

Assim, Oliveira e Silva conclui que o evolucionismo, com as devidas restrições, tem conquistado sábios católicos, e aplica essa ideia ao progresso moral da humanidade:

A hypothese evolucionista vai conquistando, francamente, a adesão dos sábios catholicos, desde que se façam as restrições devidas, de modo a não afastar a Omnipotencia, mostrando, pelo contrario, sua obra mais grandiosa pela acção das causas segundas que existem no seio da natureza. (...)  
O mundo moral também evolue: a humanidade, firmando-se sempre nas lições do passado, caminha para o futuro, adquirindo novas experiências.  
Quando se diz que o evolucionismo está em contradição com os factos, deve se explicar que se trata do evolucionismo monista.

Desde que Deus seja reconhecido como Causa Primeira, não é maior glória sua deixar agirem as causas segundas? (*Gazeta de Notícias*, 7/12/1908, "Evolucionismo").

Na segunda metade do século XX, a reação católica às ideias de Darwin ganhou uma nova feição com o advento das chamadas "teorias" do design inteligente, que tiveram como um dos seus maiores defensores o americano católico Michael Behe. Entretanto, esse movimento teve pouco ou nenhuma acolhida no pensamento católico brasileiro, razão pela qual não será abordado aqui.

## Considerações Finais

Pode-se aceitar como verdade algo que do outro lado da fronteira se torna uma completa falsidade? <sup>56</sup>

Essa é a pergunta que tanto cientistas quanto católicos de alguma maneira tiveram que enfrentar ao debaterem a pertinência da teoria darwiniana da evolução. Viu-se, por exemplo, que a ausência de provas para a transformação de uma espécie em outra foi apontada tanto pelo jornal católico *O Apóstolo* (p. 49 e 50), quanto pelo positivista Oscar de Araújo como falha da teoria da evolução (p. 54). Esse chega a classificar a teoria de Darwin como teologia, e não ciência, enquanto diversos católicos a associavam justamente ao positivismo. O padre Sena de Freitas concorda com Araújo, afirmando que darwinismo não é ciência, é apenas uma hipótese (p. 49). O católico conservador Gustavo Corção, por outro lado, afirma que o darwinismo só pode ser chamado de ciência se permanecer como hipótese, afinal ciência não pode afirmar certezas, ao contrário do que pensa Sena de Freitas (p. 73). Até mesmo o monismo de Haeckel é classificado como religião e não ciência, pelo católico Henrique Euclides da Silva. Para esse a teoria da evolução não significou uma ruptura entre cientistas e religiosos, mas sim entre os que consideravam as duas incompatíveis, como Haeckel, e os que defendiam a sua conciliação (p. 67). A integração entre ideias evolutivas e religião era operada tanto por católicos, como Joaquin Nabuco (p. 60), Oliveira e Silva (p. 97), padre Camille Torrend S. J. (p. 64) e escritores do jornal católico *O Brazil* (p. 95), quanto por cientistas, como Ladislau Netto e João Batista de Lacerda, do Museu Nacional, e o intelectual João Zeferino Rangel de S. Paio (p. 94). Mesmo os críticos do darwinismo, como Aureliano Pimentel (p. 53), Feliciano Pinheiro de Bittencourt (p. 51), Carlos de Laet (p. 62), Gustavo Corção e em geral os escritores dos jornais católicos *O Apóstolo*, *A União* e *A Ordem* acreditavam ser a ciência

---

<sup>56</sup> Pergunta retirada de um artigo da sobrinha de Darwin, Julia Wedgood, escrito para a revista *Macmillan's Magazine*, contendo uma análise sobre *A origem das espécies*, com uma conversa fictícia sobre as fronteiras entre ciência e religião. A pergunta é proferida por um dos protagonistas da história de Julia. (BROWNE, 2011, p. 199).

compatível com a fé, sempre citando referências de cientistas em seus comentários. Corção, grande crítico das ideias conciliadoras do padre jesuíta Teilhard de Chardin, chega até mesmo a admitir a origem símia do homem, desde que associada a uma intervenção divina na formação da alma humana (p. 72). Poucos exemplos de defensores da incompatibilidade foram encontrados, como o criminologista italiano Enrico Ferri e o coronel Rodolpho Pau Brasil, o qual apesar de ser a favor da substituição da religião pela ciência, considerava fundamental o papel daquela no surgimento desta. Houve também quem argumentava que não havia problema de compatibilidade, mas simplesmente uma separação, pois ciência e religião dizem respeito a domínios diferentes que não conflitam. Miranda Azevedo (p. 93) é um exemplo dessa posição, semelhante a do físico inglês John Tyndall. Ambos utilizam esse argumento com o intuito de retirar da religião a autoridade da construção do conhecimento (p. 51). Feliciano Pinheiro de Bittencourt discute a mesma separação, porém, diferente de Azevedo, argumenta que o domínio da ciência - o mundo físico, e o da religião - o mundo moral, apesar de serem diferentes possuem ligações (p. 51). Dessa forma, os argumentos usados por cada parte se cruzaram de diversas maneiras, e de ambos os lados partem tanto críticas quanto elogios.

As atitudes daqueles que representam e constroem as instituições da ciência e da religião são tomadas como parâmetros para a formação dos elementos que simbolizam cada uma. Assim, ideologias de cientistas se tornam o *ethos* da ciência e encíclicas papais viram dogmas da Igreja. Por outro lado, as instituições são também reificadas e consideradas como independentes das ações de seus membros. Como escreve o padre Sena de Freitas em 1905 na revista *Estudos Sociais*, em uma crítica a historiadores “os Papas não são o pontificado, assim como os católicos não são o catolicismo” (FREITAS, 1905, p. 385). O padre defende que a Igreja não deve ser julgada pela conduta de seus adeptos, como fazem muitos historiadores, por exemplo, ao rotular o catolicismo como contrário à ciência devido à condenação de Galileu. Enquanto essa confusão entre indivíduo e instituição é frequente para a religião, o mesmo não pode ser observado para a ciência. Na maioria das discussões sobre darwinismo e catolicismo apresentadas nesse trabalho observa-se que cientistas são criticados por religiosos, entretanto, a opinião desses sobre a instituição ciência

permanece favorável mesmo quando se considera errado, ou até mesmo imoral, o que dizem ou fazem os cientistas. A imagem da ciência como conhecimento verdadeiro e útil ao progresso da humanidade parece ter sido popularizada e incorporada com sucesso apesar de todas as falhas de cientistas. Católicos não são ingênuos a ponto de considerar como verdade todo o conhecimento classificado como científico, porém, quando criticam teorias como o darwinismo, o fazem por meio da afirmação de que essas não são ciência, pois caso fossem não apresentariam os problemas que apontam.

O darwinismo não é introduzido no Brasil numa época de discussões entre ciência e religião, como na Inglaterra, e também não gera essas discussões de maneira significativa e imediata. Entretanto, embora um movimento organizado para debater as fronteiras entre ciência e religião tenha surgido no Brasil apenas no início do século XX, com o que foi chamado de reação católica, encontram-se na imprensa do Rio de Janeiro vários casos nos quais o darwinismo levou a uma discussão sobre os limites entre essas duas instituições. Villaça (2006), citando Francisco Iglésias (*Estudo sobre o Pensamento Reacionário de Jackson de Figueiredo*, 1962, p. 26), explica a ausência de um grupo consolidado para fortalecer a fé contra ameaças da ciência e da política liberal como resultado de uma fraqueza na formação filosófica dos intelectuais católicos, que se perdem em disputas isoladas:

Se alguns escritores se distinguem na luta pelo fortalecimento da fé, contra positivistas, liberais indiferentes, maçons, não têm maior importância, pois não criam escola; nenhum deles – Carlos de Laet, Eduardo Prado, Felício dos Santos, Afonso Celso – tem idéia muito clara do que deve fazer – falta-lhes formação filosófica mais segura e consciência exata do problema, de modo que se perdem em polêmicas, na denúncia do que lhes parece errado, de acordo com o gosto muito comum dos escritores católicos por esse tipo de disputa. (VILLAÇA, 2006, p. 62-62).

Apesar do darwinismo no Brasil não promover uma associação organizada de religiosos em defesa de suas crenças, como na Inglaterra, ou uma polarização extrema entre liberais e conservadores, como na Espanha, as discussões na imprensa revelam a existência de cientistas e religiosos preocupados em debater a teoria da evolução e

adotar uma posição em relação a essa. Esses não foram muito originais em seus argumentos, sempre indicando referências de onde retiravam suas palavras, principalmente de intelectuais franceses ou alemães. Porém, isso não significa que o assunto deva ser menosprezado no país, pois a inserção de uma ideia em uma sociedade não depende exclusivamente da atividade inovadora de seus intelectuais, havendo maneiras mais sutis pelas quais um pensamento passa a predominar em determinado contexto. O nome de Darwin e a palavra evolução são frequentes em periódicos do Rio de Janeiro, desde artigos que tratam sobre o tema, como os apresentados neste trabalho, até propagandas de produtos, charges, filmes e conversas em barbearias. Darwin chega a virar pseudônimo de um artista homem que se veste de mulher, em um ato chamado na época de transformismo, mesmo nome atribuído à teoria da evolução no final do século XIX e início do século XX. São detalhes que parecem pequenos, porém sua frequência demonstra que o darwinismo não passou despercebido no Brasil, e sua recepção é um tema rico a ser explorado, em especial quanto à interação com a religião. O conhecimento sobre as origens interessa e intriga o ser humano nos mais variados contextos, culturas e épocas, e não se trata de um questionamento exclusivo de determinados grupos de intelectuais. Estuda-lo em periódicos populares configura um esforço para compreender o formato que ideias científicas tomam no âmbito cotidiano e passam a transformar realidades e visões de mundo.



## Referências

**Lista de periódicos consultados no portal da Hemeroteca Digital Brasileira (<http://hemerotecadigital.bn.br/>):**

*A União* (1905-1950)

*Annaes Brasiliensis de Medicina* (1851-1885)

*Conferencias Populares da Glória* (1876)

*Correio Mercantil: e Instructivo, Politico, Universal* (1848-1868)

*Diário de Notícias* (1885-1895)

*Fon Fon: semanário alegre, político, crítico e esfusante* (1907-1945)

*Gazeta de Notícias* (1875-1956)

*Jornal do Brasil* (1891-2012)

*O Apostolo: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade* (1866-1901)

*O Besouro: folha illustrada humorística e satyrica* (1878)

*O Brazil* (1890-1891)

*O Globo: orgão dos interesses do commercio da lavoura e da industria* (1874-1883)

*O Mequetrefe* (1875-1893)

*O Mosquito: jornal caricato e critico* (1872-1877)

*O Paiz* (1884-1934)

*O Pharol Constitucional* (1842-1844)

*O Tempo* (1891-1894)

*Revista do Rio de Janeiro* (1876-1877)

*Vida: revista universitária* (1934-1936)

**Páginas consultadas no acervo digital do jornal *O Globo* (<http://acervo.oglobo.globo.com>):**

*Deus e a Ciência no país do futebol*, de Arnaldo Bloch. Data: 29/07/2012. Disponível em:

<<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=darwin+puc+rio+padre+Josaf%C3%A1+Carlos+de+Siqueira>> Acesso em: 03/02/2014.

*Diferentes noções de progresso I*, de Gustavo Corção. Data: 30/10/1976. Disponível em:

<<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=gustavo+cor%C3%A7%C3%A3o+diferentes+no%C3%A7%C3%B5es+de+progresso&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado>> Acesso em: 03/02/2014.

*Implicações do evolucionismo*, de Gustavo Corção. Data: 12/01/1974. Disponível em:

<<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=gustavo+cor%C3%A7%C3%A3o+im+plica%C3%A7%C3%B5es+do+evolucionismo>> Acesso em: 03/02/2014.

*Matéria e Espírito*, de Gustavo Corção. Data: 03/06/1976. Disponível em:

<<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=gustavo+cor%C3%A7%C3%A3o+mat%C3%A9ria+e+esp%C3%ADrito+evolu%C3%A7%C3%A3o&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado>> Acesso em: 03/02/2014.

*Monogenismo e Poligenismo*, de Gustavo Corção. Data: 28/09/1972. Disponível em:

<<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=gustavo+cor%C3%A7%C3%A3o+evolucionismo&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado>> Acesso em: 03/02/2014.

*O contra-ataque cristão*, de Gustavo Corção. Data: 30/09/1972. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacao>Data=relevancia&allwords=gustavo+cor%C3%A7%C3%A3o+evolucionismo&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado>> Acesso em: 03/02/2014.

*O móvel e o imóvel*, de Gustavo Corção. Data: 21/01/1978. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacao>Data=relevancia&allwords=gustavo+cor%C3%A7%C3%A3o+a+irreversibilidade+da+desordem+&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado>> Acesso em: 03/02/2014.

## **Bibliografia**

BASTOS, M. H. C. 2007. A Liga do Ensino no Brasil e a Revista Liga do Ensino (1883-1884). **História da Educação**, Vol. 11, No. 21, pp. 225-246.

BOWLER, P. J. 2003. **Evolution: the history of na ideia – 3rd ed., completely revised and expanded**. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, California. 464p.

BROOKE, J. H. 2003. “Darwin and Victorian Christianity”. **The Cambridge Companion to Darwin**, ed. Jonathan Hodge and Gregory Radick, pp. 192-211.

BROOKE, J. H. 2011. Reviews: Darwin and Catholicism. The past and presente dynamics of a cultural encounter. **The Journal of Ecclesiastical History**, Vol. 62, pp. 643-645.

BROWNE, J. 2011. **Charles Darwin : o poder do lugar**. Tradução Otacílio Nunes. São Paulo: Aracati / Editora Unesp. 736p.

CABRAL, J. R. 2011. Sacramentada pela Fé: discurso católico sobre a ciência no Brasil do século XX (1921-1942). Tese (Doutorado em História das Ciências e das Saúdes) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

CANNON, W. F. 1961. The Bases of Darwin's Achievement: A Revaluation. **Victorian Studies**, Vol. 5, No. 2, pp. 109-134

CANTOR, G. & KENNY, C. 2001. Barbour's fourfold way: problems with his taxonomy of science-religion relations. **Zygon**, Vol. 36, No. 4, pp. 765-781.

CARULA, K. 2007. **As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

CARULA, K. 2012. **Darwinismo, raça e gênero: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CASTELFRANCHI, Y.; VILELA, E. M.; LIMA, L. B.; MOREIRA, I. C. & MASSARANI, L. 2013. As opiniões dos brasileiros sobre ciência e tecnologia: o ‘paradoxo’ da relação entre informações e atitudes. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Vol. 20, Supl. 1. Rio de Janeiro, pp. 1163-1183.

CHALMERS, A. F. 1993. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense.

CID, M. R. L. & WAIZBORT, R. 2009. O darwinismo de Miranda Azevedo e o progresso da nação. In: **Darwinismo meio ambiente sociedade**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria Ltda. pp. 303-311.

CID, M. R. L. **O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro.

COLLICHIO, T. A. F. 1988. **Miranda Azevedo e o Darwinismo no Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp.

COLP, R. Jr. 1982 The myth of the Darwin-Marx letter. **History of Political Economy**, Vol. 14:4, pp. 461-482.

DARWIN, C. 1849. Letter 2469. **Darwin Correspondence Database**. Disponível em: <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-4738> Acesso em: 03/1/2014.

DARWIN, C. 1865. Letter 4748. **Darwin Correspondence Database**. Disponível em: <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-2469> Acesso em: 03/01/2014.

DARWIN, C. 1863. Letter 4065. **Darwin Correspondence Database**. Disponível em: <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-4065> Acesso em: 27/01/2014.

DARWIN, C. 2005. **A Origem das Espécies**. Tradução John Green. São Paulo: Editora Martin Claret.

DARWIN, C. 2004. **A Origem das Espécies**. Tradução de Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro.

DARWIN, C. 2000. **Autobiografia 1809-1882**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.

DARWIN, F. (Ed.). 1887. **The life and Letters of Charles Darwin**, Vol. 3. London: John Murray.

DOMINGUES, M. B. & SÁ, M. R. 2003. Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX. In: DOMINGUES, M. B., SÁ, M. R., GLICK, T. F. (org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, pp. 97-123.

DUARTE, R. H. 2010. **A biologia militante – o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil 1926-1945**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

ELLEGARD, A. 1958. Public Opinion and the Press: Reactions to Darwinism. **Journal of the History of Ideas**, Vol. 19, No. 3, pp. 379-387.

ENGELS, F. 1883. **Dialektik der Natur**. Tradução inglesa 1934. **Dialectics of Nature**. Traduzido por C. Dutt. Moscow: Progress Publishers.

FREITAS, S. 1905. A intolerância católica e as suas raías. **Estudos Sociais**, Vol. 1, No. 10, pp. 461-464.

FONSECA-AZEVEDO, K. & HERCULANO-HOUZEL, S. 2012. Metabolic constraint imposes tradeoff between body size and number of brain neurons in human evolution. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, Vol. 109, pp. 18571-18576.

GERRATANA, Valentino. Marx and Darwin. **New Left Review**, 35 (1974), p. 60–82.

GIANNOTTI, J. A. 1978. Comte (1798-1857): Vida e Obra. In: **Comte – Os pensadores**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural.

GIERYN, T. F. 1983. Boundary-Work and the Demarcation of Science from Non-Science: Strains and Interests in Professional Ideologies of Scientists. **American Sociological Review**, Vol. 48, pp. 781-795.

GLICK, T. F. (Ed.). 1988. **The comparative reception of Darwinism**. University of Chicago Press.

GLICK, T. F. 2003. Introdução. In: DOMINGUES, M. B., SÁ, M. R., GLICK, T. F. (org.). 2003. **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

GLICK, T. F. 2010. The Comparative Reception of Darwinism: A Brief History. **Science & Education**, Vol. 19, pp. 693-703.

GOULD, S. J. 1999. **Darwin e os grandes enigmas da vida**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

GREGORY, F. 1986. The impact of Darwinian evolution on Protestant theology in the nineteenth century. **God & Nature: Historical Essays on the Encounter between Christianity and Science**, ed. David C. Lindberg and Ronald L. Numbers, pp. 369-90.

GUALTIERI, R. C. E. 2003. O Evolucionismo na Produção Científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915). In: In: DOMINGUES, M. B., SÁ, M. R., GLICK, T. F. (org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, pp. 45-96.

GUALTIERI, R. C. E. 2008. **Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915**. São Paulo: Editoria Livraria da Física.

HARISSON, P. 2006. "Science" and "Religion": Constructing the Boundaries. **The Journal of Religion**, Vol. 86, No. 1, pp. 81-106.

HIMMELFARB, G. 1959. **Darwin and the Darwinian Revolution**. Londres: Chatto and Windus.

HJERMITSLEV, H. H. 2011. Protestant Responses to Darwinism in Denmark, 1859-1914. **Journal of the History of Ideas**, Vol. 72, No. 2, pp. 279-303.

HULL, D. L. 1984. Evolutionary Thinking Observed. **Science**, Vol. 223, No. 4639, pp. 923-924.

HULL, D. L. 1988. Darwinism and Historiography. In: GLICK, T. F. (Ed.). **The comparative reception of Darwinism**. University of Chicago Press, pp. 388-402.

JABLONKA, E. & LAMB, M. J. 1995. **Epigenetic Inheritance and Evolution: the Lamarckian Dimension**. Oxford University Press.

JÚNIOR, C. R. V. 2013. **Os "curiosos da ciência": Freire Allemão e as práticas etnográficas no Brasil do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciência Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

LEAKEY, R. E. 1982. Introdução – Darwin e sua Teoria. In: **A Origem das Espécies, edição ilustrada, condensada e com introdução de Richard E. Leakey**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília/Melhoramentos.

LIGHTMAN, B. 2004. Scientists as materialists in the periodical press: Tyndall's Belfast Address. In Cantor & Shuttleworth (Eds.), pp. 199-238.

LIGHTMAN, B. 2009. Darwin and The Popularization of Evolution. **Notes and Recods of The Royal Society**. pp. 1-20.

MARTÍNEZ, R. A. 2007. El Vaticano y la evolución. La recepción del darwinismo em el archivo del Índice. **Scripta Theologica**, Vol. 39, No. 2, pp. 529-549.

MARTÍNEZ, R. A. 2009. Negotiating Darwin. The Vatican Confronts Evolution (1877-1902). Autocrítica. **Anuario de Historia de la Iglesia**, Vol. 18, pp. 85-97.

MASSARANI, L. 1988. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em C&T (IBICIT) e Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOORE, J. R. 1979. **The Post-Darwinian Controversies: A Study of the Protestant Struggle to Come to Terms with Darwin in Great Britain and America, 1870-1900**. Cambridge University Press, Cambridge.

MORENO, R. 1988. Mexico. In: GLICK, T. F. (Ed.). **The comparative reception of Darwinism**. University of Chicago Press, pp. 346-374.

OLIVEIRA, C. E. F. 2010. Tipógrafos, redatores e leitores: aspectos da imprensa periódica no Primeiro Reinado. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Vol. 2, No. 3, pp. 1-12.

PAIM, A. 1997. **A Escola do Recife. Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil – Vol. V**. 3 ed. São Paulo: Editora UEL.

PAUL, H. W. 1988. Religion and Darwinism: Varieties of Catholic Reaction. In: GLICK, T. F. (Ed.). **The comparative reception of Darwinism**. University of Chicago Press, pp. 403-436.

PAULA, C. J. de. 2011. Gustavo Corção e a reação do Concílio Vaticano II no Brasil. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, pp. 1-16.

PAULO II, J. **Mensaje del santo padre Juan Pablo II a los miembros de la Academia Pontificia de Ciencias**. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/messages/pont\\_messages/1996/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19961022\\_evolutione\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1996/documents/hf_jp-ii_mes_19961022_evolutione_sp.html) Acesso em: 28/01/2014.

PEREIRA, A. L. 2010 The Reception of Darwin in Portugal (1865-1914). **Revista Portuguesa de Filosofia**, Vol. 66, Fasc. 3, pp. 643-660.

PINHEIRO FILHO, F. A. 2007. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, Vol. 19, No. 1, pp. 33-49.

POLINO, C. & CASTELFRANCHI, Y. 2012. Comunicación pública de la ciencia. Historia, prácticas y modelos. In: Aibar, E.; Quintanilla, M.A.. (Org.). **Enciclopedia IberoAmericana de Filosofía: Ciencia, tecnología y sociedad**. 1ed. Madrid: Editorial Trotta, Vol. 32 pp. 351-378.

RUSE, M. 1975. The Relationship between Science and Religion in Britain, 1830–1870. **Church History**, Vol. 44, Issue 04, pp. 505-522.

SANTOS, R. V.; FRY, P. H.; MONTEIRO, S.; MAIO, M. C.; RODRIGUES, J. C.; BASTOS-RODRIGUES, L. & PENA, S. D. J. 2009. Color, race, and genomic ancestry in Brazil: dialogues between anthropology and genetics. **Current Anthropology**, Vol. 50, pp. 787–819.

SAPUCAIA, A. **O lendário Costa Rego**. Maceió: Edufal, 2000.

SCHWARCZ, L. M. 2003. O Espetáculo da Miscigenação. In: DOMINGUES, M. B., SÁ, M. R., GLICK, T. F. (org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, pp. 165-178.

SCHWARCZ, L. M. 1999. **The spectacle of the races: Scientists, institutions and the race question in Brazil, 1870–1930**. New York: Hill and Wang.

SILVA, P. 2009. Estudos Sociais: percursos temáticos de um ímpeto reformista (1905-1911). **Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias**, Vol. 26, p. 173-214.

SOUZA, G. G. de C. 2009. Conferências de Agassiz após o seu retorno da Amazônia (maio de 1866). In: **Darwinismo meio ambiente sociedade**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria Ltda. pp. 285-295.

STEBBINGS, R. E. 1988. France. In: GLICK, T. F. (Ed.). **The comparative reception of Darwinism**. University of Chicago Press, pp. 117-163.

VERGARA, M. de R. 2009. Gênero e divulgação do darwinismo n'O Vulgarizador: jornal dos conhecimentos úteis (1877-1880). In: **Darwinismo meio ambiente sociedade**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria Ltda. pp. 285-295.

VILLAÇA, A. C. 1975. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

VILLAÇA, A. C. 2006. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

WHEWELL, J. 1860. Letter 2634. **Darwin Correspondence Database**. Disponível em: <http://www.darwinproject.ac.uk/entry-2634>. Acesso em: 14/01/2014.